

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**JAQUELINE PEIXOTO VIEIRA DA SILVA**

**ESPIRITISMO E EDUCAÇÃO: EURÍPEDES BARSANULFO E O COLÉGIO ALLAN  
KARDEC / SACRAMENTO-MG (1880 – 1918)**

**Uberlândia**

**2017**

JACQUELINE PEIXOTO VIEIRA DA SILVA

ESPIRITISMO E EDUCAÇÃO: EURÍPEDES BARSANULFO E O COLÉGIO ALLAN  
KARDEC / SACRAMENTO-MG (1880 – 1918)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto César de Noronha

Uberlândia

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

S586e Silva, Jaqueline Peixoto Vieira da, 1980-  
2017 Espiritismo e educação : Eurípedes Barsanulfo e o Colégio Allan  
Kardec / Sacramento-MG (1880-1918) / Jaqueline Peixoto Vieira da  
Silva. - 2017.

154 f. : il.

Orientador: Gilberto César de Noronha.

Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em História.

Inclui bibliografia.

1. História - Teses. 2. Educação e espiritismo - Sacramento (MG) -  
História - Teses. 3. Sacramento (MG) - História - Teses. 4. Barsanulfo,  
Eurípedes, 1880-1918 - Teses. I. Noronha, Gilberto César de. II.  
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em  
História. III. Título.

---

CDU: 930

ESPIRITISMO E EDUCAÇÃO: EURÍPEDES BARSANULFO E O COLÉGIO ALLAN  
KARDEC / SACRAMENTO-MG (1880 – 1918)

Dissertação apresentada e defendida em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

Membros Titulares:

---

Orientador: Prof. Dr. Gilberto César de Noronha (UFU)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jacy Alves de Seixas (UFU)

---

Prof. Dr. Tadeu Pereira dos Santos (UFG – Jataí)

Suplentes:

---

Prof. (a) Dr. (a): Raphael Alberto Ribeiro – Facip-UFU

---

Prof. (a) Dr. (a): Radamés Vieira Nunes – UFT – Campus Porto Nacional

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao financiamento FAPEMIG, imprescindível para a realização desta pesquisa.

À orientação atenta e cuidadosa do professor Dr. Gilberto César de Noronha, que admiro imensamente como ser humano e pela trajetória de trabalho.

À orientação, contribuição e avaliação da professora Dr<sup>a</sup>. Jacy Alves de Seixas, na etapa da qualificação.

Aos professores e professoras do Instituto de História / UFU.

Aos secretários e secretárias do Instituto de História / UFU.

À professora e amiga Dr<sup>a</sup>. Adrianly de Ávila Melo Sampaio, Instituto de Geografia / UFU.

Aos habitantes da cidade de Sacramento-MG, pela acolhida, atenção e relatos sobre o Colégio Allan Kardec e Eurípedes Barsanulfo, durante a realização desta pesquisa.

Aos meus familiares, com quem tenho relações duras e pouco compreendidas em diversos momentos, agradeço pela presença na caminhada da vida.

A todos os meus amigos e amigas, de longe e de perto.

*De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada, quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores.*

Le Goff

## RESUMO

A proposta deste trabalho é o estudo das relações entre a memória de Eurípedes Barsanulfo e o Colégio Allan Kardec, entre 1880 a 1918. Barsanulfo está entre os pioneiros do espiritismo no Triângulo Mineiro. Ele foi professor, vereador, fundador de colégio e farmácia espíritas, fundador do primeiro centro espírita urbano em Sacramento-MG e médium. Experimentou uma vida social intensa e ficou registrado nos quadros sociais da memória com reconhecimento nacional e internacional, principalmente entre os espíritas. O Colégio Allan Kardec, no primeiro período de funcionamento (1907 – 1918) se destacou por ser o primeiro colégio espírita regular no Brasil e por oferecer ensino gratuito e métodos pedagógicos pioneiros no início do século XX. Este estudo foi desenvolvido em torno das questões e problemas da História e Memória. O indivíduo e o colégio são alimentados pela memória exercitada. Uma memória que posiciona Barsanulfo como um dos cânones do movimento social religioso espírita no Brasil, destacado entre os médiuns espíritas e lembrado nos lugares de memória, está entre os personagens importantes para os espíritas. A problemática desenvolvida neste estudo foi em direção à compreensão da formação do movimento social espírita de base teórica kardequiana no Triângulo Mineiro. Um movimento iniciado a partir de indivíduos e famílias espíritas, em uma região majoritariamente católica, que vivenciou confrontos ideológicos na passagem do século XIX para o XX. Defende-se, neste estudo que, compreender a formação da identidade e da representação espírita é fundamental para o entendimento do movimento social religioso que chega até os dias presente. Recorrendo a referenciais teóricos dos estudos da memória e da história da educação, a metodologia de pesquisa se pautou no estudo e investigação das primeiras narrativas memorialistas sobre Barsanulfo e o Colégio Allan Kardec. As ações antropológicas de observação e investigação nos lugares de memória que remetem à Barsanulfo e ao Colégio Allan Kardec, nas cidades de Sacramento, Uberaba e Uberlândia também foram importantes, com visita às casas espíritas, museus e reuniões espíritas. Os resultados apresentados mostram a formação do movimento social religioso espírita no Triângulo Mineiro, com a construção da representação e identidade a partir da memória sobre Barsanulfo e o Colégio Allan Kardec.

**Palavras-Chave: História. Memória. Eurípedes Barsanulfo. Colégio Allan Kardec.**

## **ABSTRACT**

The proposal of this work is the study of the relations among the memory of Eurípedes Barsanulfo and the College Allan Kardec, between 1880 and 1918. Barsanulfo is among the pioneers of spiritism in the Triângulo Mineiro region. He was a professor, alderman, founder of a college and a spiritist pharmacy, founder of the first urban spiritism center in Sacramento-MG and medium. He experienced an intense social life and was registered in the social frameworks memory with national and international recognition, mainly among spiritists. The Allan Kardec College, in the first period of operation (1907-1918), stood out as the first regular spiritist school in Brazil to offer free education and pioneering pedagogical methods in the early 20th century. This study was developed around the issues and problems of History and Memory. The individual and the college are nourished by the memory exercised. A memory that positions Barsanulfo as one of the canons of the spiritist religious social movement in Brazil, highlighted among the spirit mediums and remembered in the places of memory, is among the important characters for the spiritists. The problem developed in the study was towards the understanding of the social movement formation with the theoretical Kardequian base in the Triângulo Mineiro region. A movement initiated from individuals and spiritual families, in a mostly Catholic region that experienced ideological confrontations in the passage from the nineteenth century to the twentieth. In this study, it is argued that understanding the formation of Spiritist identity and representation is fundamental for the understanding of religious social movement that reaches the present days. Using theoretical frameworks for memory and educational history studies, the research methodology was based on the study and investigation of the first memorialist narratives on Barsanulfo and Allan Kardec College. The anthropological actions of observation and research in the places of memory that refer in Barsanulfo and to the Allan Kardec College in the city of Sacramento, Uberaba and Uberlândia were also important, with visits to spiritist houses, museums and spiritist meetings. The results show the formation of the spiritist religious social movement in the Triângulo Mineiro region, with a construction of representation and identity from the memory of Barsanulfo and the College Allan Kardec.

**Keywords: History. Memory. Eurípedes Barsanulfo. Allan Kardec College.**



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Auditório do Colégio Allan Kardec, com destaque para o retrato de Barsanulfo na parede (canto direito), 2017.....	12
Figura 2 - Retrato artístico de Eurípedes Barsanulfo. Reprodução do mesmo que está localizado no auditório do Colégio Allan Kardec. ....	12
Figura 3 – Quadro de diretores no Colégio Allan Kardec.....	32
Figura 4 – Quadro de acontecimentos no Colégio Allan Kardec e fatos históricos nacionais.....	35
Figura 5 - Mapa de localização do município de Sacramento-MG.....	40
Figura 6 - Mapa atual de localização da Fazenda Santa Maria (entre as cidades de Sacramento-MG e Conquista-MG). ....	42
Figura 7 - Localização dos principais povoados, picadas e caminhos no oeste mineiro entre 1750 a 1800. ....	43
Figura 8 - Sacramento-MG, década de 1920. Rua 6 de Novembro, atual rua Clemente Araújo. ....	44
Figura 9 - Safra de café chegando nas máquinas dos Crema (Silvio Crema), Sacramento, década de 1960. ....	45
Figura 10 - Mapa de localização da Estação do Cipó, Sacramento-MG. Desenho de Lester Scalon, [1889?]. ....	51
Figura 11 - Foto de alunos e professores em frente ao Colégio Caraça. ....	56
Figura 12 - Prédio onde funcionou o Colégio Miranda, no início do século XX, na Av. Benedito Valadares, centro da cidade, Sacramento-MG.....	57
Figura 13 - Banda de Música do Colégio Miranda, em Sacramento-MG, 1895.....	61
Figura 14 - Casa Mogico – Estabelecimento comercial da família Mogico e Meca. Fotografia, 1944. ....	63
Figura 15 - Meninas, professoras e freiras da escola feminina Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento-MG, aproximadamente 1905.....	66
Figura 16 - Prédio onde funcionou o Liceu Sacramentano, início do século XX, na antiga avenida Municipal, Sacramento-MG.....	70
Figura 17 - Centro Espírita Fé e Amor – Fazenda Santa Maria, Sacramento-MG, 2016.....	80
Figura 18 - Trecho final da ata de abertura do Centro Espírita Esperança e Caridade. ....	86
Figura 19 - Nota de compra de matéria prima utilizada na Farmácia Esperança e Caridade... ..	90
Figura 20 - Nota de compra de matéria prima utilizada na Farmácia Esperança e Caridade... ..	91
Figura 21 - Carta recebida por Barsanulfo em 25 de novembro de 1911.....	97
Figura 22 - Aquarela. Aplicação do método de Lancaster, de Giovanni Migliara Confalonieri e Pellico. ....	122
Figura 23 - Ilustração. Modelo mútuo/monitorial: estudantes diante do painel de ensino recebendo o conhecimento oferecido pelo monitor.....	122
Figura 24 - Salão de ensino, Colégio Allan Kardec, fotografia do início do século XX. ....	130
Figura 25 - Salão de ensino do Colégio Allan Kardec. Atualmente este espaço é utilizado como anfiteatro para as reuniões e palestras espíritas organizadas pelo Grupo Espírita Esperança e Caridade.....	131
Figura 26 - Estudantes do Colégio Allan Kardec, professores e professora. Os professores e professora, da esquerda para a direita são: Orcalino de Oliveira, Eurípedes Barsanulfo, Maria Golçalves e Waltersides Willon, 1913. ....	133
Figura 27 - Colégio Allan Kardec. Influência da arquitetura neoclássica e eclética. ....	135

Figura 28 - Pátio do Colégio Allan Kardec, destaque para as mangueiras centenárias. Local para a recreação e também onde ocorriam aulas ao ar livre. ....	136
Figura 29 - Destaque à placa de identificação do pátio do Colégio Allan Kardec. ....	136
Figura 30 - Pátio do Colégio Allan Kardec, destaque ao jasmineiro, plantado por Barsanulfo e estudantes. A planta é preservada com cuidado pelos mantenedores da instituição. ....	137
Figura 31 - Destaque à placa de identificação do Jasmineiro. Colégio Allan Kardec. ....	138

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1 - Tramas da memória e história .....</b>	<b>22</b>
<b>CAPÍTULO 2 - Eurípedes Barsanulfo, imagens do fundador do Colégio Allan Kardec.....</b>	<b>40</b>
<b>CAPÍTULO 3 - Colégio Allan Kardec: ideias pedagógicas e práticas educativas.....</b>	<b>111</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>145</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>146</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>151</b>

## INTRODUÇÃO

Estive em Sacramento-MG, pela primeira vez, em 2012, em trabalho de campo coordenado pela professora Dr.<sup>a</sup> Adrianly de Ávila Melo Sampaio, do Instituto de Geografia, da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Na época, a professora elaborou esta atividade preparada para uma turma de graduação em geografia que estudava práticas de ensino. Eu participei desta atividade como ouvinte.

Antes da viagem assistimos ao documentário *Eurípedes Barsanulfo: educador e médium*<sup>1</sup> e ouvimos as explicações da professora sobre o trabalho de campo que iríamos realizar. A equipe de trabalho era formada principalmente por geógrafos, eu era a única historiadora. Já havia terminado a graduação em História, trabalhava como professora, e as questões sobre Educação e História estavam despertas em mim.

À época da viagem, eu não sabia nada sobre o Colégio Allan Kardec nem sobre Eurípedes Barsanulfo. Também não conhecia a pedagogia espírita, mas já conhecia o espiritismo, havia lido as principais obras de Kardec e de outros autores espíritas e também já havia frequentado centros espíritas. Fiquei ansiosa para conhecer o colégio, descrito no documentário que assistimos.

No Colégio Allan Kardec, fomos recebidos por Alzira Bessa França Amui, “sobrinha-neta” de meu quase desconhecido anfitrião. Ela nos contou brevemente a história do colégio e do fundador da instituição: Eurípedes Barsanulfo. Fez referências elogiosas ao seu tio avô e contou sobre o empenho de Barsanulfo na fundação e manutenção do Colégio Allan Kardec. Afirmou que Barsanulfo esteve disposto a oferecer um ensino significativo para os estudantes matriculados e ainda atender às centenas de pessoas que chegavam na cidade em busca do auxílio para curar doenças e dores espirituais.

Eu, que estava em busca do primeiro colégio espírita do Brasil, interessada em conhecer a pedagogia espírita, vi-me, entretanto, envolvida com a história daquele sujeito que era lembrado e cuja imagem estava em evidência nos espaços de sociabilidade do colégio. Uma imagem relativamente pequena, do lado direito da parede do imenso salão, o antigo salão de ensino (Figura 1 e 2).

---

<sup>1</sup> **EURÍPEDES BARSANULFO**: Educador e Médium. Direção: Oceano Vieira de Melo. Brasil: Vídeo Spirite – Versátil Filme, 2007.

Figura 1 - Auditório do Colégio Allan Kardec, com destaque para o retrato de Barsanulfo na parede (canto direito), 2017.



Fonte: Fotografia da pesquisadora Jaqueline Peixoto Vieira da Silva, 2017.

Figura 2 - Retrato artístico de Eurípedes Barsanulfo. Reprodução do mesmo que está localizado no auditório do Colégio Allan Kardec.



Fonte: Google, 2017.

O colégio Allan Kardec conta com um prédio amplo e um salão no piso superior: o salão de ensino, que no passado acolhia vários professores e estudantes, organizados em grupos, para atividades escolares. Ao percorrer seus espaços pela primeira vez, minha imaginação recriava o cenário do início do século XX. Eu olhava o local e imaginava crianças, jovens, professores e professoras naquele ambiente de ensino e aprendizagem. A minha imaginação contribuía para a formulação de perguntas: Como teria sido este lugar no início do século XX? Como os estudantes aprendiam? Como os professores ensinavam? Qual era o conteúdo ensinado? Como os estudantes se comportavam dentro do colégio? Como era a vida desses sujeitos, em Sacramento-MG, no início do século XX?

Enquanto procurava recriar aquele ambiente, parecia-me não ser possível contar a história do colégio sem aprofundar detalhes em torno do indivíduo Eurípedes Barsanulfo: fundador, professor e diretor do Colégio Allan Kardec. Várias referências exaltavam e evocavam sua memória, não apenas na fala de quem nos apresentava a instituição, na imagem, mas também dentro do prédio, em outros espaços, como no pequeno museu, que preserva objetos, móveis, fotos, livros e documentos que pertenceram a Barsanulfo.

Na área externa, o jardim do colégio, muito bem cuidado, conservam-se as mangueiras, hoje centenárias, que podem ter testemunhado quando Barsanulfo plantou junto com os seus estudantes o jasmineiro que continua a enfeitar o lugar, exalando o cheiro suave das flores (neste jardim, algumas aulas eram realizadas ao ar livre e também era o local onde as crianças e jovens caminhavam durante o intervalo do recreio escolar).

Na atualidade, o Colégio Allan Kardec é uma instituição de ensino não-regular e compõe o patrimônio religioso brasileiro. Pessoas de diversas regiões do Brasil chegam ao Colégio Allan Kardec para participar de palestras e cursos espíritas, que são oferecidos regularmente. O grande salão, onde se realizava as aulas regulares, hoje é utilizado nas palestras espíritas.

Eu percebi que estava diante de uma história que poderia ser pesquisada. Havia fontes disponíveis de tipologia variada. Logo na primeira visita ao colégio, me deparei com a arquitetura predial, relatos orais, fotos, livros, objetos e mobiliários escolares. Fontes que contam a história da instituição. Também visualizei possibilidades de abordagens temáticas variadas. Era possível pesquisar a história e memória do Colégio Allan Kardec, a história dos sujeitos que mantiveram o colégio, a história de seu fundador (Eurípedes Barsanulfo) e a história de ex-alunos. Em princípio eu tinha apenas as possibilidades temáticas, ainda não tinha desenvolvido problematizações históricas aprofundadas.

Tempestuosamente me interessei em saber sobre a proposta pedagógica e as práticas de ensino no Colégio Allan Kardec. Interessava-me uma pesquisa com abordagem histórica. Tarefa difícil, pois em diversos momentos me perdi diante das fontes que eu precisava selecionar, investigar, questionar, comparar, analisar. Quanto mais eu queria saber sobre o colégio, mais eu mergulhava no universo do seu fundador, levada pelas referências à sua memória que se caracterizam como um verdadeiro culto. Quanto mais eu buscava pela história do Colégio Allan Kardec, mais eu encontrava a história de Eurípedes Barsanulfo, cujos familiares relataram (e continuam a relatar) depoimentos orais transmitidos para amigos, curiosos, jornalistas, pesquisadores, simpatizantes. Algumas práticas realizadas por Barsanulfo também são preservadas e, ao mesmo tempo, atualizadas. Uma dessas práticas realizadas por Eurípedes Barsanulfo e que permanece até os dias atuais é o culto das 9h, realizado com leitura de obras específicas do espiritismo e orações. Todos os dias do ano se realiza o culto das 9h no Colégio Allan Kardec e na Chácara Triângulo (Recanto da Prece)<sup>2</sup>.

Além dos familiares de Barsanulfo, os espíritas também preservam a sua memória. Qualquer visitante atento que chega em Sacramento se depara com essa lembrança (re)vivida e exercitada no cotidiano da cidade.

Depois desta minha primeira descoberta e diante de tudo que vi, ouvi e senti, comecei a ler os textos publicados sobre o Colégio Allan Kardec e Eurípedes Barsanulfo. Encontrei livros que, ao longo da pesquisa, foram utilizados como fontes históricas<sup>3</sup>. Também encontrei alguns poucos trabalhos acadêmicos que se ocuparam, sobretudo pelos aspectos educacionais da Instituição, reconhecendo a importância histórica da experiência realizada em Sacramento.<sup>4</sup> Desde então, voltei várias vezes à cidade, participei de encontros espíritas no Colégio Allan Kardec, palestras, cultos e orações. Essas práticas eram atitudes antropológicas de pesquisadora imersa no tema de pesquisa, realizando observação participante. Eu já havia

---

<sup>2</sup> Chácara que pertence aos familiares de Barsanulfo, localizada no interior de Sacramento-MG.

<sup>3</sup> ABDALA, Dirceu. **O apóstolo de Sacramento**: Tombamento Religioso, Histórico, Cultural e Patrimonial de Eurípedes Barsanulfo. Goiatuba-GO: CEU, 2008. / FERREIRA, Inácio. **Subsídio para a história de Eurípedes Barsanulfo**. Uberaba-MG: [s.n.], 1962./MONTEIRO, Eduardo Carvalho. **Cem anos de evangelho com Eurípedes Barsanulfo**: 1904 – 2004. São Paulo: Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo, 2005./MORATO, Agnelo. **De Sacramento a Palmelo**. São Bernardo do Campo: Correio Fraternal, 1989./NOVELINO, Corina. **Eurípedes**: o Homem e a Missão. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987./RIZZINI, Jorge. **Eurípedes Barsanulfo**: o apóstolo da caridade. São Bernardo do Campo: Correio Fraternal, 1979.

<sup>4</sup> BIGHETO, Alessandro César. **Eurípedes Barsanulfo, um educador espírita na Primeira República**. 2006. 198 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006./BRETTAS, Anderson. **Eurípedes Barsanulfo e o Colégio Allan Kardec: capítulos de História da Educação e a gênese do espiritismo nas terras do Paranaíba e Triângulo Mineiro (1907 – 1918)**. 2006. 244 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006./COLOMBO, Dora Alice (Dora INCONTRI). **Pedagogia Espírita**: um projeto brasileiro e suas raízes histórico-filosóficas. 2001. 338 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo - Feusp, São Paulo, 2001, p. 211.

frequentado casas espíritas em Uberlândia-MG e estava habituada a esses espaços. Nas visitas que realizei a Sacramento, conheci pessoas que contribuíram com este trabalho<sup>5</sup>, ouvi relatos e memórias e vivi diferentes experiências que me levaram a escrever, em 2014, um projeto de pesquisa para o mestrado, com o objetivo de estudar o Colégio Allan Kardec.

Com essa perspectiva, envolvi-me com a biografia memorialista de Eurípedes Barsanulfo, idealizador e fundador da instituição, bem como professor e diretor. Barsanulfo se tornou educador, com preparação pautada na experiência, e nunca, nos bancos regulares de formação para o magistério. Homem letrado e intelectual livre, recebeu diversas influências das áreas médica, educacional e religiosa, colocando em prática ações ainda inéditas e consideradas inovadoras. No campo da saúde, Barsanulfo conheceu e trabalhou com a homeopatia. No campo educacional foi influenciado por diversas práticas de ensino e no campo religioso conheceu as obras de Allan Kardec e o espiritismo. Contudo, investigamos o indivíduo em sua trajetória desde os seus primeiros anos escolares como estudante, passando a professor e proprietário de escola laica até chegar à sua atuação como professor e diretor no Colégio Allan Kardec. A sua formação religiosa também definiu as suas escolhas aplicadas no âmbito escolar: ele passou de católico fervoroso, experimentou uma consciência laica até se finalizar adepto do espiritismo. Investigar o indivíduo possibilitou trilhar caminhos para compreender as origens do espiritismo no Triângulo Mineiro e a formação do Colégio Allan Kardec como primeira instituição escolar espírita no Brasil.

O estudo do livro *Memória e Identidade*, de Joël Candau<sup>6</sup>, foi relevante para a compreensão da memória exercitada em torno do Colégio Allan Kardec e do sujeito Eurípedes Barsanulfo. Na investigação, percebi certo esquecimento da memória a respeito do colégio, enquanto a lembrança de Barsanulfo é alimentada cotidianamente. Nas entrevistas realizadas, os depoimentos sobre o colégio foram escassos, enquanto que os depoimentos sobre Barsanulfo forneciam detalhes das memórias transmitidas na oralidade. De modo que ficamos diante de modestas fontes sobre o colégio e abundantes sobre Barsanulfo. E travamos uma busca humilde da instituição nas entrelinhas das fontes pujantes sobre seu fundador, cuja lembrança foi possível problematizar em torno do movimento familiar elaborado a partir da

---

<sup>5</sup> Em 2012, conheci Lorena Luiza de Jesus Machado, professora de Educação Física, na Escola Eurípedes Barsanulfo, que me acolhia em sua casa quando eu não conseguia um quarto de hotel (nos dias de eventos espíritas em Sacramento, os hotéis ficam lotados). Lorena se tornou minha amiga, assim como a sua família, com quem mantenho conversas frequentes e sou muito grata. Também tive a oportunidade de conversar com Saulo Wilson (sobrinho-neto de Barsanulfo), Carlos Poggetti (professor e pesquisador da vida e obra de Barsanulfo), Armilón Ribeiro de Mello (advogado aposentado, estudou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco USP, estudioso independente da história de Sacramento e da comunidade rural de Santa Maria), Carlos Alberto Cerchi (professor, escritor, pesquisador da história de Sacramento).

<sup>6</sup> CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.



evocação desta lembrança, que progrediu para o desenvolvimento do movimento social religioso espírita em Sacramento e região.

Para tal empreitada, necessário se fez compreender as tramas da memória. A memória elogiosa, exaltada e expressiva que apresenta Barsanulfo como um homem de destaque. A sua popularidade arrastou centenas de pessoas que trabalharam juntas pela mesma causa: pelo espiritismo.

Por que a experiência pedagógica do colégio Alan Kardec tende a ser minimizada frente à lembrança do seu fundador? Em busca de compreensão sobre o tema, também me debrucei sobre a tese de Luiz Antônio Cunha a respeito das ondas de laicização na educação brasileira<sup>7</sup>, o que possibilitou situar a proposta educacional do Colégio Alan Kardec frente ao processo de laicização da educação brasileira.

A proposta do colégio estaria alinhada ao *refluxo da onda* de laicização que seria anterior ao período de fundação do colégio. Segundo Luiz Antonio Cunha o “início da primeira onda laica pôde ser localizado com facilidade nos tratados de 1810”<sup>8</sup>, depois houve um enfraquecimento do movimento de laicização e o Colégio Allan Kardec foi fundado. Barsanulfo, o fundador e gestor do colégio, vivenciou esse movimento da onda, que se fortaleceu para laicizar e em seguida se enfraqueceu, voltando ao religioso na educação.

Busquei também compreender a legislação, as características e os métodos de ensino existentes no Brasil, na transição entre o século XIX e XX, para entender as influências educacionais que permearam os professores e diretor do Colégio Allan Kardec.<sup>9</sup> Nas investigações e análises se verifica que, no colégio, se utilizou principalmente do método de ensino pelas *lições de coisas*<sup>10</sup>. Essa constatação foi possível a partir do estudo sistemático das fontes, alinhado ao estudo da história da educação brasileira. Assim, foi possível

---

<sup>7</sup> CUNHA, Luiz Antônio. **A Educação Brasileira na Primeira Onda Laica**: do Império à República. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2017.

<sup>8</sup> Ibid., p. 20.

<sup>9</sup> BASTOS, Maria Helena Camara; FILHO, Luciano Mendes de Faria. (Org.). **A escola elementar no século XIX**: O método monitorial/mútuo. Passo Fundo: Ediupf, 1999./FARIA FILHO, Luciano Mendes de Faria Filho; VEIGA, Cynthia Greive. (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007./FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Dos pardieiros aos palácios**: forma e cultura escolar em Belo Horizonte (1906 – 1918). Uberlândia: EDUFU, 2014./FARIA FILHO, Luciano Mendes de; CHAMON, Carla Simone; ROSA, Walquíria Miranda. (Org.). **Educação elementar**: Minas Gerais na primeira metade do século XIX. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006./NETO, Wenceslau Gonçalves; CARVALHO, Carlos Henrique. (Org.). **Ação Municipal e Educação na Primeira República no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015./SAVIANI, Dermeval. et al. **O legado educacional do século XIX**. 3. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2014./SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2008./VALDEMARIN, Vera Teresa. **Estudando as Lições de Coisas**: análise dos fundamentos filosóficos do Método de Ensino Intuitivo. Campinas-SP: Autores Associados, 2004.

<sup>10</sup> VALDEMARIN, Vera Teresa. **Estudando as Lições de Coisas**: análise dos fundamentos filosóficos do Método de Ensino Intuitivo. Campinas-SP: Autores Associados, 2004.

problematizar também em torno do método e das características de ensino desenvolvidas no Colégio Allan Kardec.

O grande salão de ensino foi o espaço utilizado na educação brasileira, para aplicação do método mútuo: um método de ensino embasado na prática da memorização, disciplina rigorosa e presença de monitores como agentes de ensino. O método mútuo foi amplamente difundido no Brasil no século XIX e deixou marcas que adentraram o século XX, entretanto, no Colégio Allan Kardec se fez a opção pela prática do método extraído das lições de coisas, também chamado de método intuitivo. Nesta pesquisa investigamos porque se fez a opção pelo método de ensino de lições de coisas/método intuitivo. Nesta questão, o estudo do trabalho de Vera Teresa Valdemarin foi o principal norteador para a compreensão do método de ensino intuitivo.

O objetivo dessa pesquisa de Mestrado é investigar o indivíduo Barsanulfo e a proposta educacional do Colégio Alan Kardec. Para tanto, analisei a história da instituição, concentrando-me também na trajetória do seu fundador, abarcando o período de 1880 a 1918, figura incontornável para a compreensão da problemática a respeito da educação espírita em Minas Gerais, diante das ondas de laicização na educação brasileira. Portanto, o problema analisado no campo da história é o movimento social religioso espírita no sertão do Triângulo Mineiro, com concentração principal na cidade de Sacramento-MG, e como esse movimento gerou o Colégio Allan Kardec, com uma proposta educacional específica.

Este trabalho pretende contribuir para a compreensão da sociedade brasileira no final do século XIX e início do século XX, período de transição que permitiu a manifestação de novas ideias culturais no Brasil republicano. O presente estudo busca contribuir com a história da educação no Brasil pela exploração de iniciativas educacionais mineiras pouco (re)conhecidas, tendo em vista explorar dimensões da constituição do sujeito relegadas nas discussões sobre a história e educação, sobretudo do pensamento e do sentimento dos educandos na educação escolar.

Dentre as fontes principais para o desenvolvimento do trabalho, notadamente se destacaram os memorialistas. Compreendemos por memorialistas aqueles autores, muitas vezes pioneiros na abordagem do tema, que escrevem uma “história original”, no sentido em que Hegel utiliza o termo: aqueles que “transformam os acontecimentos, as ações e as situações diante de si em um trabalho de pensamento representativo.”<sup>11</sup> O conteúdo de sua história tem alcance externo limitado ao que “está real e vivo em seu ambiente. A cultura do

---

<sup>11</sup> HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich, 1770-1831. **A Razão na história: uma introdução geral à filosofia da História**. 2.ed. São Paulo: Centauro, 2001, p. 46.

autor e a dos acontecimentos criados em sua obra, o espírito do autor e o das ações que ele relata são o mesmo.”.<sup>12</sup> Muitas vezes suas produções são objetos de crítica dos historiadores de ofício porque o “historiador original”, para usar a expressão de Hegel, “não está preocupado com reflexões sobre os acontecimentos.”.<sup>13</sup> A preocupação dos historiadores gira em torno das problematizações levantadas.

Destacamos os primeiros livros publicados sobre o Colégio Allan Kardec e Eurípedes Barsanulfo. O primeiro livro publicado foi: *Subsídio para a história de Eurípedes Barsanulfo*<sup>14</sup>, de Inácio Ferreira<sup>15</sup> (1904 – 1988), médico psiquiatra residente em Uberaba-MG e autor de livros sobre medicina, psiquiatria e espiritismo. Inácio Ferreira narra o momento em que as notícias e informações sobre o Colégio Allan Kardec e seu fundador chegavam às cidades da região, impressionado com os relatos das pessoas ele resolveu se informar e selecionou artigos de jornais e cópias de documentos que contavam essa história. Em 1962 publicou o livro com os documentos que havia reunido: o processo judicial contra Barsanulfo devido às suas práticas no campo médico, cartas e relatos de ex-estudantes do colégio Allan Kardec e artigos de jornais. Os custos desta publicação foram bancados pelo próprio autor. Uma única edição foi lançada e este livro está atualmente esgotado.

O segundo livro publicado foi *Eurípedes Barsanulfo: o apóstolo da caridade*<sup>16</sup>, do jornalista Jorge Rizzini (1924 – 2008). Não consegui identificar a data da primeira edição desse livro, mas identificamos que a segunda edição é de 1979. O autor escreveu diversos livros, principalmente de literatura espírita e foi também atuante no movimento espírita em São Paulo. Ele relata que resolveu ir até Sacramento para conhecer melhor a história do indivíduo apresentado como missionário de Jesus. Na busca para conhecer essa história, ele entrevistou diversas pessoas que conviveram com Barsanulfo ou/e tiveram alguma experiência de tratamento e cura a partir das intervenções realizadas pelo médium<sup>17</sup>. Jorge Rizzini empregou um estilo biográfico, dando ênfase aos relatos de cura e mediunidade, que

<sup>12</sup> HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich, 1770-1831. **A Razão na história: uma introdução geral à filosofia da História**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2001, p. 46.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 46.

<sup>14</sup> FERREIRA, Inácio. **Subsídio para a história de Eurípedes Barsanulfo**. Uberaba-MG: [s.n.], 1962.

<sup>15</sup> Na tese de doutorado do pesquisador Raphael Ribeiro, ele apresenta o trabalho do médico Inácio Ferreira. Ver em: RIBEIRO, Raphael Alberto. **Loucura e Obsessão: entre psiquiatria e espiritismo no Sanatório Espírita de Uberaba-MG (1933 – 1970)**. 2013. 205 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de História/Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2013.

<sup>16</sup> RIZZINI, Jorge. **Eurípedes Barsanulfo: o apóstolo da caridade**. São Bernardo do Campo: Correio Fraternal, 1979.

<sup>17</sup> A palavra médium foi inserida no vocabulário espírita por Allan Kardec. É uma palavra latina e significa intermediário. O médium é, portanto, o intermediário na comunicação com os espíritos. “Médium (do latim, *médium*, meio, intermediário). Pessoa podendo servir de intermediária entre os Espíritos e os homens.” In: KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiuns**. 85. ed. Tradução de Salvador Gentile. Araras-SP: IDE, 2008, p. 338.

são as questões que mais chamam a atenção do movimento espírita. Praticamente todos os entrevistados de Rizzini já não se encontram vivos, mas deixaram os seus depoimentos.<sup>18</sup> O livro *Eurípedes Barsanulfo: o apóstolo da caridade* continua sendo publicado e tem o seu público leitor, principalmente espíritas e simpatizantes.

O terceiro livro publicado, quase simultâneo ao segundo, foi *Eurípedes: o Homem e a Missão*<sup>19</sup>, de Corina Novelino (1912 – 1980). A autora conviveu com a família de Barsanulfo. Na infância, ela ficou órfã e foi criada pela irmã de Barsanulfo, a senhora Edalides Milan Rezende. Ela cresceu ouvindo os familiares e amigos contarem a vida desse sujeito: quem era, o que fazia, o que gostava, seu trabalho na cidade (no Colégio Allan Kardec, na farmácia espírita Esperança e Caridade, na prefeitura como vereador, junto aos moradores da cidade, no centro espírita). Quando adulta, se tornou professora de português e escritora. Trabalhou em escola estadual na cidade de Sacramento e também no Colégio Allan Kardec, assumindo inclusive a direção desta instituição.

Em 1950 montou um abrigo para meninas órfãs, chamado *Lar de Eurípedes*. Mais tarde, lançou a biografia de Eurípedes Barsanulfo. Para a produção da obra, a autora recolheu relatos e informações. Entrevistou familiares e amigos de Barsanulfo, ex-estudantes do Colégio Allan Kardec e moradores de Sacramento que conviveram com ele. Ela teve o cuidado em registrar os nomes dos entrevistados, pedir autorização para publicação, apresentar fotos e cópias dos documentos selecionados, realizar os registros legais em cartório para fins de publicação. A primeira edição deste livro foi lançada em 1979 e continua sendo publicado e vendido atualmente. Trata-se de um trabalho memorialista sobre Barsanulfo.

Essas três obras selecionadas foram escolhidas por serem os primeiros relatos de memória que se propuseram a fornecer dados biográficos de Barsanulfo. Antes da publicação destes livros, a história do Colégio Allan Kardec e do sujeito fundador era conhecida

<sup>18</sup> Os entrevistados por Rizzini foram: Homilton Wilson (irmão de Eurípedes Barsanulfo); Edalides Millan (irmã de Eurípedes Barsanulfo); Elite Irany (irmã de Eurípedes Barsanulfo); José Vigilato da Cunha (testemunha das primeiras sessões espíritas com Eurípedes Barsanulfo); Ranulfo Gonçalves da Cunha (filho de “Sinhô Mariano”, o introdutor de Eurípedes Barsanulfo no Espiritismo); Adelino Ferreira (irmão de Amália Ferreira – secretária de Eurípedes Barsanulfo e discípulo de Barsanulfo nas aulas de Espiritismo no Colégio Allan Kardec); José Rezende da Cunha (cunhado de Eurípedes Barsanulfo); João Duarte Vilela (compadre de Eurípedes Barsanulfo); Temístocles Rufino (afilhado de Eurípedes Barsanulfo); Odilon José Ferreira (discípulo de Eurípedes Barsanulfo e seu afilhado); Ana Garcia de Castro (curada por Eurípedes Barsanulfo); Oscar Tolentino Bagueira Leal (curado por Eurípedes Barsanulfo); Genny Novelino Fernandes (discípula de Eurípedes Barsanulfo); Antenor Germano da Silva (discípulo de Eurípedes Barsanulfo e professor no Colégio Allan Kardec); Zenon Zoroastro Borges (discípulo de Eurípedes Barsanulfo e professor no Colégio Allan Kardec); Angelo Ribas Sobrinho (discípulo de Eurípedes Barsanulfo); Margarida Borges (discípula de Eurípedes Barsanulfo); Manoel Borges (discípulo de Eurípedes Barsanulfo); Zófimo Borges (discípulo de Eurípedes Barsanulfo); José Vieira (discípulo de Eurípedes Barsanulfo); José Silveira (discípulo de Eurípedes Barsanulfo); Maria de Lourdes Silveira (discípula de Eurípedes Barsanulfo); Jerônimo Cândido Gomide (discípulo de Eurípedes Barsanulfo); Agnelo Morato (cuja progenitora foi curada por Eurípedes Barsanulfo).

<sup>19</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes: o Homem e a Missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987.

principalmente em Sacramento e na região sudeste e centro oeste do Brasil e transmitida oralmente.

Pesquisei igualmente o jornal *Lavoura e Comércio*, jornal uberabense, fundado em 1899 por um grupo ruralista e que publicava notícias de Uberaba e região.<sup>20</sup> Destacou-se pela tendência conservadora de manutenção da ordem hegemônica da sociedade com a defesa dos “bons costumes”. Neste jornal, encontrei artigo sobre as ações de Barsanulfo nas atividades de tratamento de saúde, educacional e religioso. Outras fontes históricas utilizadas nesta pesquisa foram fotografias, relato oral gravado, entrevistas e folhetim escrito pelo próprio Barsanulfo.

Eurípedes Barsanulfo foi vereador entre os anos de 1905 a 1907 (primeiro mandato) e entre 1907 a 1910 (reeleito para o segundo mandato). Tive acesso ao livro de atas das atividades da câmara dos vereadores de Sacramento de 1904 a 1908.<sup>21</sup>

A memória íntima sobre Barsanulfo foi apresentada em livro e popularizada no meio espírita, contribuindo para o fortalecimento da memória social, muitas vezes aceita com poucos questionamentos. Em uma explicação mais pontual temos o seguinte:

Os psicanalistas e os psicólogos insistiram, quer a propósito da recordação, quer a propósito do esquecimento (...), nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição e a censura exercem sobre a memória individual. Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.<sup>22</sup>

Neste estudo, apresentamos vasto aparato de fontes da memória proveniente de uma dinâmica social e política que optou por lembrar ao invés de esquecer. Optou por lembrar de Barsanulfo e do Colégio Allan Kardec de forma grandiosa e expressiva, carregado de adjetivos positivos. Segundo Le Goff, a “memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.”<sup>23</sup> Nos caminhos da investigação também buscamos as fontes que criticavam

<sup>20</sup> O primeiro diretor do jornal foi Antônio Garcia Adjunto. Em 1906, a administração passou para a família Jardim. Quintiliano Jardim administrou e ampliou a abrangência do jornal, tornando-o diário oficial de vários municípios da região. Quando Quintiliano Jardim morreu, em 1966, a administração passou para seus filhos George de Chirée, Raul e Murilo Jardim. Após 104 anos de atividades ininterruptas, o jornal foi fechado diante de grave crise financeira. Disponível em: <<http://www.codiub.com.br/lavouraecomercio/pages/main.xhtml>> Acesso em: 06/08/2016

<sup>21</sup> Este livro, que se encontra no arquivo público da cidade de Sacramento, contém 97 folhas, manuscritas, frente e verso, totalizando 194 páginas.

<sup>22</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1992, p. 426.

<sup>23</sup> Ibid., p. 423.

Barsanulfo e o colégio, as ações espíritas não eram aceitas por toda a sociedade e conflitos ocorreram.

A metodologia empregada nesta pesquisa foi a investigação e análise das fontes referentes a Eurípedes Barsanulfo na transição entre o século XIX e XX e as fontes históricas que apresentam a proposta pedagógica empregada no Colégio Allan Kardec, aliado aos referenciais teóricos e à problematização visando compreender o que foi o Colégio Allan Kardec a partir da implantação do espiritismo no Triângulo Mineiro e da trajetória de vida de Barsanulfo.

Os resultados encontrados são apresentados em três capítulos. O primeiro apresenta as questões da História e da Memória com problematizações a respeito de Barsanulfo e o Colégio Allan Kardec. Quem lembra do sujeito e do colégio? Porque lembrar? Como são representados? Quais imagens e representações têm sido (re)construídas sobre Barsanulfo? Estas questões são tratadas ao longo do texto.

O segundo capítulo analisa a trajetória de Eurípedes Barsanulfo e suas experiências vivenciadas e compartilhadas em Sacramento-MG. No texto utilizamos a trama da memória e documentos que produzem história. Fontes históricas são apresentadas e se identificam às origens do movimento social religioso espírita no Triângulo Mineiro. Barsanulfo, sua família e companheiros de ideal estão entre os precursores desse movimento.

O terceiro capítulo apresenta um estudo da história e memória do Colégio Allan Kardec, entre 1907 a 1918, em busca da compreensão sobre a fundação desta instituição de ensino e o funcionamento durante a gestão escolar de Eurípedes Barsanulfo. A instituição foi organizada com ações de práticas pedagógicas à luz da proposta que mais tarde gerou o movimento pela Escola Nova. Lições de coisas, método intuitivo e o ensino que transforma pensamentos e sentimentos marcam as práticas pedagógicas no Colégio Allan Kardec. Caminhamos pela história da educação a fim de entender esse processo no Colégio Allan Kardec, que além de ter sido uma instituição escolar regular também realizava ações de práticas doutrinárias no espiritismo.

## CAPÍTULO 1 - Tramas da memória e história

*No coração da história trabalha um criticismo destrutor de memória espontânea.*

Pierre Nora

Não temos acesso direto ao passado. Vivemos no presente e nos deparamos com os lugares de memória. Devemos observá-los com cautela, considerações e críticas. E ao observar o Colégio Allan Kardec sob esta perspectiva, percebemos que Barsanulfo nunca morreu, um indivíduo estará realmente morto no dia em que ninguém mais se lembrar dele.

Neste estudo, nos deparamos com a memória de Barsanulfo e do Colégio Allan Kardec e travamos uma investigação. A memória é muito importante, “sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece. Não produz mais do que um sucedâneo de pensamentos, um pensamento sem duração”<sup>24</sup>. Lembranças e esquecimentos estão vinculados à consciência.

Na psicanálise, o consciente e o inconsciente são relevantes e são definidos “em função da maior ou menor facilidade de acesso das lembranças à consciência”<sup>25</sup>. O ato de lembrar fortalece a consciência, já o esquecimento é um mecanismo de defesa psicológica. As lembranças insuportáveis e dolorosas tendem a ser esquecidas. Livrando-se dos mecanismos psicológicos de defesa e trazendo à tona todas as lembranças do vivido, o esquecimento intencional é um ato político. O esquecimento permite ao sujeito assegurar a permanência das lembranças aceitáveis e do passado útil. “Na relação que mantém com o passado, a memória humana é sempre conflitiva, dividida entre um lado sombrio e outro ensolarado”<sup>26</sup>. Em outros termos, a memória humana é sempre constituída de lembranças e esquecimentos. A lembrança do tempo passado é flutuante, pode ocorrer a qualquer momento. Geralmente a lembrança ocorre junto com o aumento do nível de consciência. Os acontecimentos que fazem sentido para quem se lembra deles, ordenados de acordo com um sistema racional no momento da evocação ou da tomada de consciência conduzem à rememoração. A consciência organiza a significação da experiência e traz a memória do vivido. A memória, além de

---

<sup>24</sup> CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 59 e 60.

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 64.

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 72.

envolver os aspectos biológicos e psíquicos, é um processo dinâmico, social e político. Recordar e esquecer é operar uma classificação de acordo com as modalidades históricas, culturais e sociais. A memória classifica, ordena e nomeia de acordo com uma lógica de interesse. Para um breve conceito de memória, segundo Candau, temos:

Cada memória é um museu de acontecimentos singulares aos quais está associado certo ‘nível de evocabilidade’ ou de memorabilidade. Eles são representados como marcos de uma trajetória individual ou coletiva que encontra sua lógica e sua coerência nessa demarcação. A lembrança da experiência individual resulta, assim, de um processo de ‘seleção mnemônica e simbólica’ de certos fatos reais ou imaginários – qualificados de acontecimentos – que presidem a organização cognitiva da experiência temporal.<sup>27</sup>

Um dos livros utilizados nesta pesquisa, conforme citado na introdução, é *Eurípedes: o homem e a missão*, da memorialista Corina Novelino<sup>28</sup>, uma das primeiras biografias memorialistas sobre Barsanulfo. A autora colheu relatos dos familiares e de pessoas que conviveram com ele. Ela parte, portanto, das memórias individuais. Lembranças íntimas de pessoas que conviveram com Barsanulfo e conheceram o Colégio Allan Kardec. Corina Novelino viveu no seio familiar de Barsanulfo. A mãe de Barsanulfo, dona Meca, a reconhecia como neta.

Corina Novelino sempre ouviu as memórias da avó Meca, que contava sobre o que viveu e sobre o filho Barsanulfo: a infância, as características mais marcantes, as ações realizadas. Meca contava as lembranças enaltecidas de mãe que amava o filho. Algumas vezes contava das dificuldades que enfrentaram no âmbito familiar e social. Sobre as dificuldades e dores familiares, as lembranças eram apresentadas com a vontade de esquecer, enfraquecidas e deixadas no passado. Houve momentos em que Barsanulfo teve dificuldades de relacionamento com o pai – sobre isso pouco se comenta. A família prefere não lembrar e somente perdoar os desentendimentos em silêncio.

Corina também ouviu as narrativas de memória de várias pessoas e ao escrever o livro *Eurípedes: o homem e a missão*, ocorreu um processo de seleção, escolhas e esquecimentos. Não apenas a dos sujeitos que narraram, pois a produção de qualquer narrativa memorialista lida com as características próprias da memória e da linguagem escrita, e lembrar, esquecer e selecionar são características desse processo.

A transmissão da memória pode ocorrer de diversas maneiras: pelos lugares de memória, pela tradição oral, pela produção escrita. Sobre Barsanulfo e o colégio Allan Kardec

<sup>27</sup> CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 98 e 99.

<sup>28</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes: o Homem e a Missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987.



a transmissão ocorreu, primeiramente, devido à memória familiar forte e, em seguida, pela escrita dos autores memorialistas. Corina Novelino é uma das primeiras a fazer um registro destas lembranças compartilhadas. Ela é considerada, por muitos sacramentanos, produtora autorizada dessas memórias por ter convivido com os familiares de Barsanulfo, por ser uma escritora do local e por ter buscado em fontes primárias os relatos que publicou.

Devemos salientar que em toda produção narrativa há escolhas e Corina Novelino as realizou pontualmente ao descrever Barsanulfo e o Colégio Allan Kardec. Ela escolheu apresentá-los sem defeitos e grandiosos no aspecto moral e na aplicação do ensino. A memória recusa calar-se e expõem indivíduos e grupos que se quer representar.

Na produção do livro *Eurípedes: o homem e a missão*, a autora partiu de dois tipos de lembrança: a memória espontânea<sup>29</sup> dos familiares de Barsanulfo e a memória social ou coletiva<sup>30</sup>. A autora explicita as memórias que se quer lembrar e minimiza as que se quer esquecer, em um movimento que envolve o inconsciente, o consciente e escolhas políticas.

Devemos considerar desde a memória espontânea até a memória coletiva desenvolvida. Barsanulfo teve uma relação íntima com seus familiares e trocas sentimentais variadas desde o nascimento até a fase adulta, o que gerou memórias espontâneas. Ao mesmo tempo ele foi um indivíduo de muita interação social. Barsanulfo foi um homem popular em Sacramento-MG, conhecido por praticamente todas as pessoas da cidade, no tempo em que viveu. Suas ações logo o tornaram popular também na região central do Brasil. Os comentários orais sobre os seus feitos eram mencionados por várias pessoas, em diversas cidades. Alguns jornais passaram a citá-lo, alguns com artigos elogiosos, outros com artigos negativos. Após a morte, a memória não cessou. Muitas pessoas continuaram relembando os seus feitos.

O primeiro livro escrito sobre Barsanulfo foi publicado quarenta anos depois da sua morte, em 1962. Escrito por Inácio Ferreira, um médico psiquiatra espírita, o livro intitulado *Subsídio para a história de Eurípedes Barsanulfo*<sup>31</sup>, material que também utilizamos como fonte nesta pesquisa e que reúne vários documentos importantes. A narrativa memorialista relembra Barsanulfo e o Colégio Allan Kardec através dos documentos reunidos: cartas, artigos de jornal, processo criminal, relatos. A maioria dos documentos são apresentados integralmente, seguidos de pequena narrativa do autor.

---

<sup>29</sup> BERGSON, H. **Matière et Mémoire**. Paris: PUF, 1990.

<sup>30</sup> HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

<sup>31</sup> FERREIRA, Inácio. **Subsídio para a história de Eurípedes Barsanulfo**. Uberaba-MG: [s.n.], 1962.

Em 1979, Corina Novelino, publicou *Eurípedes: o homem e a missão*. Após, a publicação da obra, a memória elaborada foi transmitida para um número maior de pessoas, contribuindo para a trama da memória social no Brasil. Memória exercitada principalmente pelos espíritas, pois consideram Barsanulfo um médium importante. Le Goff, utilizando Henri Atlan, explica: “a utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta, quer nos outros, quer nas bibliotecas.”<sup>32</sup>

De um ponto de vista da memória voluntária, os indivíduos têm a capacidade de escolher o que querem lembrar e o que querem esquecer. Da oralidade para a memória escrita, publicada em livro, também houve escolhas e seleção, sendo que a memória pode ser romanceada e adornada. Assim, Corina Novelino narrou memórias e não poupou elogios à Barsanulfo e ao Colégio Allan Kardec. Nenhum traço crítico ou negativo foi apresentado. Apesar da exaltação a Barsanulfo, o livro *Eurípedes: o homem e a missão* é importante como fonte histórica, pois é uma espécie de arquivo (que também sugere uma interpretação), apresenta cópias de vários documentos: certidão de nascimento, certidão de óbito, cartas, folhetos impressos, atas, relatos. Utilizamos documentos arquivados neste livro e consideramos a narrativa da autora, fazendo comparações com outras fontes documentais e análises necessárias. Esse livro não foi o único utilizado na pesquisa, também utilizamos relatos orais, artigo de jornal, biografias e atas da câmara dos vereadores de Sacramento. Esse conjunto documental possibilitou investigar Barsanulfo e o Colégio Allan Kardec com mais recursos para a construção de uma historiografia.

As fontes utilizadas suscitaram reflexões epistemológicas sobre história e memória. Jacy Alves de Seixas escreve:

A memória age “tecendo” fios entre os seres, os lugares, os acontecimentos (tornando alguns mais densos em relação a outros), mais do que os recuperando, resgatando-os ou descrevendo-os como “realmente” aconteceram. Atualizando os passados – reencontrando o vivido “ao mesmo tempo no passado e no presente” –, a memória recria o real; nesse sentido, é a própria realidade que se forma na (e pela) memória. O tempo perdido é reencontrado (no sentido de retomado, de um tempo que começa de novo, e não do eterno retorno do mesmo).<sup>33</sup>

<sup>32</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1992, p. 425.

<sup>33</sup> SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de Memórias em Terras de História: Problemáticas Atuais. In.: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (Org.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2004, p. 51.

A história é incorporada pela ciência observadora, crítica, racionalista e destruidora de ingenuidades ou manipulações apresentadas como verdades absolutas. Cabe ao historiador, o seu dever principal, “a crítica do documento”<sup>34</sup>. “O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder.”<sup>35</sup> A memória, qualquer que seja, é para a história um documento a ser analisado com atenção.

Considerando a memória e a história como opostos, Pierre Nora defende que

Memória e história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análises e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une (...) ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo.<sup>36</sup>

“A transmissão histórica difere radicalmente da transmissão memorial.”<sup>37</sup> Um leitor ingênuo e pouco crítico pode considerar a obra *Eurípedes: o homem e a missão* um livro de narrativa verdadeira, mas para os historiadores “só há fato ou fato histórico no interior de uma história problema”<sup>38</sup>, então, devemos nos preocupar menos com as verdades, e nos manter atentos às representações.

A memória fortaleceu a identidade e a representação de Barsanulfo e do Colégio Allan Kardec em um processo que não está acabado, ele permanece e é atualizado constantemente. Barsanulfo e o Colégio Allan Kardec não estão no esquecimento, ao contrário, cada dia mais pessoas conhecem o indivíduo e a instituição que ele fundou. Sobre isso, existe atualmente uma bibliografia de referência diversa: literatura espírita, biografias, relatos orais e escritos da memória, artigos de jornais e revistas. Trabalhos acadêmicos levaram Barsanulfo e o Colégio

<sup>34</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1992, p. 545.

<sup>35</sup> Ibid., p. 545.

<sup>36</sup> NORA, Pierre. Entre Memória e História. Prefácio do v. I de *Les Lieux de Mémoire*, Paris, Gallimard, 1984. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7, dez. 1993.

<sup>37</sup> CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 131.

<sup>38</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1992, p. 31.

Allan Kardec para o público internacional. Admiradores do personagem Barsanulfo continuam publicando textos a respeito do espírita e médium que se tornou destaque no território nacional.<sup>39</sup> O que se tem é uma memória social dinâmica que permite várias e novas interpretações.

Todo ano são realizados, em Sacramento-MG, eventos co-memorativos do nascimento e morte de Barsanulfo. O Colégio Allan Kardec é um lugar de memória, com atividades frequentes de ensino espírita. Ao aprofundarmo-nos nessa pesquisa, encontramos muito mais que um indivíduo e um colégio. Encontramos uma memória social, representativa de um grupo – os espíritas.

Candau pensa a memória entrelaçada com a identidade e representações. Para ele, as noções de identidade e memória “estão subsumidas no termo representações”<sup>40</sup>. O que gerou luz para se perguntar: Quais reivindicações identitárias são evocadas por quem se lembra de Eurípedes Barsanulfo? Como ele é representado? O que o Colégio Allan Kardec representa atualmente?

No documento *Eurípedes: o homem e a missão*<sup>41</sup>, a identidade do indivíduo Barsanulfo está totalmente atrelada ao espiritismo. Barsanulfo se tornou um cânone no espiritismo, principalmente depois de sua morte. Talvez ele nunca tenha se reconhecido como um dos personagens principais da religião. A identidade atribuída a Barsanulfo foi fortalecida pelos detentores da memória e pelos divulgadores do espiritismo. No presente, Barsanulfo representa o espiritismo. Sua vida é tomada como exemplo pelos espíritas. Sua biografia é divulgada como história santificada. Ele é posto como discípulo de Jesus Cristo, um discípulo instalado entre os séculos XIX e XX e que permanece no presente, em memória. Um discípulo de Jesus que ensina sobre a natureza do espírito e o espiritismo.

Em uma abordagem antropológica, Candau expõem vários tipos de memória. À memória individual, íntima, que a mãe de Barsanulfo experimentou, ele denomina de memória de baixo nível ou protomemória. Segundo ele, “o antropólogo deve privilegiar essa modalidade de memória, pois é nela que enquadramos aquilo que, no âmbito do indivíduo, constitui os saberes e as experiências mais resistentes e mais bem compartilhadas pelos membros de uma sociedade.”. A protomemória é espontânea e ocorre sem tomada de consciência. Candau utiliza Anne Muxel, que afirma que essa memória é “a alienação

---

<sup>39</sup> ABDALA, Dirceu. **O apóstolo de Sacramento**: Tombamento Religioso, Histórico, Cultural e Patrimonial de Eurípedes Barsanulfo. Goiatuba-GO: CEU, 2008. /MONTEIRO, Eduardo Carvalho. **Cem anos de evangelho com Eurípedes Barsanulfo**: 1904 – 2004. São Paulo: Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo, 2005.

<sup>40</sup> CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 21.

<sup>41</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes: o Homem e a Missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987.

fundadora da identidade”<sup>42</sup>. A medida que a memória expande e passa à memória de recordação e/ou reconhecimento, é definida por Candau como memória de alto nível. “A memória de alto nível, feita igualmente de esquecimento, pode beneficiar-se de extensões artificiais que derivam do fenômeno geral de expansão da memória.”<sup>43</sup> A expansão da memória pode continuar até chegar ao que ele denomina de metamemória, que é uma memória reivindicada, ostensiva. Essa ocorre quando “cada um de nós tem uma ideia de sua própria memória e é capaz de discorrer sobre ela para destacar suas particularidades, seu interesse, sua profundidade ou suas lacunas”<sup>44</sup>.

O que se percebe nesta pesquisa é a memória individual de alguns familiares de Barsanulfo (mãe, pai e irmãos/as). Pode-se considerar que houve o desenvolvimento dessas memórias nas categorias que Candau apontou, que são: a memória de baixo nível (protomemória), a memória de alto nível e a metamemória. O fortalecimento da memória a respeito de Barsanulfo e do Colégio Allan Kardec se desenvolveu a partir da memória individual e adentrou ao nível de grupo ou sociedade. Aplicada a um grupo, a complexidade aumenta. A memória cria identidade e representação. Pensemos aqui em identidade cultural e identidade coletiva, que afirma os espíritas enquanto grupo representado.

O livro *Eurípedes: o homem e a missão* é uma narrativa das lembranças e não podemos confundir a narrativa dos acontecimentos com as lembranças que os participantes guardam. “A parte da lembrança que é verbalizada (a evocação) não é a totalidade da lembrança. (...) a presença do passado no presente é bem mais complexa, bem menos explícita, mas talvez bem mais forte que a existência de narrativas explícitas nos poderia fazer crer.”<sup>45</sup>

Após a morte de Barsanulfo os familiares e amigos foram os principais mantenedores da memória sobre os seus feitos. Aqueles que gostavam de Barsanulfo, lembravam os bons momentos vividos. Os momentos difíceis ou ruins foram aos poucos caindo no esquecimento. Esta situação pode ser inconsciente, mas também pode ser política. Lembrar somente o que interessa garante uma representação específica, moldada, articulada. Isso não significa afirmar que o livro *Eurípedes: o homem e a missão* seria uma fonte histórica rasa. Não se trata de uma fonte superficial e conscientemente manipuladora. Podemos entendê-la como um lugar de memória repleta de detalhes sobre Barsanulfo, sobre sua família, sobre o Colégio Allan Kardec, sobre a cidade de Sacramento, sobre a articulação espírita na região do Triângulo

<sup>42</sup> CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 23.

<sup>43</sup> CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 23.

<sup>44</sup> *Ibid.*, p. 24.

<sup>45</sup> *Ibid.*, p. 33.

Mineiro na transição do século XIX e XX. É um livro para se considerar, analisar, questionar, problematizar. “Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa.”<sup>46</sup>

O livro *Eurípedes: o homem e a missão* é considerado, por muitos moradores da cidade de Sacramento, um arquivo da verdade sobre Barsanulfo e o Colégio Allan Kardec. Durante esta pesquisa foram vários os momentos em que eu perguntava sobre Barsanulfo e sobre o colégio e as pessoas respondiam: “está no livro da Corina Novelino, consulte o livro.”. Isso porque o livro é um lugar de memória reconhecido. O livro é, portanto, o “lugar da inscrição social do grupo sobre o sujeito”<sup>47</sup>. É parte da memória coletiva que foi desenvolvida. A memória tem o poder de pôr o passado em ordem. Uma memória fortalecida é poderosa e para se manter precisa ser constantemente ressignificada, caso contrário corre o risco de se esvaír. O trabalho da memória coletiva ocorre “no tecido das imagens e da linguagem”<sup>48</sup>.

A memória coletiva, ou social, firma uma identidade ao grupo, é caracterizada por uma memória forte. Quando enfraquecida pode levar ao colapso da identidade desse grupo. A memória coletiva também fortalece a representação. A rememoração se ajusta imediatamente às condições coletivas de expressão e o sentimento do passado se modifica em função da sociedade. Um tecido memorial coletivo alimenta a identidade e a representação. Podemos avaliar que, desde a origem memorial sobre Barsanulfo e sobre o Colégio Allan Kardec uma única identidade e representação é alimentada: a imagem positiva e gloriosa do indivíduo e da instituição.

Quando Corina Novelino decidiu escrever *Eurípedes: o homem e a missão*, certamente ela tinha consciência do poder dessa memória. Corina Novelino era professora de Português, conhecia a força da palavra, já havia publicado artigos para revistas e outros livros. Ela sabia que entregaria para o mercado editorial espírita um objeto articulador do pensamento espírita. Ela conviveu com a família de Barsanulfo e acreditava que aquelas memórias eram verdadeiras, herança legítima; ela só não considerou a memória esquecida. Sobre aquilo que se esquece, o historiador deve perguntar: porque alguns fatos tendem a ser esquecidos? Corina Novelino jogou luz sobre os feitos positivos de Barsanulfo (aqueles que os espíritas consideram positivos) e jogou na sombra as dificuldades, as crises, as derrotas, as amarguras.

<sup>46</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1992, p. 545.

<sup>47</sup> CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 67.

<sup>48</sup> Ibid., p. 78.

Na narrativa, o leitor atento identifica o que está na luz e o que está na sombra. Significa que a autora não omitiu informações, mas que exaltou algumas e deixou outras sem profundidade, portanto, superficiais. Com isso a autora criou o personagem Barsanulfo (aquele do passado se foi e outro entrou no presente): o homem decidido, livre, determinado e trabalhador da causa espírita – a representação almejada.

O livro *Eurípedes: o homem e a missão* não é somente um livro de memórias, é também “o testemunho de um poder polivalente e, ao mesmo tempo, cria-o”<sup>49</sup> e só compreendemos isso com o olhar da história “que transforma os documentos em monumentos e o que, onde dantes se decifravam traços deixados pelos homens (...) apresenta agora uma massa de elementos que é preciso depois isolar, reagrupar, tornar pertinentes, colocar em relação, constituir em conjunto”.<sup>50</sup> Segundo Candau:

A história objetiva esclarecer da melhor forma possível aspectos do passado, a memória busca mais instaurá-lo, uma instauração imanente ao ato de memorização. A história busca revelar as formas do passado, enquanto a memória as modela, um pouco como faz a tradição. A primeira tem uma preocupação de ordenar, a segunda é atravessada pela desordem da paixão, das emoções, dos afetos. A história pode vir a legitimar, mas a memória é fundadora. Ali onde a história se esforça em colocar o passado à distância, a memória busca fundir-se nele.<sup>51</sup>

O livro *Eurípedes: o homem e a missão* é uma memória repleta de paixões, afeto e emoções. A autora, Corina Novelino, é considerada *produtora autorizada da memória*. À medida que os produtores autorizados da memória são “reconhecidos pelos ‘receptores’ como os depositários da ‘verdadeira’ e legítima memória, a transmissão social assegurará a reprodução de memórias fortes”<sup>52</sup>.

Corina Novelino viveu com a família de Barsanulfo, na cidade de Sacramento, e isso é considerado pela maioria da população como legitimador da verdade. Ela foi escritora local, “o escritor local, aquele que tem o poder de registrar os traços do passado, oferece ao grupo a possibilidade de reapropriar-se desse passado através dos traços transcritos”<sup>53</sup>. *Eurípedes: o homem e a missão* reforçou o sentimento de pertencimento do grupo que se identificava com Barsanulfo e com o Colégio Allan Kardec. Ao produzir a biografia memorial de Barsanulfo, Corina Novelino, também se põe em evidência, ela se mostra e se valoriza, tornando-se uma guardiã da memória. Sabendo que “a transmissão que todo genealogista procura é, antes de

<sup>49</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1992, p. 548.

<sup>50</sup> Ibid., p. 546.

<sup>51</sup> CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 131 e 132.

<sup>52</sup> Ibid., p. 124.

<sup>53</sup> Ibid., p. 109.

tudo, a de si mesmo: salvaguardando a memória de seus ancestrais, ele protege também a sua”<sup>54</sup>. Corina Novelino narrou a vida de Barsanulfo considerando a genealogia familiar. A autora que fora criada como filha, ao narrar sobre Barsanulfo e o Colégio Allan Kardec preservava a sua genealogia adotiva. Ao dar destaque à Barsanulfo a autora se destacou.

No presente, Eurípedes Barsanulfo está como o morto ilustre do espiritismo. “A memória indestrutível do nome e do renome, aquela que exalta continuamente os vivos a respeito dos ‘bons mortos’, que conseguiram sobreviver em glória de geração em geração”.<sup>55</sup> Dentre tantos espíritas, alguns são mantidos pela memória, outros estão no total esquecimento. “De um lado, uma sociedade estruturada pelo nome, pela memória, pela temporalidade, pela individualidade fundada sobre o renome e a identidade; de outro, o horror do anonimato, o esquecimento, a temporalidade, a multidão e o caos de sombras ignoradas.”.<sup>56</sup>

O ato de narrar uma vida não é apenas uma simples reprodução, é um ato de criação. Corina Novelino escreve em um tempo em que Barsanulfo não estava mais presente. Ela narra histórias do passado e também emprega nesta narrativa os sentimentos, desejos e objetivos particulares. “Aquele que recorda domestica o passado e, sobretudo, dele se apropria, incorpora e coloca sua marca em uma espécie de selo memorial que atua como significante da identidade.”.<sup>57</sup> Corina Novelino promove uma nova integração entre os espíritas, em Sacramento. Ela continuou o trabalho de Barsanulfo, promovendo a memória e ações espíritas no campo da assistência social às pessoas carentes e necessitadas.

Além da produção do livro *Eurípedes: o homem e a missão*, que rememora o indivíduo Eurípedes Barsanulfo e o Colégio Allan Kardec, Corina Novelino também assumiu a direção do colégio no período entre 1941 a 1964. E ainda, fundou o *Lar de Eurípedes*, uma casa de assistência social que recebia meninas órfãs. O Lar de Eurípedes foi montado ao lado do Colégio Allan Kardec. As ações de assistência social e práticas no espiritismo sempre foram constantes na vida de Corina Novelino o que a coloca como parceira de Barsanulfo. Parceiros de mesmo ideal, mas que viveram em tempos históricos diferentes.

Abaixo, segue quadro de identificação com o nome dos diretores do Colégio Allan Kardec e data de atuação, no período da fundação da instituição até a finalização das atividades de ensino regular (Figura 3). Após 1973, o Colégio Allan Kardec foi destinado apenas para as práticas de ensino do espiritismo, em um quadro religioso específico.

---

<sup>54</sup> Ibid., p. 139.

<sup>55</sup> CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 68.

<sup>56</sup> Ibid., p. 69.

<sup>57</sup> Ibid., p. 27.



Figura 3 – Quadro de diretores no Colégio Allan Kardec

Eurípedes Barsanulfo	1907 – 1918
Walttersides Willon	1919 – 1927
Período em que o Colégio Allan Kardec ficou fechado	Período em que o Colégio Allan Kardec ficou fechado
Homilton Wilson	1936 – 1941
Corina Novelino	1941 – 1964
A administração do Colégio é encampada pelo Estado de Minas Gerais, cuja diretora é Ivone Regina da Silva	1965 – 1973

Fonte: Jaqueline Peixoto Vieira da Silva

Barsanulfo deixou a lembrança das ações realizadas. Sua vida foi exemplo para muitos espíritas em Sacramento. Algumas das suas práticas cotidianas nunca foram abandonadas pelos seus familiares (o culto das 9h da manhã era prática cotidiana de Barsanulfo e permanece até os dias atuais, realizado pelos descendentes da família). A narrativa memorialista produzida por Corina Novelino o estabeleceu depois da morte, o contrário poderia levá-lo ao esquecimento. Devemos considerar que, somente a memória familiar, poderia não ter força para sustentá-lo por um século após a morte. Eurípedes Barsanulfo é, no presente, uma representação e, ao mesmo tempo, ele representa os espíritas. Assim, Eurípedes Barsanulfo é um personagem.

Se existe a alternativa entre a memória e o esquecimento, então pode-se considerar o campo do memorável, que compreende as lembranças consideradas dignas de entrar na memória. “O memorável, longe de ser o passado registrado ou um conjunto de arquivos, é um saber no presente, operado por reinterpretações”<sup>58</sup>. O livro *Eurípedes: o homem e a missão* transita no presente, com edições permanentes, e as reinterpretações são ilimitadas, conforme a propensão de cada leitor. Eurípedes Barsanulfo é um homem do passado e do presente. São dois diferentes. Aquele do passado, praticamente não temos acesso, e o do presente é representação.

Antigos estudantes do Colégio Allan Kardec, aqueles que estiveram presentes durante a gestão escolar de Barsanulfo (1907 – 1918), deixaram relatos de memória enaltecendo os “velhos bons tempos”, nostalgia de um passado que afirmam ter sido de muita alegria e aprendizado. A imagem de Barsanulfo está, portanto, associada aos “bons tempos” da juventude desta geração de sacramentanos. Essa memória colabora para a manutenção identitária e representativa de que o colégio era um espaço de ensino acolhedor em que estudantes sentiam satisfação em estar no local. A lembrança positiva é importante para a

<sup>58</sup> CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 95.

manutenção da identidade e representação do colégio. Um efeito contrário ocorreria se o colégio fosse lembrado como um lugar onde reinasse a tristeza. Assim, a memória mantida é a de um colégio formador de almas, ou em outro termo, colégio formador de “espíritos felizes”.

O período de maior visibilidade do Colégio Allan Kardec é o período da gestão escolar de Barsanulfo (1907 – 1918). É o período que mais mantém as memórias dos acontecimentos. As memórias fortes consideram os acontecimentos importantes, já as memórias fracas consideram os acontecimentos como episódios simples ou banais. Em Sacramento, a memória sobre Barsanulfo e o Colégio Allan Kardec é forte e exercitada; é exercitada nas comemorações, nos museus, nas lápides, nas esculturas, nos relatos orais, nos livros sempre expostos nas estantes das livrarias. A força das memórias depende “da coerência geral do campo memorável, quer dizer, da estruturação mais ou menos homogênea do conjunto de lembranças a partir de um momento de origem e de uma sucessão de fatos.”.

Nesse sentido, o livro *Eurípedes: o homem e a missão*, colabora para a manutenção da memória forte, pois é um livro que agrupa de forma ordenada e coerente um conjunto de lembranças. A escritora facilita o trabalho dos portadores, guardiões e difusores da memória (em princípio os familiares de Barsanulfo eram guardiões e difusores da memória), até que ela mesma (a escritora Corina Novelino) também se torna guardiã e difusora da memória.

Barsanulfo e o Colégio Allan Kardec foram estabelecidos no jogo social da memória em que a memória genealógica e familiar foi muito importante. A exaltação a Barsanulfo se iniciou no berço familiar, nas lembranças carinhosas da mãe, no acolhimento das irmãs e irmãos. Isso não significa deduzir que Barsanulfo era amado por todas as pessoas. Ele vivenciou conflitos dentro do espaço familiar e, mais ainda na sociedade, junto às pessoas que não se vinculavam ao espiritismo. Estabelecer os pressupostos da religião espírita em Sacramento foi também uma ação de envolvimento político e ideológico; considerando político aquele que está imerso na ação de realizar um movimento capaz de envolver várias pessoas na mesma ideologia.

O movimento espírita em Sacramento e no Triângulo Mineiro foi fundado e construído em torno da memória biográfica de Barsanulfo; foi dado mais valor ao homem que ao colégio, entretanto, a família relata que, em seu leito de morte, Barsanulfo demonstrou todo interesse pelo colégio e pediu à família que não fechasse as portas da instituição, que o colégio permanecesse como formador de “espíritos eternos”. Foi nesse momento, após a morte de Barsanulfo, que a família assumiu a direção do colégio, com práticas escolares regulares e sem inovações marcantes, apenas reproduzindo o modelo de ensino local. As inovações educacionais do início do século XX implantadas por Barsanulfo foram gradativamente

caindo em desuso. O colégio também passou por dificuldades financeiras e necessitou ser fechado em certos momentos. Abaixo está o quadro que relaciona os períodos históricos nacionais e o Colégio Allan Kardec.

Figura 4 – Quadro de acontecimentos no Colégio Allan Kardec e fatos históricos nacionais

PERÍODO	ACONTECIMENTOS NO COLÉGIO ALLAN KARDEC E FATOS HISTÓRICOS NACIONAIS
De 1907 a 1918	Fundação do colégio pelo educador Eurípedes Barsanulfo, no período da <i>Primeira República no Brasil</i> . Esta foi uma fase muito expressiva da instituição, com práticas de ensino que valorizavam os estudantes, o conhecimento, a razão, o despertar da consciência, a compreensão e a educação. Sem prêmios e sem castigos, o ensino a partir da observação da natureza, salas de aula formada por meninos e meninas, presença de estudantes e professores negros, atendimento educacional a crianças carentes (propostas educacionais inovadoras naquela época). <sup>59</sup> Entretanto, no cenário nacional este período foi marcado pelo coronelismo e pelo domínio político exercido principalmente pelos estados de Minas Gerais e São Paulo na <i>Política Café-com-Leite</i> .
De 1919 a 1930	Com a morte de Eurípedes Barsanulfo sua família assume a direção do colégio. O colégio passa por dificuldades financeiras e de gestão. Nos anos de 1920, a <i>Pedagogia Escolanovista</i> chega com força em um movimento de renovação do ensino em substituição às práticas tradicionais, entretanto, no Colégio Allan Kardec o educador Eurípedes Barsanulfo já havia renovado as práticas de ensino em muitos aspectos. Também chega a Sacramento, assim como em diversas cidades do Estado de Minas Gerais, os <i>Grupos Escolares</i> <sup>60</sup> (escolas públicas com nova proposta de ensino para a formação escolar republicana no cenário nacional; mas que infelizmente não atingiam a maioria populacional).
De 1931 a 1945	Período marcado pelo Governo Vargas e a ditadura varguista. Os trabalhadores do colégio continuaram empenhados para mantê-lo em funcionamento.
De 1946 a 1963	Período democrático no Brasil. Novas propostas políticas e ampliação educacional. Período de expansão urbana. Investimentos na indústria de base nacional.
De 1964 a 1973	Período de ditadura militar no Brasil. Investimento nas propostas político-educacional da Pedagogia Tecniciста no cenário nacional. <sup>61</sup>
1975	Fundação da Escola Eurípedes Barsanulfo para a continuidade das atividades educacionais do Colégio Allan Kardec.
De 1975 até os dias atuais	O prédio do Colégio Allan Kardec ficou destinado a outras atividades: museu, memorial, livraria espírita, casa de reunião religiosa (Centro Espírita), cafeteria, escritório administrativo. A família e descendentes de Eurípedes Barsanulfo sempre estiveram à frente do projeto educacional do Colégio Allan Kardec e Escola Eurípedes Barsanulfo, até os dias atuais. Mantiveram uma memória e projeto de trabalho que nunca quiseram esquecer.

Fonte: Jaqueline Peixoto Vieira da Silva

<sup>59</sup> BIGHETO, Alessandro Cesar. **Eurípedes Barsanulfo**: um educador de vanguarda na Primeira República. 2. ed. Bragança Paulista-SP: Editora Comenius, 2007./INCONTRI, Dora. **Pedagogia Espírita**: um projeto brasileiro e suas raízes. 3. ed. Bragança Paulista-SP: Editora Comenius, 2012./ NOVELINO, Corina. **Eurípedes**: o Homem e a Missão. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987.

<sup>60</sup> FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Dos pardieiros aos palácios**: forma e cultura escolares em Belo Horizonte (1906 – 1918). Uberlândia: EDUFU, 2014.

<sup>61</sup> GATTI JÚNIOR, Décio. A pedagogia tecnicista no contexto brasileiro do golpe militar de 1964: o projeto educacional do Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (1961-1972). **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 9, n. 1 . jan./jun. 2010.

Na produção do livro *Eurípedes: o homem e a missão*, Corina Novelino, reuniu o máximo de documentos possíveis. Além dos relatos orais que colheu, a autora também anexou cópias de cartas, registros de cartório, certidão de nascimento e morte, atas da câmara dos vereadores de Sacramento e texto escrito pelo próprio Barsanulfo.

Em 1913, Barsanulfo vivenciou um embate ideológico religioso com o padre Feliciano Iague em praça pública. Esse fato foi notório na cidade e acompanhado por várias pessoas. Após esse debate, Barsanulfo escreveu um folhetim relatando o acontecimento e publicou alguns exemplares. O texto completo está no livro memorialista de Corina Novelino. Trata-se de um dos poucos escritos pelo próprio Barsanulfo, em que ele expõem alguns pressupostos espíritas segundo a sua concepção e de acordo com os debates da época. Todos esses documentos colaboram para o delinear do indivíduo e do movimento espírita brasileiro no início do século XX e que investigamos neste estudo.

Diante do conjunto documental preservado e da memória exercitada sobre Barsanulfo e o Colégio Allan Kardec, podemos afirmar que a memória coletiva ou memória social está ativa desde o momento do acontecimento dos fatos até os dias presente. Uma memória que quer ser lembrada e é ao mesmo tempo representada e representativa. Barsanulfo é o indivíduo representado e ao mesmo tempo representante dos espíritas.

Já o Colégio Allan Kardec é o fruto das ações do indivíduo que investigamos neste estudo. Essa instituição foi um centro formador de espíritas, mas não somente um centro de formação religiosa, foi também formador de pessoas capacitadas para atuarem na sociedade, em todas as funções sociais. O Colégio Allan Kardec formou pessoas que se tornaram médicos<sup>62</sup>, dentistas<sup>63</sup>, comerciantes<sup>64</sup>, donas de casa<sup>65</sup>.

Após a produção e publicação dos dois primeiros livros sobre Barsanulfo e Colégio Allan Kardec (*Subsídio para a história de Eurípedes Barsanulfo*<sup>66</sup> e *Eurípedes: o homem e a missão*<sup>67</sup>) outras biografias memorialistas foram publicadas<sup>68</sup>. Todas com o mesmo teor narrativo, considerando Barsanulfo um indivíduo com muitas qualidades, apresentando-o em seu aspecto religioso, como espírita e médium. Em princípio, neste estudo, interessou muito

<sup>62</sup> Tomaz Novelino, estudante no colégio Allan Kardec, no período de gestão escolar de Barsanulfo.

<sup>63</sup> Angelo Ribas, estudante no colégio Allan Kardec, no período de gestão escolar de Barsanulfo.

<sup>64</sup> Jerônimo Cândido Gomide, estudante no colégio Allan Kardec, no período de gestão escolar de Barsanulfo.

<sup>65</sup> Maria de Lourdes Silveira, estudante no colégio Allan Kardec, no período de gestão escolar de Barsanulfo.

<sup>66</sup> FERREIRA, Inácio. **Subsídio para a história de Eurípedes Barsanulfo**. Uberaba-MG: [s.n.], 1962.

<sup>67</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes: o Homem e a Missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987.

<sup>68</sup> RIZZINI, Jorge. **Eurípedes Barsanulfo: o apóstolo da caridade**. São Bernardo do Campo: Correio Fraternal, 1979./ABDALA, Dirceu. **O apóstolo de Sacramento: Tombamento Religioso, Histórico, Cultural e Patrimonial de Eurípedes Barsanulfo**. Goiatuba-GO: CEU, 2008./MONTEIRO, Eduardo Carvalho. **Cem anos de evangelho com Eurípedes Barsanulfo: 1904 – 2004**. São Paulo: Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo, 2005.

mais compreender o homem como sujeito social nos aspectos da atuação no campo educacional e da saúde e menos no aspecto religioso, depois compreendemos o entrelaçar de todos os aspectos que estavam à volta do indivíduo e constituíam a sua identidade.

Ao perceber a identidade do indivíduo, compreendemos também a identidade do grupo: dos espíritas. Essa identidade não é fixa, ela pode se modificar ao longo do tempo. O que podemos identificar hoje é uma identidade grupal estabelecida entre o século XIX e XX. Em um trabalho antropológico de investigação sobre as casas espíritas do Triângulo Mineiro e região central do Brasil, percebemos o exercício do uso dos remédios homeopáticos e fitoterápicos, as práticas evangélicas segundo o espiritismo com caráter educativo e formação de escolas regulares espíritas. Práticas já exercidas por Barsanulfo e continuadas coletivamente.

O poder da memória coletiva, ou memória social, estruturou todo esse aparato que permanece em fluxo. Barsanulfo não foi um indivíduo solitário que iniciou todo esse movimento, ele é parte de um sistema social que permanece desde o final do século XIX até o tempo presente. Um sistema social composto pelos primeiros espíritas no Triângulo Mineiro, por Barsanulfo (que se tornou o indivíduo que representa o grupo), pelos memorialistas que reuniram os documentos dessa trajetória temporal, pelos ativistas e praticantes do espiritismo e pelos lugares de memória, dentre eles, o Colégio Allan Kardec. Estamos diante de um sistema social que criou também um sistema religioso (um sistema religioso criado pelos espíritas e para os espíritas de identificação kardequiana<sup>69</sup>). Contudo, investigando origens, este estudo é capaz de apresentar como a religião espírita de fundamentação kardequiana se estabeleceu no Brasil.

Na investigação histórica, percebemos o homem e o colégio e não o herói e o ídolo apresentado pelos memorialistas. Neste trabalho de história não há a intensão de alimentar representações e, sim, descobri-las. As representações e identidades elaboradas no sistema social, iniciado antes mesmo do nascimento de Barsanulfo, no final do século XIX, quando os primeiros espíritas se instalaram no Triângulo Mineiro, na cidade de Uberaba-MG, permanecem até os dias presentes.

Outra fonte da memória que não podemos deixar de considerar, que também investigamos neste estudo, é o livro do jornalista Jorge Rizzini, *Eurípedes Barsanulfo: o apóstolo da caridade*<sup>70</sup>, cuja publicação ocorreu quase simultaneamente com o livro de Corina

---

<sup>69</sup> Referente aos fundamentos de Allan Kardec.

<sup>70</sup> RIZZINI, Jorge. **Eurípedes Barsanulfo: o apóstolo da caridade**. São Bernardo do Campo: Correio Fraternal, 1979.

Novelino. Jorge Rizzini era jornalista e escritor espírita, morava em São Paulo, e se interessou por saber quem foi Barsanulfo. Foi até Sacramento e investigou a identidade desse indivíduo espírita, colheu relatos orais e publicou o livro que contém vários casos a respeito das atividades mediúnicas de Barsanulfo. Para os espíritas, as atividades mediúnicas eram as mais curiosas e atraíam o público leitor.

Diferentemente de Corina Novelino, Jorge Rizzini não tinha ligação nenhuma com os familiares de Barsanulfo e não estava interessado em divulgar uma memória familiar. Ele partiu para a memória social das ruas, foi em busca dos fatos curiosos que marcaram a vida de Barsanulfo, os acontecimentos que o tornariam um ícone no espiritismo brasileiro. Rizzini foi mais um autor que descreveu memórias coletivas e publicou em livros, pela editora espírita Correio Fraterno. Barsanulfo e o Colégio Allan Kardec tiveram ao seu dispor a memória espontânea, a memória familiar, a memória genealógica e a memória local.

Ao visitar Sacramento, nos trabalhos de campo para esta pesquisa, me deparei com os relatos orais dos “guardiões da memória”, familiares e amigos pertencentes à genealogia de Barsanulfo, que contam as memórias transmitidas na oralidade e nos livros publicados. Entrevistei pessoas que concederam depoimentos gravados da memória exercitada em Sacramento.

Barsanulfo e o Colégio Allan Kardec não estão somente na sua localidade de origem, através da memória foram compartilhados com muitos brasileiros e brasileiras, principalmente entre os espíritas. O público estrangeiro também já os conhece através dos textos e artigos acadêmicos.<sup>71</sup> A memória exercitada se expande e por ela o movimento social religioso espírita mantém a identidade.

A imagem de Barsanulfo e do Colégio Allan Kardec, que está publicada em livros, compõem um conjunto patrimonial. O patrimônio “funciona como um aparelho ideológico da memória: a conservação sistemática dos vestígios, relíquias, testemunhos, impressões, traços, ‘serve de reservatório para alimentar as ficções da história que se constrói a respeito do passado’<sup>72</sup>. O patrimônio mantém a ilusão da continuidade. Barsanulfo e o Colégio Allan Kardec não acabaram, estão vivos na memória e materializados no patrimônio.

---

<sup>71</sup> HESS, David John. **Spirits and Scientists: Ideology, Spiritism and Brazilian Culture**. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 1991./LAPLANTINE, François; AUBRÉE, Marion. **La Table, le Livre et les Esprits**. Paris: Ed. Lattés, 1990.

<sup>72</sup> CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 158 e 159.

Outros documentos investigados nesta pesquisa foram as atas dos vereadores de Sacramento, do período de 1904 a 1908, e o processo criminal imputado a Barsanulfo<sup>73</sup>. Esses documentos, ainda que fontes primárias relevantes para se conhecer este sujeito, não estavam sob o julgo dos memorialistas. Neles, é possível identificar o indivíduo Barsanulfo nos seus embates e enfrentamentos sociais na justiça e na política. Consideramos que tudo que Barsanulfo foi e suas concepções ideológicas foram, de alguma forma, transportadas para dentro do Colégio Allan Kardec. O Colégio tinha as características marcantes do seu gestor escolar, o que ele acreditava e praticava era também o que ele ensinava.

As atas da câmara dos vereadores de Sacramento, que pesquisamos, foram redigidas pelo próprio Barsanulfo. Ele foi vereador e secretário da câmara dos vereadores. Barsanulfo acompanhou de perto o cotidiano social da cidade e esteve a par dos debates sobre saúde, educação e religião, que foram os temas com os quais mais se envolveu. Barsanulfo questionou a falta de investimentos financeiros nas áreas da saúde e educação pública e ao finalizar sua carreira política, que chegou a dois mandatos incompletos como vereador, decidiu se dedicar exclusivamente às atividades no Colégio Allan Kardec, na farmácia espírita Esperança e Caridade e ao Centro Espírita Esperança e Caridade. A essa altura da sua vida, Barsanulfo já era reconhecido como médium espírita e era procurado por muitas pessoas que chegavam de diversas cidades em busca do auxílio religioso.<sup>74</sup>

Todos os documentos mencionados são utilizados e problematizados ao longo deste estudo. Na investigação histórica é fundamental discutir a origem e produção dos documentos, em busca da reconstituição da trajetória deste sujeito rememorado.

---

<sup>73</sup> Há cópia completa do processo criminal no livro: FERREIRA, Inácio. **Subsídio para a história de Eurípedes Barsanulfo**. Uberaba-MG: [s.n.], 1962.

<sup>74</sup> FERREIRA, Inácio. **Subsídio para a história de Eurípedes Barsanulfo**. Uberaba-MG: [s.n.], 1962.



## CAPÍTULO 2 - Eurípedes Barsanulfo, imagens do fundador do Colégio Allan Kardec

*O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento.*

Le Goff

O Colégio Allan Kardec foi a primeira instituição de ensino espírita fundada no Brasil<sup>75</sup>, em 1907. Era um colégio regular, que oferecia a educação básica e o ensino do espiritismo de base teórica kardecista.

O colégio fica localizado na cidade de Sacramento-MG, no Triângulo Mineiro, à margem do rio Grande, no circuito do Parque Nacional da Serra da Canastra, na fronteira entre os estados de Minas Gerais e São Paulo. Abaixo está o mapa de localização do município (Figura 5).

Figura 5 - Mapa de localização do município de Sacramento-MG.



Fonte: Google – março/2017

<sup>75</sup> INCONTRI, Dora. **Pedagogia Espírita: um projeto brasileiro e suas raízes**. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2012.

Antes da fundação do Colégio Allan Kardec, se despontou na região um núcleo espírita de definição teórica kardequiana<sup>76</sup>. É importante compreender que em Sacramento e região se originou um núcleo potente do movimento social religioso espírita, isso nos permite analisar as circunstâncias históricas na fundação do colégio. Para esse procedimento de análise, retrocedemos no espaço temporal a fim de investigar a formação do núcleo espírita e seus procedimentos sociais e religiosos, que culminaram na fundação e manutenção do primeiro colégio espírita do Brasil.

Sacramento está entre as primeiras cidades fundadas no Triângulo Mineiro. Foi fundada pelo cônego Hermógenes Casimiro de Araújo Brunswik (1783 – 1861)<sup>77</sup>, que cumpriu com as determinações do império no objetivo de colonizar a região e banir os índios e quilombolas que habitavam o local.<sup>78</sup> Próximo as terras do Capitão Ferreira (pai do cônego Hermógenes Casimiro de Araújo Brunswik), às margens do ribeirão Borá, ele fincou a cruz da fé católica e fundou o arraial denominado Santíssimo Sacramento, com registro eclesiástico de 24 de agosto, de 1820.<sup>79</sup>

Com essa ação, ele expandiu a sua autoridade política e eclesiástica na região, além de valorizar as terras do pai e da sua família. Ele havia recebido, em 1819, Carta de Sesmaria para se apossar de terras no Sertão da Farinha Podre<sup>80</sup> e concedeu a seu irmão, Antônio Domiense de Araújo, que também era padre, a tarefa de desenvolver e coordenar a sesmaria de oito mil alqueires de terra, que recebeu o nome de Fazenda Santa Maria: uma faixa de terra localizada na região que engloba as serras de Ibituruna e Santa Maria, no atual município de Sacramento, se estendendo até próximo à cidade de Uberaba-MG<sup>81</sup>. Atualmente, ainda há um núcleo populacional rural remanescente na Fazenda Santa Maria, entre as cidades de Sacramento-MG e Conquista-MG (Figura 6).

<sup>76</sup> Baseado no estudo da obra espírita desenvolvida por Allan Kardec. Os livros são considerados o referencial teórico fundante do espiritismo. Foram elaborados na França a partir de 1857, e tão logo chegaram ao Brasil. In.: FERNANDES, Paulo César da Conceição. **As origens do Espiritismo no Brasil: Razão, Cultura e Resistência no Início de uma Experiência (1850 – 1914)**. 2008. 139f. Dissertação (Mestrado). Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília/UnB, Brasília, 2008.

<sup>77</sup> LUZ, Estêvão de Melo Marcondes. **Um legislador nas Gerais: vida e obra do Cônego Hermógenes Casimiro de Araújo Brunswik (1783 – 1861)**. 2008. 165 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” UNESP, Franca, 2008.

<sup>78</sup> LOURENÇO, Luís Augusto Bustamante. **A oeste das minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista – Triângulo Mineiro (1750 – 1861)**. Uberlândia: EDUFU, 2010.

<sup>79</sup> NABUT, Jorge Alberto. (Org.). **Desemboque: documentário histórico e cultural**. Uberaba: Fundação Cultural de Uberaba e Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1986.

<sup>80</sup> LOURENÇO, Luís Augusto Bustamante. **A oeste das minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista – Triângulo Mineiro (1750 – 1861)**. Uberlândia: EDUFU, 2010.

<sup>81</sup> ABDALA, Dirceu. **O apóstolo de Sacramento: Tombamento Religioso, Histórico, Cultural e Patrimonial de Eurípedes Barsanulfo**. Goiatuba-GO: CEU, 2008.

Figura 6 - Mapa atual de localização da Fazenda Santa Maria (entre as cidades de Sacramento-MG e Conquista-MG).



Fonte: <[http://www.academiadeastronomia.com/academia\\_construcao.html](http://www.academiadeastronomia.com/academia_construcao.html)>  
Acesso em: 29/03/2017

Em todo povoado fundado em Minas Gerais se erguia uma capela católica e assim também foi em Sacramento-MG. A tradição religiosa católica é presente desde a origem da cidade. O povoado do Santíssimo Sacramento foi elevado à condição de freguesia e a capela elevada à paróquia, sob a denominação de Nossa Senhora do Patrocínio do Santíssimo Sacramento do Burá, pela lei provincial de 3 de julho de 1857. Em 13 de setembro de 1870, foi elevada à condição de vila de Nossa Senhora do Patrocínio do Santíssimo Sacramento, pela lei nº 1637, com a instalação da Câmara Municipal. Por fim, em 3 de junho de 1876 foi reconhecida como cidade de Sacramento, pela lei nº 2216, da Assembleia Provincial.<sup>82</sup>

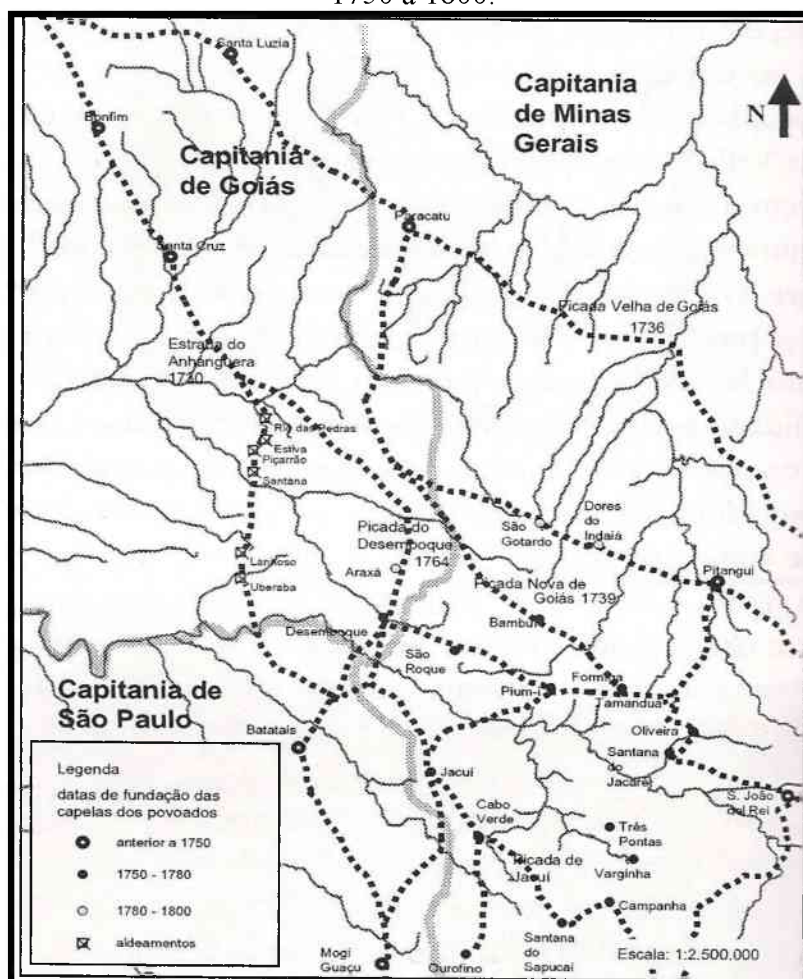
Próximo a Sacramento esta Desemboque (hoje, Desemboque é distrito de Sacramento). Segundo pesquisas do historiador Alessandro Abdala Santana, Desemboque teve destaque na história do Sertão da Farinha Podre. Foi um importante núcleo populacional, tendo evoluído de arraial à sede de julgado goiano, até ser elevada à condição de vila da capitania de Minas Gerais.<sup>83</sup> Também se verifica a importância socioeconômica de

<sup>82</sup> CERCHI, Carlos Alberto. **Memória Fotográfica de Sacramento**: 1900 – 2000. Sacramento-MG: Art's Editoração, 2004.

<sup>83</sup> SANTANA, Alessandro Abdala. **Habitantes do sertão**: homens livres e escravos no Julgado do Desemboque-MG (1783-1873). 2008. 73 f. Monografia (Graduação em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” UNESP, Franca, 2008.

Desemboque na documentação levantada por Jorge Alberto Nabut<sup>84</sup>. Desemboque foi um ponto de extração de ouro e, principalmente, local de contrabando do ouro extraído de outras regiões das Minas Gerais e escoado sem o pagamento de impostos para as províncias de Goiás e São Paulo. Contrabandistas do ouro mineiro passavam por Desemboque através das *picadas*, que eram os caminhos ou estradas rústicas que levavam até os povoados. Luís Augusto Bustamante Lourenço afirma: “à medida que se faziam as descobertas auríferas e que, em torno delas se desenvolviam os arraiais do ouro, o intenso fluxo de mercadorias e pessoas fazia surgir os caminhos, ligando-os aos núcleos primazes ou de exportação.”<sup>85</sup> (Figura 7)

Figura 7 - Localização dos principais povoados, picadas e caminhos no oeste mineiro entre 1750 a 1800.



Fonte: LOURENÇO, Luís Augusto Bustamante. **A oeste das minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista – Triângulo Mineiro (1750 – 1861)**. Uberlândia: EDUFU, 2010, p. 114.

<sup>84</sup> NABUT, Jorge Alberto (Org.). **Desemboque: documentário histórico e cultural**. Uberaba: Fundação Cultural de Uberaba e Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1986.

<sup>85</sup> LOURENÇO, Luís Augusto Bustamante. **A oeste das minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista – Triângulo Mineiro (1750 – 1861)**. Uberlândia: EDUFU, 2010, p. 113.



Quando a corrida pela extração e comércio do ouro nas Minas Gerais se esgotou, Desemboque entrou em decadência e Sacramento passou a atrair migrantes e imigrantes interessados em desenvolver outro ramo de atividade econômica. Foi quando a região de Sacramento ficou próspera devido à produção rural: terra de fazendeiros e coronéis. Era um manancial no interior do Brasil, longe dos centros urbanos mais importantes, que acolhia pessoas de todo tipo. Sacramento está à porta do Triângulo Mineiro, na divisa com o estado paulista e por onde passava os viajantes e mercadores do Rio de Janeiro rumo a Goiás. As fotografias abaixo mostram a produção pecuária e agrícola da região (Figuras 8 e 9).

Figura 8 - Sacramento-MG, década de 1920. Rua 6 de Novembro, atual rua Clemente Araújo.



Fonte: CERCHI, Carlos Alberto. **Memória Fotográfica de Sacramento: 1900 – 2000**. Sacramento-MG: Art's Editoração, 2004, p. 68.

Figura 9 - Safra de café chegando nas máquinas dos Crema (Silvio Crema), Sacramento, década de 1960.



Fonte: CERCHI, Carlos Alberto. **Memória Fotográfica de Sacramento**: 1900 – 2000. Sacramento-MG: Art's Editoração, 2004, p. 70.

A família de Eurípedes Barsanulfo, foi a fundadora da cidade de Sacramento e, logo na fundação da cidade, está o *mito de origem do espiritismo* na região. “Em todas as sociedades, os indivíduos detêm uma grande quantidade de informações no seu patrimônio genético, na sua memória a longo prazo e, temporariamente, na memória ativa.”<sup>86</sup> Definimos por mito de origem do espiritismo, o relato oferecido em entrevista gravada para esta pesquisa, concedida por Armilon Ribeiro de Melo:

**Armilon:** Quando aqui era tudo selva, mata virgem, os bandeirantes vinham pelo Tietê até o Rio Grande, antes da cachoeira eles desciam. Certamente acampavam por lá, devem ter adquirido animais para poder transportar seus utensílios. Acampavam lá, depois iam até Conquista, que era mata, não existia Conquista. E depois acampavam aqui em Santa Maria. Vinham de animais, a pé, não sei como vinham. E depois acampavam numa clareira que eles mesmos adaptaram, que fica lá onde hoje é a capelinha, a capelinha de Santa Maria, o primeiro templo religioso de Santa Maria. Eles acampavam ali, depois que eles descansavam, seguiam viagem até onde hoje é Sacramento, não existia nada na época, acampavam em Sacramento. E hoje o Desemboque tem duas igrejas, é distrito de Sacramento, mas Desemboque na época era a principal cidade do Brasil Central, pois produzia muito ouro e pedras

<sup>86</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1992, p. 425.

preciosas. Eles pegavam o ouro e pedras preciosas e fugiam da derrama, dos impostos, faziam os caminhos pra não serem pegos, até São Paulo e dali desviavam, faziam contrabando para o exterior, do ouro e das pedras preciosas. Então quando eles agiam dessa forma, nisso eles atuaram até 1792, antes de 1792 é que eles faziam isso, de meados do séc. XVIII até 1792. Por que a gente fixou 1792? Porque houve a Inconfidência Mineira, Tiradentes foi morto e vários inconfidentes foram deportados, houve uma perseguição muito grande às famílias deles. Os bandeirantes e as entradas... tudo aventureiro, eles faziam por esse caminho o contrabando, então ficaram com medo e não vieram mais, parece que vieram a última vez em 1792, parece que a história do triângulo conta isso, essa parte. Mas então, como surgiu Santa Maria? Aqui teve um padre, pároco do Desemboque, que foi uma pessoa notável, “até no número de filhos”, ele teve 9 filhos com 3 esposas diferentes. Ele era bom (risos)... É o Cônego **Hermógenes Cassimiro de Araújo Brunswik, esse é o fundador de Sacramento, esse padre era muito culto, era o mais notável cidadão da região** e tinha uma qualidade principal, ele era amigo do rei Dom João VI, foi confessor do rei quando fugiu pro Brasil. Então ele se tornou muito amigo do rei e quem é amigo do rei tem tudo, ele então tinha muitos poderes e tinha a confiança do rei. E o rei, aí já no séc. XIX, em 1805/06 o rei determinou ao cônego Hermógenes que provocasse o desenvolvimento dessa região que era muito rica e que era só selva, que ele marcasse grandes porções de terras, chamadas na época de sesmarias, e distribuisse pra as pessoas que tivessem capacidade de administrá-las e trazer um progresso pra região e deu um prazo pra ele e deu recursos para ele fazer isso, assim ele foi marcando as sesmarias de toda a região, de todo o triângulo mineiro e foi marcando, marcando... ele terminou esse trabalho em 1817, isso está na história, o resto que eu vou contar não está na história. 1817 ele terminou esse trabalho. Entre as sesmarias demarcadas, está a sesmaria de Santa Maria e quando ele chegou aqui pra fazer a demarcação, ela não foi a última, então Santa Maria foi demarcada antes de 1817, porque em 1817 a história diz que ele encerrou esse trabalho, quando ele chegou no alto, onde chama Ibituruna, onde tem a serra, quando você vem chegando de Sacramento por esse caminho se passa.

**Armilon:** Chama Ibituruna, já é Santa Maria, esse nome foi dado pelos índios Caiapós. E quando ele chegou lá, ele ficou sabendo que as terras chamavam Ibituruna, que os índios tinham dado esse nome, eu sabia até o que significava, mas minha memória tá falhando e agora eu não sei, eu não me lembro mais o que significa, mas você vai no google que você acha.

(...)

**Armilon:** Pesquisa que você acha, I-BI-TU-RU-NA, eles chegaram... não sei se é terra fértil, alguma coisa, eu não me lembro o que significa, mas já pesquisei e vi. Ele chegou a Ibituruna ao amanhecer e consta, a gente não sabe se foi visão espiritual ou se de fato houve isso, ou se é lenda, consta que ele quando chegou lá pra fazer a marcação, de lá pra cima, ele não ia descer até aqui no vale, ele ia ficar lá que era mais fácil.

**Jaqueline:** Ah, sim, ficava mais fácil

**Armilon:** E ao chegar lá, ele viu uma grande clareira, no meio da selva e com uma característica, impossível de ser explicada, a luz brotava da terra, a luz brotava pra cima, em toda a clareira, no meio da selva.

**Jaqueline:** Nossa!

**Armilon:** - Por que essa luz brota assim? - Parecia que era um grande refletor, hoje daria pra usar essa imagem, pois a gente conhece, mas naquela época não existia eletricidade, era como se fosse um grande farol que iluminava milhares de espelhos e refletia e apagava o próprio farol, você não via o farol, só via a luz, diz que era um negócio indescritível de beleza, ele então não teve dúvida, levantou o acampamento e desceu pra ver o que era essa luz, quando chegou no local ele viu um cruzeiro, um altar e uma imagem da Virgem Maria santíssima e não teve dúvida, deu um nome de Santa Maria.

**Armilon:** Então, a gente tem 3 hipóteses, ou essa luz é uma lenda, eu acho que não é. Ou essa luz é de algum astro ou de algum espírito ou alguma espiritualidade ou essa luz é visão só espiritual dele, não existia materialmente, eu acredito nessa

última hipótese.<sup>87</sup>

Armilon Ribeiro de Melo conta sobre a chegada dos primeiros colonizadores na região e no território chamado Santa Maria (área rural próximo de Sacramento). Na mesma época de demarcação da sesmaria de Santa Maria, se fundou a cidade de Sacramento. Nesse episódio, relatado por Armilon e também por outros moradores da região, há o “mito” do aparecimento de grande luz e imagem de Maria, mãe de Jesus. Esse relato de uma memória de origem, que demarca a fundação da cidade de Sacramento e da capela de Santa Maria, é registrado pela memória de habitantes do local e também está registrado em outros documentos, conforme a seleção documental organizada por Jorge Alberto Nabut.<sup>88</sup>

No relato de Armilon, ele apresenta a hipótese de que a luz que se viu no meio da mata, na região que em seguida recebeu o nome de Santa Maria, poderia ser de “algum espírito ou alguma espiritualidade” ou que essa luz poderia ser uma “visão espiritual”. Esse relato foi colhido no tempo presente, especialmente durante as investigações para este estudo. Buscávamos saber como surgiram as primeiras motivações espirituais e espíritas na região, sabendo que o movimento espírita colaborou com as atividades no Colégio Allan Kardec (que só foi fundado em 1907). Então, havia um mito de origem do espiritismo naquela região? Seria a memória das origens?

O mito de origem do espiritismo em Sacramento se mistura com a religiosidade católica. A cidade que foi fundada pelo cônego Hermógenes Casimiro de Araújo Brunswik, e gerida inicialmente por ele, por seus familiares católicos e por coronéis da região, recebeu mais tarde a influência do espiritismo.

Joël Candau, em estudo sobre memória e identidade explica: “o momento original, a causa primeira é sempre um desafio para a memória e identidade”<sup>89</sup>. Afinal, quando o movimento sócio cultural religioso espírita adentrou Sacramento? E qual é a relação com o Colégio Allan Kardec? Seguimos pistas e sinais<sup>90</sup> para encontrar as respostas para a problemática investigada, a fim de compreender as origens e desenvolvimento do movimento espírita em Sacramento, que culminou na fundação de um colégio espírita. “Como em todo

<sup>87</sup> MELO, Armilon Ribeiro de. [História de Santa Maria]. Fazenda Santa Maria, Sacramento-MG, 01/03/2016. Entrevistadora: Jaqueline Peixoto Vieira da Silva. Entrevista que nos foi concedida, pelo senhor Armilon Ribeiro de Melo, nascido em 04/02/1932. Armilon Ribeiro de Melo mora na fazenda Santa Maria e compõem a comunidade do local. É descendente dos antigos moradores da comunidade e detentor de uma memória histórica do local. Na entrevista nos relatou histórias que ouvia em sua família sobre a origem do espiritismo no local.

<sup>88</sup> NABUT, Jorge Alberto (Org.). **Desemboque**: documentário histórico e cultural. Uberaba: Fundação Cultural de Uberaba e Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1986.

<sup>89</sup> CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 95.

<sup>90</sup> GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.



ato de memória, a referência às origens se faz sempre selecionando e escolhendo.”.<sup>91</sup> Lembrar o fato passado, de tempo relativamente distante, das luzes que refletiam no meio da mata e na qual apareceu a imagem de Maria (fato que definimos como mito de origem), não é suficiente para compreender todo o movimento social espírita que se desenrolou posteriormente. “O ponto de origem não é suficiente para que a memória possa organizar as representações identitárias.”.<sup>92</sup> Depois da definição da origem a respeito da espiritualidade na região de Sacramento, houve momentos significativos de mobilizações sociais espíritas. São esses momentos posteriores que definem a memória exercitada e a identidade marcante.

Sacramento se tornou um polo turístico do espiritismo devido à memória mantida regularmente. A origem mitológica da espiritualidade na região de Sacramento não é o cerne que mais atrai os curiosos, os simpatizantes e os fiéis. Candau explica que “a força das memórias dependerá da coerência geral do campo memorável, quer dizer, da estruturação mais ou menos homogênea do conjunto de lembranças a partir de um momento de origem e de uma sucessão de fatos.”.<sup>93</sup> Portanto, é a sucessão de fatos memorados que atrai as pessoas interessadas nas histórias espirituais e espíritas contadas naquela região. “Os acontecimentos são tempos fortes que fazem memórias fortes”<sup>94</sup>, já “a dissolução do acontecimento na banalidade do todo acontecimento origina, com certeza, memórias fráguas.”.<sup>95</sup> O que ocorre em Sacramento é o exercício constante da memória, uma memória lembrada na cronologia que começa no mito de origem e se estende até a vida completa do indivíduo que foi o aglutinador do movimento social espírita na região: Eurípedes Barsanulfo, o fundador do Colégio Allan Kardec.

Neste estudo, seguimos certa ordem cronológica a respeito do indivíduo que marcou a representação identitária do movimento espírita em Sacramento. Investigar a trajetória de Barsanulfo, desde a infância até a morte, permitiu compreender os elos de ligação com pessoas que se aglutinaram e se tornaram adeptas e ativistas do espiritismo. Esta é uma história que se inicia nos elos familiares e se desenvolve agregando a comunidade da cidade de Sacramento-MG e espíritas de todo o Brasil.

Para compreender a fundação do Colégio Allan Kardec, investigamos a vida do fundador; sabendo que ele, Eurípedes Barsanulfo, foi o agente principal na fundação do colégio e interferiu com sua história pessoal na organização da instituição. As seguintes

---

<sup>91</sup> CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 97.

<sup>92</sup> CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 98.

<sup>93</sup> *Ibid.*, p. 100.

<sup>94</sup> *Ibid.*, p. 101.

<sup>95</sup> *Ibid.*, p. 101.

perguntas foram motivadoras nesta investigação: quem era Eurípedes Barsanulfo? Por que ele fundou o Colégio Allan Kardec? Como ele fundou o Colégio Allan Kardec? Como ele atuava na instituição? Qual era a sua formação intelectual? Como ele aplicou a sua formação intelectual no Colégio Allan Kardec?

Vários aspectos a respeito da família, da infância e da juventude de Barsanulfo explicam escolhas e envolvimento do indivíduo na época da fundação do Colégio Allan Kardec, pois ele o fundou de acordo com os meios culturais e materiais que reuniu durante a vida, inclusive sua família foi o principal agente mantenedor do colégio, mas isso se desenrolou com vivências conflitantes, em meio a embates e disputas.

Eurípedes Barsanulfo nasceu em 1880, descendente dos fundadores de Sacramento, parente distante do Capitão Ferreira (português influente que veio para o Brasil) e do cônego Hermógenes Casimiro de Araújo Brunswik (padre e político no Brasil Imperial).<sup>96</sup> Uma família católica, de pessoas letradas e com influências no meio social e político. Localizar a família de Barsanulfo permite compreender a classe social em que ele estava inserido e as possíveis influências culturais que recebeu.

Quem nos conta sobre a família de Barsanulfo é a memorialista Corina Novelino<sup>97</sup>, que era membro integrante da família. Os aspectos da infância e da juventude de Barsanulfo não estão disponíveis em outros documentos. Os detalhes que estavam na memória familiar já começam a cair no esquecimento, devido à morte dos parentes mais velhos. Eurípedes Barsanulfo nasceu no final do período imperial. Filho de Hermógenes Ernesto de Araújo (o Mogico) e Jerônima Pereira de Almeida (a Meca). Mogico e Meca se conheceram no altar da igreja, no dia do casamento. A união do casal foi determinada pelos seus pais. Meca tinha

---

<sup>96</sup> O capitão Manoel Ferreira de Araújo casou-se com Joaquina Rosa de Araújo, o casal teve nove filhos – Hermógenes Casimiro de Araújo, Antônio Domiense de Araújo, Miguel Eugênio Ferreira de Araújo, Clemente José de Araújo (bisavô de Eurípedes Barsanulfo), Félix Ferreira de Araújo, Mauricio Ferreira de Araújo, Honório Amâncio de Araújo, Joaquina Silvânia de Araújo, Florinda de Araújo. Dentre os filhos do Capitão Ferreira, dois se tornaram eclesiásticos: o cônego Hermógenes Casimiro de Araújo Brounswick (que acrescentou mais um sobrenome quando se ordenou padre) e o padre Antônio Domiense de Araújo. Clemente José de Araújo (um dos filhos do Capitão Ferreira) se casou com Escolástica de Araújo e tiveram seis filhos: Ana Petrolina de Araújo, Hermógenes Casimiro de Araújo Sobrinho (avô de Eurípedes Barsanulfo), Manoel Gonçalves de Araújo, Escolástica das Dores Araújo, Cândido de Araújo, José Clemente de Araújo. Hermógenes Casimiro de Araújo Sobrinho se casou com Honória de Araújo (avô e avó de Eurípedes Barsanulfo). Eles tiveram nove filhos: Clemente de Araújo, Guilhermina de Araújo, Hermógenes Ernesto de Araújo (pai de Eurípedes Barsanulfo), Antônio de Araújo, João Nepomuceno de Araújo, Horácio de Araújo, Ovídio de Araújo, Virgílio de Araújo, Olímpio de Araújo. Por fim, Hermógenes Ernesto de Araújo (o Mogico) se casou com Jerônima Pereira de Almeida (a Meca) e tiveram quinze filhos: Maria Neomísia, Eulógio Natal, **Eurípedes Barsanulfo**, Wenefreda Dermecília, Waltersides Willon, Arisia Hermenecília, Odulfo Wardil, Euridice Miltan, Eulice Diltan, Edalides Millan, Edirith Irany, Heródoto, Elith Irany, Homilton Wilson, Waterville Wilman. In.: ABDALA, Dirceu. **O apóstolo de Sacramento**: Tombamento Religioso, Histórico, Cultural e Patrimonial de Eurípedes Barsanulfo. Goiatuba-GO: CEU, 2008.

<sup>97</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo**: o homem e a missão. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987.

apenas 14 anos de idade. Mogico também era jovem, em idade de servir o exército e, para não se tornar um recruta, preferiu se casar. Tiveram quinze filhos e permaneceram casados até o fim de suas vidas. Quando Barsanulfo nasceu, o pai, Mogico, era o administrador responsável por uma casa comercial em Sacramento e sua mãe, Meca, era dona de casa (cuidava da sua casa, do marido e dos filhos e filhas).

Meca é descrita como uma mulher amável, mas que sofria de uma enfermidade. Mogico procurou auxílio médico, que não conseguiu identificar a doença, cujos sintomas eram crises emocionais e desmaios. “As dificuldades eram uma constante na vida do casal, agravadas com o aumento gradativo da família e a enfermidade de Meca.”.<sup>98</sup>

Quando Eurípedes Barsanulfo chegou à idade escolar, foi matriculado na escola do senhor Joaquim Vaz de Melo, a “Escola do Tatinho”, como era conhecida; na verdade uma sala preparada na própria casa do senhor Tatinho, onde ele ensinava as crianças a ler, contar e realizar os primeiros cálculos matemáticos.<sup>99</sup> Cobrava-se mensalidade e somente as famílias que podiam pagar matriculavam os filhos. Crianças de várias idades eram reunidas na mesma sala e o professor ensinava individualmente cada educando.

Com essa experiência, o menino Eurípedes conheceu um primeiro modelo escolar: uma escola improvisada, com um professor que realizava o ensino das primeiras letras e a alfabetização. Provavelmente, o professor Tatinho realizava esse trabalho sem nenhum aperfeiçoamento pedagógico; não há documentos históricos sobre como foi essa primeira experiência escolar de Barsanulfo. Várias pessoas, em Minas Gerais, tiveram como única oportunidade esse tipo de escola, que o pesquisador Luciano Mendes de Faria Filho denomina de *pardieiro*<sup>100</sup>, considerando que eram espaços escolares improvisados e sem a menor condição para as práticas de ensino e aprendizagem.<sup>101</sup>

Interessa conhecer as referências escolares existentes em Sacramento e vivenciadas por Barsanulfo para compará-las com o Colégio Allan Kardec, instituição que Barsanulfo fundou e onde atuou como professor e diretor quando se tornou adulto. Seguiremos o caminho comparativo ao longo deste estudo, o que possibilita compreender as condições educacionais em Sacramento e quais diferenciais o Colégio Allan Kardec ofereceu.

---

<sup>98</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 28.

<sup>99</sup> *Ibid.*, p. 28.

<sup>100</sup> FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Dos pardieiros aos palácios: forma e cultura escolar em Belo Horizonte (1906 – 1918)**. Uberlândia: EDUFU, 2014.

<sup>101</sup> A Era dos Grupos Escolares ainda não havia chegado. Em Sacramento, o primeiro grupo escolar só foi implantado em 1921. Antes disso, as referências escolares, tais como: condição predial, métodos de ensino, organização didática e equipe de professores eram muito diferentes do que se conhece na atualidade. A implantação dos grupos escolares modificou a estrutura educacional brasileira.

Continuando o caminho cronológico e seguindo pistas documentais, sabemos através das fontes históricas que, em 1885, Mogico se mudou com a família para a Serra do Cipó, que fica aproximadamente a 14 km da área central de Sacramento, as margens do rio Grande. Mogico recebeu uma proposta de emprego para gerenciar uma casa comercial neste local<sup>102</sup>, onde foi construída a Estação do Cipó, que era uma estação ferroviária da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e Navegação. Na figura 10 se identifica o mapa de localização da Estação do Cipó.

Figura 10 - Mapa de localização da Estação do Cipó, Sacramento-MG. Desenho de Lester Scalon, [1889?].



Fonte: CERCHI, Carlos Alberto. **Os bondes de Sacramento**. Uberaba-MG: Editora Artes Gráficas, 1991, p. 61.

<sup>102</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 30.

A chegada da ferrovia em Sacramento marca um novo momento histórico da cidade. O fluxo de mercadorias e pessoas aumentou, colocando a cidade mineira em maior contato com o estado paulista. De acordo com Paulo Roberto de Oliveira, pela ferrovia se transportava toneladas de café, toucinho, fumo, grãos, açúcar, sal, couro, algodão e gado. Antes da chegada da ferrovia, muitas mercadorias eram transportadas em carros de boi.<sup>103</sup> Antonio Henrique Felice Anunziata explica que a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro foi criada em 1872, com sede em Campinas-SP.<sup>104</sup> Na expansão da ferrovia, os trilhos atingiram o rio Grande, em 1888, na divisa entre São Paulo e Minas Gerais, onde foi construída uma ponte para transpor o rio e a Estação Ferroviária de Jaguará.<sup>105</sup> A companhia passou a chamar Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e Navegação. Também se iniciou o serviço de navegação fluvial pelo rio Grande. Naquela localidade, adentrando Minas Gerais, no Triângulo Mineiro, a linha férrea atendia as cidades de Sacramento-MG, Conquista-MG e Uberaba-MG, onde a ferrovia chegou em 1889. Em 1895, os trilhos chegaram a Uberabinha, atual Uberlândia-MG. Um ano depois chegou em Araguari-MG.<sup>106</sup>

Interligar São Paulo ao Triângulo Mineiro pelo transporte ferroviário garantiu a expansão econômica dos dois estados. O fluxo comercial de mercadorias se intensificou. O transporte de café e gado foi expressivo e a circulação de pessoas foi facilitada. Com a chegada da ferrovia transpondo o rio Grande e adentrando o Triângulo Mineiro, Sacramento e região adquiriram destaque e ascenderam em importância socioeconômica.

Quando a família de Mogico e Meca foram morar na Serra do Cipó, o menino Eurípedes contava cinco anos de idade e não pôde mais frequentar a escola, pois na serra do Cipó não havia nenhuma instituição de ensino ou professor para ensinar. Ele continuou o seu aprendizado nas primeiras leituras e cálculos com a ajuda do pai, que orientava os filhos nos intervalos do trabalho diário. Eurípedes e seus irmãos passavam o dia com o pai, colaborando na casa comercial. Eles ajudavam a carregar as malas dos passageiros que chegavam à estação ferroviária. As crianças tinham uma rotina familiar aos cuidados do pai e da mãe.

---

<sup>103</sup> OLIVEIRA, Paulo Roberto de. **Para além do Rio Grande**: os impactos da economia paulista sobre o Triângulo Mineiro. História, v. 27, n.2, p. 203 – 222, 2008.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v27n2/a10v27n2.pdf>> Acesso em: 28/09/2016

<sup>104</sup> ANUNZIATA, Antonio Henrique Felice. **O patrimônio ferroviário e a cidade**: a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e Campinas (1872 – 1971). 2013. 903f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2013.

<sup>105</sup> As ruínas da ponte e da estação ainda podem ser vistas logo abaixo da usina hidrelétrica Jaguará, que começou a ser construída em 1966 e operada a partir de 1971, localizada na divisa dos estados de Minas Gerais e São Paulo, entre os municípios de Sacramento-MG e Rifaina-SP.

<sup>106</sup> Linha cronológica da construção da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro.

Disponível em: <[http://www.cmef.com.br/pp\\_fundacao.htm](http://www.cmef.com.br/pp_fundacao.htm)> Acesso em: 01/03/2016

Durante todo o período colonial, imperial e início da república no Brasil o trabalho infantil foi praticado. As crianças, ainda muito pequenas, eram inseridas no trabalho; principalmente as crianças escravas e também as crianças livres pobres. Após o fim da escravidão no Brasil, as crianças negras e brancas continuaram sendo inseridas nas atividades de trabalho.<sup>107</sup> Não foi diferente na vida de Eurípedes e de seus irmãos e irmãs, embora estivessem sob os cuidados familiares. Na narrativa de Corina Novelino:

Mas, na Estação do Cipó não havia escolas. Eurípedes prosseguiu seus estudos com o pai (...). Na casa comercial, onde o pai trabalhava, o menino passava quase todo o dia, ocupado com seus livros e empenhado em auxiliar o progenitor no balcão. Nos momentos oportunos, quando chegavam fregueses a cavalo, oriundos das fazendas e sítios próximos, para compras, ele guardava os animais. Quando o trem apitava a poucos metros da Estação, o menino preparava-se para o carregamento de malas dos possíveis viajantes que desciam ou que embarcavam.<sup>108</sup> Em 1889, a família deixou a serra do Cipó e retornou para a área urbana em busca de melhores condições de saúde, moradia e escolaridade. Mogico recebeu bons salários enquanto esteve trabalhando ali. Ele era o funcionário de confiança e responsável pelo comércio onde trabalhava. Eurípedes estava com nove anos de idade. A família prosseguia com o nascimento dos outros filhos e filhas. Neste ano um colégio particular foi instalado em Sacramento – o primeiro colégio oficial da cidade: o Colégio Miranda.<sup>109</sup>

O Colégio Miranda foi muito importante na formação de Barsanulfo e também foi instituição de ensino importante na cidade de Sacramento. Barsanulfo ficou no Colégio Miranda durante 12 anos; foi nessa instituição que ele desenvolveu o gosto pela prática de ensinar. Barsanulfo não frequentou nenhum curso de formação para o magistério. No Colégio Miranda ele foi estudante regular e formulou seus próprios pressupostos sobre a prática do magistério. Devido a isso, fomos em busca do entendimento da história do Colégio Miranda a fim de compreender a prática pedagógica que Barsanulfo implantou mais tarde, no Colégio Allan Kardec.

Essa busca histórica permite conhecer a estrutura educacional disponível em Sacramento e que foi utilizada no Colégio Allan Kardec. Entende-se por estrutura educacional: ideias de ensino, estrutura física, propostas pedagógicas, organização para o ensino e aprendizagem. Nesse ponto o leitor pode estar se questionando: qual o interesse desta investigação histórica? E a resposta é a seguinte: só é possível compreender o destaque do Colégio Allan Kardec em Sacramento quando observamos essa instituição no lugar em que estava inserida, quando entendemos quais colégios havia na cidade e qual diferencial o Colégio Allan Kardec oferecia. A sociedade sacramentana, sobretudo os indivíduos mais

<sup>107</sup> DEL PRIORE, Mary. (Org.). **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999.

<sup>108</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 30.

<sup>109</sup> CERCHI, Carlos Alberto. **Memória Fotográfica de Sacramento: 1900 – 2000**. Sacramento-MG: Art's Editoração, 2004.

pobres, não tinham acesso irrestrito a qualquer instituição de ensino. Os moradores da cidade estavam diante de algumas poucas possibilidades, viviam submetidos às condições impostas pela governança dos coronéis<sup>110</sup>, à legislação (que era muito precária e praticamente sem nenhuma fiscalização) e à ausência de um sistema educacional público.

Corina Novelino narra que, o coronel Manoel Cassiano de Oliveira França, chefe político em Desemboque-MG, convidou os professores João Derwil de Miranda e Inácio Gomes de Mello para exercerem o magistério e dirigirem um colégio em Sacramento. Necessitava-se modernizar a cidade, promover desenvolvimento social e cultural. Então, João Derwil aceitou o convite e fundou o Colégio Miranda.

A prática coronelista impunha uma organização social e política e Sacramento não ficou fora desse movimento. Não se tratava somente da implantação de um colégio, era uma instituição de ensino para atender à elite local, aqueles que podiam pagar a instituição para aprender. A família de Barsanulfo pôde pagar as mensalidades do Colégio Miranda e garantir para o jovem a melhor formação escolar disponibilizada em Sacramento, mas não foi possível oferecer a mesma condição para todos os filhos ao mesmo tempo. Então, Barsanulfo ficou responsável pelo ensino dos irmãos e irmãs mais novos. Ele ensinava o que aprendia no colégio e desde jovem praticava o ofício livre de educar.

O proprietário do Colégio Miranda, João Derwil de Miranda era professor e já havia lecionado em outras cidades mineiras. Sua formação se deu principalmente no Colégio Caraça<sup>111</sup>. A historiadora Mariza Guerra de Andrade explica que o Colégio Caraça era

---

<sup>110</sup> No final do período imperial e início da República (até por volta do ano de 1930) as lideranças políticas recebiam o título de coronel. Período que a História registra as marcas coronelistas no Brasil.

<sup>111</sup> Localizado na Serra do Caraça, que é o nome de um trecho da Serra do Espinhaço, no município de Catas Altas-MG. Em 1820 D. João VI entregou o Caraça aos missionários da Congregação da Missão (esta congregação foi fundada na França em 1625 por São Vicente de Paulo e é integrada por lazaristas). O colégio recebeu de D. João VI o título de Real Casa da Missão e em 1824 recebeu do imperador Pedro I, o de Imperial Casa. O Colégio Caraça foi equiparado ao Colégio Pedro II (RJ). Era um colégio particular, de difícil acesso devido a sua localização geográfica, mas muito procurado por famílias que buscavam a educação humanística e religiosa para seus filhos. Era um colégio apenas para meninos com idade a partir dos dez anos e funcionava em regime de internato. As famílias precisavam pagar mensalidades, comprar uniformes, pagar as taxas de manutenção de hospedagem, iluminação, alimentação e saúde. No século XIX e meados do século XX se chegava ao colégio somente à cavalo. O uniforme era composto por sapatos, meias e batina (feita com tecido de lã de carneiro ou algodão grosso). O uniforme e o material didático utilizado no Caraça eram comprados principalmente no Rio de Janeiro. Somente os herdeiros de famílias ricas estudavam no Colégio Caraça, exceto quando alguma criança recebia uma bolsa de estudo. O conteúdo programático ensinado no Colégio Caraça a partir de 1867 era: língua nacional (Português), Latim, Francês, Inglês, Geografia, História Moderna, História do Brasil, Retórica, Aritmética, Álgebra, Geometria, Filosofia, Ciências Naturais, Física, Química, Desenho e Música. As atividades religiosas eram constantes e as crianças participavam de momentos de orações. Atividades de jogos e recreações orientadas também são descritas. Em 1892 outros conteúdos programáticos foram acrescentados: Grego, Alemão, Literatura, Elementos de mecânica e astronomia, História Geral, História Natural, Cosmografia e Lógica (compondo o curso de humanidades). E Contabilidade (para o curso de Comércio). Entre 1900 a 1912, quando ocorre a ampla equiparação do Colégio Caraça ao Colégio Pedro II, o conteúdo programático é novamente estendido, se constituindo dos seguintes componentes pedagógicos:

dirigido por professores pertencentes à cúpula clerical católica. O método pedagógico aplicado por ele era o tradicional católico e se aliava a metodologia pedagógica tradicional católica ao ensino humanístico e científico e à formação moral cristã católica. Uma característica marcante do Colégio Caraça era a imposição da ordem e da disciplina. Havia horários rígidos, regras e normas para todas as atividades; as crianças deviam segui-las e sempre respeitar os adultos. Os alunos que estudaram no Caraça, quando adultos, se tornaram principalmente fazendeiros, comerciantes, advogados, farmacêuticos, médicos, engenheiros, dentistas e eclesiásticos, compondo uma classe social privilegiada no Brasil.<sup>112</sup>

Na figura 11 observa-se a postura disciplinada dos estudantes; todos meninos, portando a batina como uniforme para a escola e seminário. A imagem é ilustrativa do modelo seguido e servia de exemplo até mesmo para as instituições não católicas e para aquelas que pretendiam a laicidade.

---

Português, Latim, Francês, Inglês, Grego, Alemão, Literatura, Retórica e Composição, Aritmética, Álgebra, Geometria, Trigonometria, Mecânica, Astronomia, Física, Química, História Natural, História Universal, História do Brasil, Geografia, Botânica, Lógica, Desenho, Doutrina Cristã, Instrução Religiosa. A maioria dos professores eram padres, mas quando não conseguiam um professor clérigo para ministrar as aulas no colégio, contratavam um professor laico. O Colégio Caraça passou por diversas crises financeiras, apesar do ganho com as mensalidades pagas pelos familiares dos estudantes matriculados e também com as contribuições financeiras da Coroa, do Império e da República brasileira. In.: ANDRADE, Mariza Guerra de. **A educação exilada: Colégio do Caraça**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

<sup>112</sup> ANDRADE, Mariza Guerra de. **A educação exilada: Colégio do Caraça**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.



Figura 11 - Foto de alunos e professores em frente ao Colégio Caraça.



Fonte: Disponível em: <<http://www.santuariodocaraca.com.br/o-colegio-e-seminario/o-centro-de-educacao/>>  
Acesso em: 26/09/2016

O professor João Derwil de Miranda assimilou os conhecimentos escolares adquiridos no Colégio Caraça, compondo a sua formação. Depois que concluiu os estudos nessa instituição, ele foi levado para o seminário em Mariana-MG por vontade de sua avó, Maria Querubina, onde continuou seus estudos e práticas religiosas, mas sentiu que não tinha vocação e não queria se tornar padre. Após ter passado por todas as etapas de estudo no seminário, decidiu abandoná-lo e seguir outros objetivos. Neste momento, sua formação intelectual estava “finalizada” e ele se tornou professor, indo ministrar aulas em diversas cidades mineiras. Assumiu a postura laica, entretanto, repleta da influência religiosa que recebeu durante toda a sua formação. Ele assimilou o que estudou e o que conheceu como representação escolar e adaptou as suas práticas educacionais, fazendo as transformações que julgava pertinente. Então, o professor João Derwil de Miranda, que estudou no Colégio Caraça e no seminário em Mariana-MG, fundou em 1889, com o apoio da elite política local,

na cidade de Sacramento-MG, o seu próprio colégio: o Colégio Miranda, que funcionou de 1889 até aproximadamente 1905.<sup>113</sup>

Os primeiros cursos acadêmicos de licenciatura para formação de professores em nível superior no Brasil, só foram criados após 1930. Antes disso, muitos professores se autoformavam a partir da educação básica que recebiam e aprendiam nas suas experiências e práticas. Muitos advogados, médicos e padres se tornavam professores, aliando a sua formação profissional à prática docente. Como professores, transmitiam os saberes que tinham em diversas áreas do conhecimento, ensinando ciências, línguas, matemática, história, geografia e outros conhecimentos.<sup>114</sup> João Derwil de Miranda é um exemplo de professor que se autoformou a partir da educação básica que recebeu ao longo da vida escolar, aliada à prática de ensinar. Como profissional da Educação, ele foi responsável pela formação escolar de várias crianças e jovens, e foi um dos principais responsáveis pela formação escolar de Eurípedes Barsanulfo.

Abaixo, está a figura 12, fotografia do prédio onde funcionou o Colégio Miranda. Um prédio improvisado para o colégio que pretendia ser o melhor da cidade.

Figura 12 - Prédio onde funcionou o Colégio Miranda, no início do século XX, na Av. Benedito Valadares, centro da cidade, Sacramento-MG.



Fonte: CERCHI, Carlos Alberto. **Memória Fotográfica de Sacramento**: 1900 – 2000. Sacramento-MG: Art's Editoração, 2004, p. 215.

<sup>113</sup> CERCHI, Carlos Alberto. **Memória Fotográfica de Sacramento**: 1900 – 2000. Sacramento-MG: Art's Editoração, 2004, p. 215.

<sup>114</sup> CACETE, Núria Hanglei. Breve história do ensino superior brasileiro e da formação de professores para a escola secundária. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 4, p. 1061-1076, out./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/2014nahead/aop1109.pdf>> Acesso em: 23/09/2016.

Quando o pai de Eurípedes realizou a matrícula do menino no Colégio Miranda, ele estava com nove anos de idade e já havia sido alfabetizado. Então, após avaliação escolar, Eurípedes foi para o período posterior de ensino, referente ao nível secundário, como era chamado na época. Neste período da história da família de Barsanulfo, dona Meca fazia doces e os filhos mais velhos os vendiam nas ruas da cidade, o que ajudava na manutenção do orçamento familiar. A casa comercial onde o senhor Mogico trabalhava foi transferida da Estação do Cipó para a área urbana, o que possibilitou seu retorno ao antigo emprego. A vida familiar seguia com a rotina costumeira. O senhor Mogico era conhecido e respeitado socialmente, o que era fundamental para a sobrevivência salutar na cidade interiorana e com uma dinâmica social conservadora.<sup>115</sup>

O corpo docente do Colégio Miranda era composto pelo professor e diretor João Derwil de Miranda, seu amigo e também professor Inácio Martins Gomes de Mello (natural de Paracatu, versado em Retórica, Francês e Latim), Coronel Cassiano de Oliveira França (líder político na região), João Gomes Vieira de Melo (promotor de justiça da Comarca), Floriano Leite de Assis (advogado), Professor Amélio Lara, Onofre Muniz Ribeiro (presidente da Câmara de Vereadores e Agente Executivo), Francisco Palmério (pai do escritor Mário Palmério), Dr. Antônio Felipe Paulino de Figueiredo, Manoel Rodrigues da Paixão (vigário da Paróquia) e Maestro Simplicio.<sup>116</sup> Nota-se que o corpo docente do Colégio Miranda era formado por padres, advogados, representantes políticos e o músico e maestro da cidade. Juntos formavam uma elite intelectual e de destaque social de Sacramento.

Miranda e seu amigo Inácio Martins Gomes de Mello estudaram juntos no Colégio Caraça e também trabalharam juntos em outras escolas.<sup>117</sup> Montaram o Colégio Miranda e ofereciam um ensino privado com a melhor qualidade que conseguiam, de modo que estudar no Colégio Miranda se tornou um privilégio e várias famílias desejavam matricular os seus filhos.

O Colégio Miranda oferecia o ensino somente para meninos, em dois cursos: o curso primário e o curso secundário. No curso primário as crianças eram alfabetizadas e aprendiam os números e os primeiros cálculos. No curso secundário, os componentes curriculares eram: Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História do Brasil e Universal, Música e Religião. As aulas tinham duração de 60 minutos para cada conteúdo. Não havia ainda a ideia da

---

<sup>115</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 38.

<sup>116</sup> CERCHI, Carlos Alberto. **Memória Fotográfica de Sacramento: 1900 – 2000**. Sacramento-MG: Art's Editoração, 2004.

<sup>117</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987.

educação multisseriada: com salas de aula para atender crianças com idade e série escolar específica. Geralmente as crianças e jovens eram agrupadas no mesmo espaço físico.

Os estudantes eram divididos em grupos de acordo com o seu nível de aprendizado, assim o professor orientava os grupos e contava com a ajuda dos monitores (os monitores eram os estudantes que se destacavam nos grupos). Em uma mesma sala de aula havia meninos de diferentes idades. À medida que avançavam nos estudos podiam passar para os grupos mais adiantados. As crianças que não conseguiam avançar nos estudos não iam para os grupos de nível posterior, podendo até ficar estacionadas no mesmo nível. Os exames ocorriam no final do ano letivo com provas escritas e orais e eram avaliadas por banca examinadora.<sup>118</sup>

Nesta dinâmica pedagógica, os professores do Colégio Miranda usavam o método de ensino individual, o método mútuo, o método simultâneo e o método misto. Realizavam uma miscelânea pedagógica para a realização do ensino e aprendizagem. Em linhas gerais, conforme explica a pesquisadora Marcilaine Soares Inácio, no ensino individual o professor ensinava a lição individualmente para cada estudante; no ensino mútuo o professor ensinava a lição ao monitor para que este repassasse aos colegas; no ensino simultâneo o professor ensinava a lição simultaneamente para todos os estudantes; e no ensino misto todas as práticas anteriores eram utilizadas de acordo com a necessidade e vontade do professor.<sup>119</sup>

Em Minas Gerais, havia uma legislação vigente, mas os colégios acabavam por se organizar de acordo com as suas necessidades, sem se prenderem a uma metodologia específica. A fiscalização para o funcionamento das instituições de ensino era precária.<sup>120</sup> Geralmente o compromisso mais valorizado era o de promover o ensino e a aprendizagem, sem grandes preocupações com a metodologia, com a estrutura física do prédio e da sala de aula.<sup>121</sup> Garantir a alfabetização e o ensino dos cálculos de adição e subtração já era para muitos uma educação suficiente.<sup>122</sup>

---

<sup>118</sup> Ibid.

<sup>119</sup> INÁCIO, Marcilaine Soares. **O processo de escolarização e o ensino de primeiras letras em Minas Gerais (1825 – 1852)**. 2003. 232 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

<sup>120</sup> FARIA FILHO, Luciano Mendes de; CHAMON, Carla Simone; ROSA, Walquíria Miranda. (Org.). **Educação elementar: Minas Gerais na primeira metade do século XIX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

<sup>121</sup> FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Dos pardieiros aos palácios: forma e cultura escolar em Belo Horizonte (1906 – 1918)**. Uberlândia: EDUFU, 2014.

<sup>122</sup> INÁCIO, Marcilaine Soares. **O processo de escolarização e o ensino de primeiras letras em Minas Gerais (1825 – 1852)**. 2003. 232 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

Era comum encontrar professores que ministravam aulas em suas próprias casas, ensinando apenas a ler e a escrever.<sup>123</sup> Também era comum as práticas de castigos e palmatórias às crianças que desobedeciam ao professor ou que não conseguiam aprender.<sup>124</sup> Não se permitia que crianças de sexo diferente estudassem juntas, então, havia colégios exclusivos para meninos e outros para meninas. Os filhos/as de escravos não eram admitidos nos colégios e após a escravidão as crianças negras continuaram sem acesso às escolas e colégios, devido ao preconceito que sofriam.<sup>125</sup>

O Colégio Miranda estava inserido na educação, em Sacramento-MG. Era um colégio laico, porém com muitas referências do ensino religioso católico; tinha características próprias da organização escolar brasileira e também diferenciais implantados pelo proprietário da instituição e se tornou uma referência escolar em Sacramento, segundo os memorialistas da cidade.<sup>126</sup>

O professor Miranda agregou o conhecimento humanístico e científico da sua formação e da prática realizada em escolas laicas onde trabalhou, buscava a qualidade do ensino e orientava a prática dos professores que trabalhavam com ele. Uma onda educacional laica havia chegado nos debates sobre educação no Brasil. Segundo Luiz Antônio Cunha, a primeira onda laica na educação brasileira é verificada em 1810, antes mesmo da proclamação da república. Cunha explica que a laicização na educação brasileira ocorre como o movimento das ondas: chega na praia e recua periodicamente.<sup>127</sup> O Colégio Miranda é fundado dentro desse movimento de laicização.

A proposta do Colégio Miranda era ser uma escola laica, entretanto, a ideia da laicidade não estava consolidada (como atualmente ainda não está). Entendemos por escola laica, aquela que é hostil à influência intelectual e moral religiosa, e o Colégio Miranda não foi hostil, ao contrário, conhecia a proposta laica e ao mesmo tempo contava com o trabalho de padres na função de professores. Fato que não era incomum, muitos padres atuaram como professores, seja nas escolas católicas ou nas escolas particulares que simpatizavam com o

<sup>123</sup> INÁCIO, Marcilaine Soares. **O processo de escolarização e o ensino de primeiras letras em Minas Gerais (1825 – 1852)**. 2003. 232 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

<sup>124</sup> LEMOS, Daniel Cavalcanti de Albuquerque. Os cinco olhos do diabo: os castigos corporais nas escolas do século XIX. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 627-646, maio/ago. 2012. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade)> Acesso em: 03/10/2016.

<sup>125</sup> SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2008.

<sup>126</sup> CERCHI, Carlos Alberto. **Memória Fotográfica de Sacramento: 1900 – 2000**. Sacramento-MG: Art's Editoração, 2004.

<sup>127</sup> CUNHA, Luiz Antônio. **A Educação Brasileira na Primeira Onda Laica: do Império à República**. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2017.

trabalho que eles realizavam. Desde a prática jesuítica, os padres seguiram como agentes intelectuais formadores.<sup>128</sup>

No Colégio Miranda também havia uma banda de música composta pelos alunos e orientada pelo professor Simplício. As datas cívicas eram comemoradas com desfiles e festa: “o Pavilhão Nacional nas festas cívicas, de que o Colégio participava com grande brilho.”<sup>129</sup> Na figura 13, a banda do Colégio Miranda, formada por estudantes e professor. Observa-se todos com uniforme (termo masculino) e organizados em posição disciplinada.

Figura 13 - Banda de Música do Colégio Miranda, em Sacramento-MG, 1895.



Fonte: CERCHI, Carlos Alberto. **Memória Fotográfica de Sacramento**: 1900 – 2000. Sacramento-MG: Art's Editoração, 2004, p. 217.

Segundo a narrativa de Corina Novelino, Eurípedes Barsanulfo era reconhecido no Colégio Miranda como um aluno bem educado, atencioso e esforçado. Ele não teve dificuldades de aprendizado e rapidamente se tornou monitor, avançando com facilidade para grupos de ensino mais adiantados. No Colégio Miranda, Eurípedes Barsanulfo, recebeu sua formação intelectual. No convívio cotidiano com os professores e nas atividades de monitoria ele pôde avançar no aprendizado do francês, latim, português e ciências. No Colégio Miranda

<sup>128</sup> SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2008.

<sup>129</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo**: o homem e a missão. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 38.

se aplicava uma metodologia pedagógica para o aprendizado em que o estudante poderia participar de grupos de ensino. Desse modo, o estudante que se empenhasse poderia participar de grupos extracurriculares.

Desse modo, o Colégio Miranda deu a Eurípedes excelente bagagem intelectual. Aí aprendeu o Francês – idioma que manejava com fluência em colóquios e pesquisas; o Latim, apesar dessas matérias não estarem incluídas no currículo do educandário; a Língua Portuguesa – matéria em que se tornou, posteriormente, profícuo mestre, com processos didáticos próprios; Ciências Naturais, cujos conhecimentos levaram-no a importante planejamento pedagógico, com atividades práticas, junto a elementos específicos, (tais como, dissecação de animais e estudos das plantas), que fundamentavam seus processos didáticos, pouco mais tarde.<sup>130</sup>

Ao mesmo tempo em que o Colégio Miranda se desenvolvia, também foram criados grupos culturais na cidade. Foi fundado o *Grêmio Dramático Sacramentano*, pela iniciativa de jovens que buscavam cultura e diversão.<sup>131</sup> Eles escolhiam textos teatrais, faziam adaptações, ensaiavam e encenavam peças que eram apresentadas publicamente. Segundo os relatos colhidos por Corina Novelino, o Grêmio Dramático se iniciou em 1891 ou 1892.<sup>132</sup> “Grandes peças clássicas foram montadas, com inexcelável bom gosto. Dentre as mesmas, figuravam *Jerusalém Libertada* de Torquato Tasso e *Restauração de Portugal* de autor desconhecido.”<sup>133</sup> O mesmo grupo que organizou o Grêmio Dramático Sacramentano também iniciou a produção do periódico *A Gazeta de Sacramento*<sup>134</sup>; um breve folhetim de pequena circulação que divulgava as atividades realizadas e notícias da cidade com a atuação do professor Inácio Martins Gomes de Mello no preparo dos textos e impressão<sup>135</sup>. Em Sacramento não havia nenhum jornal oficial. Contudo, o jovem Eurípedes Barsanulfo ingressou e foi atuante no círculo intelectual e cultural da cidade e demonstrava o gosto pela leitura, ciência e artes.

Em 1894, Mogico comprou a casa comercial do seu patrão. Contou com a ajuda de um parente que garantiu o financiamento do imóvel.<sup>136</sup> Ele montou a *Casa Mogico*<sup>137</sup> e a partir de então a vida financeira da família melhorou. “Os negócios prosperavam, pois era senhor de

<sup>130</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo**: o homem e a missão. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 40.

<sup>131</sup> Pedro Salazar Moscoso da Veiga Pessoa, Leão Coelho de Almeida, José Martins Borges e Eurípedes Barsanulfo, juntamente com outros jovens, compunham o *Grêmio Dramático Sacramentano*.

<sup>132</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo**: o homem e a missão. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 43.

<sup>133</sup> *Ibid.*, p. 44.

<sup>134</sup> Não tivemos acesso ao folhetim a *Gazeta de Sacramento*. Sabemos da existência deste periódico através da literatura da memorialista Corina Novelino.

<sup>135</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo**: o homem e a missão. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 46.

<sup>136</sup> *Ibid.*, p. 46.

<sup>137</sup> A casa e o estabelecimento comercial apresentados na fotografia (figura 14) foram demolidos. Na atualidade, está uma agência da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (Avenida Benedito Valadares, 63. Sacramento-MG).

extraordinário bom gosto, na compra de tecidos e enfeites, bem como de artigos de mercearia, de vez que mantinha um armazém anexo à loja.”<sup>138</sup> Os filhos mais velhos trabalhavam na loja do pai. “Eurípedes auxiliava no balcão e efetuava a escrituração do movimento comercial.”<sup>139</sup> Neste estabelecimento se vendia de tudo, de arame farpado a sedas finas.<sup>140</sup> Vendiam utensílios domésticos, alimentos, produtos agropecuários, ferramentas, tecidos. Tornou-se a casa comercial mais importante da cidade.<sup>141</sup>

Figura 14 - Casa Mogico – Estabelecimento comercial da família Mogico e Meca. Fotografia, 1944.



Fonte: CERCHI, Carlos Alberto. **Memória Fotográfica de Sacramento**: 1900 – 2000. Sacramento-MG: Art's Editoração, 2004, p. 155.

As condições financeiras da família melhoravam e Mogico se manteve atento aos filhos e filhas, reconhecia as habilidades de cada um e procurava ajudá-los. Com a melhora da situação financeira, ele abriu uma filial da Casa Mogico na cidade de Conquista-MG, localizada próximo a Sacramento. “Para lá enviou o filho mais velho, Eulógio Natal a tomar

<sup>138</sup> Ibid., p. 50.

<sup>139</sup> Ibid., p. 51.

<sup>140</sup> CERCHI, Carlos Alberto. **Memória Fotográfica de Sacramento**: 1900 – 2000. Sacramento-MG: Art's Editoração, 2004.

<sup>141</sup> Ibid.



conta dos negócios.”.<sup>142</sup> Outro filho de Mogico e Meca, Waltercides Willon, foi enviado para Uberaba a fim de estudar no Ginásio Diocesano de Uberaba. O filho mais novo do casal, Homilton Wilson, se interessou pelo jornalismo, literatura e poesia e mais tarde se tornou professor e escritor.<sup>143</sup> Já as mulheres da família foram relegadas ao trabalho doméstico e ao casamento.

Eurípedes ficou no Colégio Miranda até o fim de 1901. Foram doze anos de ensino e aprendizado. Então, o professor Miranda chamou o senhor Mogico para conversar e explicou que o pai deveria procurar uma faculdade para o filho, pois ele já estava apto a ingressar. Em janeiro de 1902, “pai e filho seguiram para a capital do país, onde conseguiram matrícula no curso preparatório para a Escola de Medicina da Marinha”.<sup>144</sup>

Barsanulfo e o pai ficaram 20 dias no Rio de Janeiro e retornaram com o rapaz matriculado na Escola de Medicina da Marinha. A mãe de Eurípedes ficou muito abalada emocionalmente ao saber que o filho iria partir para estudar no Rio de Janeiro. O jovem iria sair da casa familiar para seguir o seu caminho independente e a mãe não conseguiu aceitar esta situação com equilíbrio. Toda vez que Meca sofria um abalo emocional o desequilíbrio psíquico se tornava evidente. Quando tudo estava pronto para a partida de Eurípedes, a mãe teve uma crise. Eurípedes ficou preocupado com a saúde da mãe e decidiu não ir estudar no Rio de Janeiro. Desfez as malas e comunicou à família que não iria. “Quando Meca voltou às faculdades normais, encontrou a mala do filho desfeita. Eurípedes nunca mais tocara no assunto...”.<sup>145</sup>

O Colégio Miranda foi muito importante na formação de Eurípedes Barsanulfo e serviu para ele como exemplo de organização escolar. Tudo o que Barsanulfo presenciou nessa fase da sua vida o marcou profundamente. A vivência no Colégio Miranda, a compreensão sobre a dinâmica política da cidade de Sacramento, o envolvimento nos círculos sócio culturais realizados na cidade e a busca incompleta pela profissão a partir do curso de medicina serviram para formar o homem que depositou toda essa vivência no Colégio Allan Kardec. Analisar os passos de Barsanulfo antes da fundação do colégio explica as escolhas realizadas. O Colégio Allan Kardec foi organizado a partir de um modelo íntimo de Barsanulfo. A partir do que ele viveu e aspirava. É neste ponto que desejo chegar ao investigar a trajetória de vida de Barsanulfo até a fundação do Colégio Allan Kardec. Não

---

<sup>142</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 51.

<sup>143</sup> Alguns anos depois da morte de Barsanulfo, Homilton Wilson foi morar com esposa e filhos no Rio de Janeiro.

<sup>144</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 41 e 42.

<sup>145</sup> *Ibid.*, p. 43.

significa considerar o Colégio Allan Kardec uma instituição de ensino extraordinária, mas compreender a conjuntura histórica da sua fundação a partir da história do indivíduo fundador.

As instituições de ensino, no século XIX e início do século XX, no Brasil, mantinham meninos e meninas separados. Havia escolas para meninos e escolas para meninas. Como já mencionamos, o Colégio Miranda era uma instituição de ensino somente para meninos. Mas Sacramento também contava com um colégio para meninas. Era o internato Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, dirigido pela professora Ana Borges, que também era pianista e promovia saraus atraindo a elite intelectual da cidade.

No colégio, a diretora reunia, duas vezes por semana, a elite local para memoráveis saraus lítero-musicais, muito em voga na época.

Eurípedes, muito jovem, não faltava a essas reuniões, nas quais oferecia a contribuição de versos belíssimos, que declamava com entusiasmo.<sup>146</sup>

Eurípedes Barsanulfo frequentou os saraus da professora Ana Borges, com quem nutriu amizade e admiração pelo trabalho que exercia. A professora Ana Borges era amiga da família Mogico e Meca e oferecia ensino gratuito para Edalides Millan, filha do casal e também sua afilhada. Quando Ana Borges faleceu em 1905<sup>147</sup>, Eurípedes Barsanulfo fez um sentido discurso em sua memória.<sup>148</sup>

Abaixo, fotografia com meninas, professoras e freiras da escola feminina Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento. Breve imagem da estrutura escolar feminina em Sacramento-MG, no início do século XX, aproximadamente em 1905 (Figura 15).

<sup>146</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 49.

<sup>147</sup> CERCHI, Carlos Alberto. *Memória Fotográfica de Sacramento: 1900 – 2000*. Sacramento-MG: Art's Editoração, 2004.

<sup>148</sup> Câmara Municipal de Sacramento. **Ata da quinta sessão da primeira reunião ordinária da câmara dos vereadores de Sacramento, em 16/01/1905**. Sacramento-MG, 1905. Livro de ata dos vereadores da câmara municipal de Sacramento (1904 a 1908), p. 8 – 10.

Figura 15 - Meninas, professoras e freiras da escola feminina Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento-MG, aproximadamente 1905.



Fonte: CERCHI, Carlos Alberto. **Memória Fotográfica de Sacramento**: 1900 – 2000. Sacramento-MG: Art's Editoração, 2004, p. 219.

Barsanulfo continuou os seus estudos de maneira livre, lendo os livros que lhe interessavam. A medicina lhe interessava, o que ele mais desejava era conseguir a cura para sua mãe, acometida de um mal que nenhum médico conseguira resolver. Foi então que o Dr. Onofre Ribeiro chegou a Sacramento: um médico levado pelo convite do coronel Manoel França.<sup>149</sup> Na interiorana Sacramento, os benefícios de saúde e educação chegavam quando algum coronel se dispunha a colaborar na organização destes serviços. Quando o médico Onofre Ribeiro ficou hospedado durante uma temporada na casa do senhor Mogico, Eurípedes aproveitou para ler o que conseguira nos livros de medicina que o jovem médico possuía.<sup>150</sup>

Além do trabalho diário, a família de Mogico e Meca também se divertia. “À tarde, reuniam-se na residência de Mogico, jovens conhecidos e amigos da família para pequenos divertimentos, como: música ao som de uma sanfona, jogos de salão, cantigas de roda.”<sup>151</sup> Também gostavam de passear na Gruta dos Palhares “lá passavam o dia, pois muniam-se de

<sup>149</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo**: o homem e a missão. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 42.

<sup>150</sup> Ibid., p. 42.

<sup>151</sup> Ibid., p. 47.

merendas necessárias para o lanche.”.<sup>152</sup> Mas, quando Meca não estava bem a família se mantinha na intimidade e no silêncio. Houve períodos que ela sofreu maiores transtornos psicológicos seguidos de desmaios.

Outro interesse e prática da família era o culto religioso. Todos frequentavam a igreja católica e Eurípedes Barsanulfo participava da Irmandade São Vicente de Paulo colaborando nas atividades deste grupo e da Igreja. Esse detalhe da vida pessoal de Barsanulfo e da família é importante. Já reforçamos que eram católicos praticantes desde os primeiros antepassados e são esses quem vão fundar o primeiro colégio espírita do Brasil. Vale ressaltar a seguinte pergunta: quais elementos culturais católicos são agregados ao Colégio Allan Kardec? No início do espiritismo no Brasil os praticantes eram principalmente católicos, que mudaram de posicionamento religioso. Portanto, o espiritismo no Brasil nasce em um chão religioso e é nesse chão que germina o Colégio Allan Kardec.

Eurípedes continuava interessado pelos temas de saúde e medicina e preocupado em descobrir a cura para a doença que abatia a sua mãe, mas não era fácil comprar livros sobre saúde e medicina. Os livros eram caros, precisavam ser encomendados e vinham principalmente da Europa. No final do século XIX começou a chegar ao Brasil a literatura sobre homeopatia. Um amigo de Eurípedes, chamado Ormênio, conseguiu alguns livros sobre o assunto. Eurípedes pediu os livros para estudá-los.<sup>153</sup>

A homeopatia começou a ser desenvolvida pelo médico alemão Cristian Friedrich Samuel Hahnemann (1755 – 1843). Sua obra principal, sobre os princípios do método homeopático, foi publicada em 1810, sob o título de *Organon da Ciência Médica Racional*. Mais tarde, em 1819, em sua 2ª edição, ficou sendo conhecida como *Organon da Arte de curar* ou *Exposição da doutrina médica homeopática*. A medicina de Hahnemann estrutura sua terapêutica no enunciado *Similia Similibus Curantur*, proposto por Hipócrates (460 a.C – 377 a.C), considerado o “pai da medicina”. Este enunciado explica que os semelhantes são curados através dos semelhantes. Consiste na terapêutica de prescrever a um doente, sob forma diluída e em pequenas doses, uma substância que, em doses elevadas, é capaz de produzir num indivíduo sadio sinais e sintomas semelhantes aos da doença que se pretende combater.<sup>154</sup> Hahnemann teve diversos seguidores e críticos. Um de seus seguidores veio

---

<sup>152</sup> Ibid., p. 47.

<sup>153</sup> Ibid., p. 50.

<sup>154</sup> MÍKOLA, Nádia. **Uma “medicina espiritual?”**. 2012. 199 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

para o Brasil por volta de 1840: Benoit Jules Müre, fundador do Instituto Homeopático do Brasil, no Rio de Janeiro.<sup>155</sup>

Na terapia alopática combate-se uma inflamação com um anti-inflamatório, já na terapia homeopática o organismo é estimulado a se fortalecer contra a inflamação. Assim, a produção de fármacos homeopáticos segue uma dinâmica bioquímica específica. Para a produção de fármacos homeopáticos se extrai muitos elementos da natureza. A homeopatia preza pelo fortalecimento da saúde e o reestabelecimento de energias vitais.<sup>156</sup> Atualmente a homeopatia não é bem aceita por todos os profissionais da saúde, chegando a ser desconsiderada por muitos médicos. A homeopatia possui um tipo de conhecimento que também é presente na cultura popular ancestral, empregada por curandeiros.

Não sabemos quais livros Eurípedes Barsanulfo leu sobre homeopatia, mas o fato é que o assunto atraiu tanto a sua atenção que tão logo ele começou a elaborar medicamentos homeopáticos em sua própria casa. Depois, segundo relatos: “com os próprios recursos, criara pequena Farmácia Homeopática, com que atendia, primeiramente aos necessitados da periferia da cidade, aos quais buscavam em visitas cotidianas.”.<sup>157</sup> Os remédios homeopáticos eram doados para pessoas necessitadas. Na cidade não havia recursos médicos gratuitos. Quando as pessoas ficavam doentes, se tratavam principalmente com chás e ervas, utilizadas atualmente na fitoterapia, desta forma houve fácil aceitação aos remédios homeopáticos oferecidos por Eurípedes Barsanulfo, que se interessou primeiro pela medicina e saúde e depois pela educação.

O foco principal deste estudo é perceber Barsanulfo como o sujeito fundador do Colégio Allan Kardec e as relações sociais nesse processo. Entretanto, não se pode ignorar o interesse dele pelas questões da saúde. Antes dos trabalhos formais na educação, Barsanulfo se envolveu com a saúde. A produção dos medicamentos homeopáticos e a doação dos mesmos para as pessoas mais pobres era uma atividade regular.

Depois desse percurso de experiências vividas, Barsanulfo se tornou adulto. Sua família era conhecida na cidade e também tinham reconhecimento social. O reconhecimento social era importante, quando as pessoas não eram reconhecidas, eram rejeitadas, ou sofriam preconceitos, não conseguiam se estabelecer socialmente naquele ambiente.<sup>158</sup> Em tempo coronelista as relações de clientelismo se tornaram frequentes. Este clientelismo se estendia a todos na sociedade: nas relações políticas, nas relações familiares, entre amigos e vizinhos.

---

<sup>155</sup> Ibid.

<sup>156</sup> Ibid.

<sup>157</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 50.

<sup>158</sup> JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Sacramento: Editora Bertolucci, 2007.

Adulto, Barsanulfo, precisou se estabelecer profissionalmente. Ele já havia decidido permanecer em Sacramento, perto da mãe e da família. O projeto de estudar em um grande centro urbano fora descartado. Barsanulfo estava com 21 anos de idade e se juntou a uma equipe de professores e sócios administrativos para fundar uma escola: o Liceu Sacramentano.

Foram seus companheiros de magistério e de responsabilidade administrativa, os seguintes professores: Dr. João Gomes Vieira de Mello, José Martins Borges, Inácio Martins de Mello, Teófilo Vieira, Pe. Augusto da Rocha Maia – este era substituído – às vezes, pelo cônego Pedro Ludovico Santa Cruz.<sup>159</sup>

A proposta do Liceu Sacramentano era ser uma escola laica, entretanto a ideia da laicidade era incompleta. O Liceu Sacramentano era uma escola administrada por um grupo de pessoas da sociedade, entre eles havia advogados, escritores e padres. Sim! Padres eram professores no Liceu Sacramentano. Eles ensinavam conteúdos escolares e ao mesmo tempo pronunciavam a religião católica. Fato estranho, mas que continua na atualidade quando instituições laicas proferem religiosidades em práticas cotidianas. Por exemplo, a prática da oração nas escolas. Muitas instituições que se definem laicas, realizam a oração como prática cotidiana. Orações próprias de cultos religiosos. Portanto, sem a abolição da religião no espaço escolar.

Compreender esses processos de laicização é questão importante neste estudo. Os debates sobre a educação desconectada da Igreja Católica e também de outras religiões ocorria, e ao mesmo tempo, a prática religiosa permeava a vida de muitas pessoas. Tirar de dentro da escola uma prática que estava na vida diária não era tarefa para se realizar com imediatismo, principalmente havendo falta de professores especializados e tendo os padres como intelectuais e disponíveis para ensinar.

---

<sup>159</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo**: o homem e a missão. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 57.

Figura 16 - Prédio onde funcionou o Liceu Sacramentano, início do século XX, na antiga avenida Municipal, Sacramento-MG.



Fonte: NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo**: o homem e a missão. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 57.

Barsanulfo, o homem que desejou cursar medicina, se tornou professor e proprietário de escola particular. Sua formação para essa profissão ocorreu no período vivenciado no Colégio Miranda. Barsanulfo, assim como o seu mestre, João Derwil de Miranda, se formou na experiência. Ambos não frequentaram escola de formação para o magistério, apenas vivenciaram a experiência no magistério e formularam um modelo escolar. Barsanulfo foi muito influenciado por João Derwil de Miranda. Escolhas pedagógicas de Miranda se tornaram também escolhas pedagógicas de Barsanulfo, que pôs em prática uma postura compromissada com a Educação e, em paralelo a isso, mantinha o interesse pela homeopatia. Como professor, desenvolveu uma ação atenta de ensino e aprendizagem, lembrada e descrita da seguinte forma:

Mestre abnegado aos vinte e dois anos, era profundamente estimado pelos discípulos e pelos familiares dos mesmos.  
Transmitia também o elevado gosto pela Arte séria. Continuava a ver na expressão dramática um dos fatores sugestivos da moralização do meio, através dos processos psicológicos da imitação, que sempre levam o espectador à identificação com os personagens.

Em razão disso, escolhia pessoalmente as peças, que os alunos montavam, optando por trabalhos de elevado teor moral.

Educador nato, professava uma Arte e uma Ciência, neste passo.

A Ciência da Vida torna-se conhecida nas tramas sublimes da Arte – encarregando-se esta de aplicá-la.

A Ciência é a teoria e a Arte é a prática.

Na execução de todo o programa exigido pelo currículo, também o “professor é um artista, acima de tudo, que põe a Ciência em ação, movimentando princípios e leis naturais”, conforme a conceituação pestalozziana.

A Arte adquire, assim, forma racional e compreensível.

Eurípedes fora, no seu meio, um inovador da Arte científica de Educar.<sup>160</sup>

A narrativa elogiosa e eloquente é traço marcante da memorialista Corina Novelino, que descreve Barsanulfo como pessoa abnegada, de elevado bom gosto e elevado teor moral. Estudar historicamente a biografia de Barsanulfo, permite investigar qual era a sua abnegação, qual era o bom gosto e de qual moral se fala, isso justifica acompanhar a sua trajetória do nascimento até a morte. As experiências vividas pelo homem nos orientam na busca de quem ele era e nos ajudam a compreender o que foi inserido dentro do Colégio Allan Kardec.

O mesmo traço elogioso e eloquente está disponível em outros documentos, não é somente uma característica e escolha da memorialista Corina Novelino. Inácio Ferreira escreveu o seguinte, sobre Barsanulfo: “desde cedo, demonstrando a elevação do seu espírito e a bondade dos seus sentimentos” (...) “estudioso, esforçado, inteligente e com pendor para o ensino”<sup>161</sup>.

Barsanulfo é lembrado como indivíduo cheio de predicados positivos. Em Sacramento se alimenta essa lembrança e pessoas de outras cidades o reconhecem. Barsanulfo é reconhecido principalmente pelos espíritas. Não podemos compreender esse fenômeno como criação de uma identidade. Antes de ser reconhecido pelos espíritas, Barsanulfo existiu, tinha personalidade, características e pertencia a um contexto histórico, esse trabalho se propõe a buscar o indivíduo e não somente uma representação. Uma pergunta é importante: os elogios verificados nas fontes são uma identidade ou uma representação? Candau expõe o seguinte: “as noções de ‘identidade’ e ‘memória’ são ambíguas, pois ambas estão subsumidas no termo representações”<sup>162</sup>. Nisso, as fontes históricas precisam ser analisadas com cautela, seguindo pistas que podem mostrar identidade, memória ou representação.

Seguindo a narrativa dos acontecimentos da vida de Barsanulfo, ele aprendeu a ensinar utilizando as artes, principalmente o teatro, que fez parte da sua formação na juventude. E também ensinava realizando observações e comparações na natureza. Levava os estudantes a

<sup>160</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 58.

<sup>161</sup> FERREIRA, Inácio. **Subsídio para a história de Eurípedes Barsanulfo**. Uberaba-MG: [s.n.], 1962, p. 9.

<sup>162</sup> CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 21.



observar os rios, as matas, as flores, os animais, as estrelas. Suas explicações sobre ciências se davam junto à natureza.<sup>163</sup>

No ensino das ciências humanas e, em específico, sobre cidades, economia e sociedade, Barsanulfo estimulava as visitas às casas dos moradores mais pobres da cidade, para que conhecessem como viviam e porque tinham aquelas condições sociais.

Com motivações de Eurípedes, os alunos, por sua vez, criaram um serviço de assistência, que teve longa duração. Tratava-se da Sociedade dos Amiguinhos dos Pobres, que se destinava a promover leilões semanais com prendas doadas, cuja renda aplicava-se aos socorros mais urgentes a necessitados, tais sejam: assistência com gêneros alimentícios de primeira necessidade, agasalhos, enterros de indigentes.<sup>164</sup>

Sua postura vicentina, de caridade aos pobres e necessitados era marca da sua personalidade, presente desde a juventude.

No Brasil, no início do século XX, o professor era também um educador: aquele que ensinava todos os conteúdos que conhecia e ainda orientava o aluno para o “bom comportamento”. O professor ensinava conteúdos e educava moralmente para a vida, orientando como os alunos deveriam agir diante de diversas situações. Geralmente eles educavam de acordo com as suas premissas e valores e também influenciados pela moral religiosa. Barsanulfo não foi diferente disso. Ele foi professor de conteúdos teóricos e científicos, bem como, educador de valores morais. Os valores morais de Barsanulfo foram desenvolvidos principalmente na família, no Colégio Miranda e em contato com os religiosos católicos. Ele valorizava o respeito ao próximo, a vida e a natureza; ensinava os educandos a respeitar as pessoas mais velhas e os familiares; a acreditar na existência de Deus, nas histórias de Jesus e nas histórias cristãs.<sup>165</sup>

Barsanulfo e Pestalozzi, dois educadores, foram comparados devido às suas práticas na educação aplicada com o estímulo ao raciocínio lógico, observação da natureza, valorização do pensamento reflexivo e crítico, valorização do afeto na relação entre educador e educando e atuação na assistência social. As fontes consultadas nesta pesquisa indicam que muito provavelmente Barsanulfo não tenha sido leitor das obras do educador suíço Pestalozzi (1746 – 1827). Segundo a pesquisadora Dora Incontri, os livros de Pestalozzi não foram

<sup>163</sup> Duas fontes históricas apresentam essas práticas de ensino de Barsanulfo: NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987. / FERREIRA, Inácio. **Subsídio para a história de Eurípedes Barsanulfo**. Uberaba-MG: [s.n], 1962.

<sup>164</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 59.

<sup>165</sup> Características relatadas pelos familiares de Barsanulfo e descritas nos seguintes livros: NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987. / FERREIRA, Inácio. **Subsídio para a história de Eurípedes Barsanulfo**. Uberaba-MG: [s.n], 1962.

traduzidos para o português e não tiveram circulação no Brasil entre os séculos XIX e XX.<sup>166</sup> Embora a obra de Pestalozzi não tenha circulado no Brasil, a sua contribuição para a Educação não passou despercebida. *A Revista de Ensino*, editada pela Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo, entre os anos de 1902 a 1918, apresentava artigos com menção a diversos educadores europeus, entre eles estão: Rousseau, Pestalozzi e Froebel.<sup>167</sup>

Diversas referências educacionais chegavam ao Brasil e o método intuitivo<sup>168</sup> atraiu a atenção de alguns professores, o que nos leva a perguntar: o método intuitivo influenciou Barsanulfo nas ações como professor e educador? Barsanulfo se fez professor em Sacramento e se tornou conhecido e respeitado em seu trabalho, que realizou junto com os padres da cidade, com os advogados, com os coronéis e políticos. Barsanulfo era intelectual e presente no cotidiano citadino, sempre imerso nos livros, lendo tudo que julgava pertinente, e, ao mesmo tempo, junto à comunidade, atuando no ensino de crianças e jovens no Liceu Sacramentano.

Barsanulfo seguia com seu trabalho como professor, educador e sócio proprietário do Liceu Sacramentano. Ele também realizava a escrituração das duas casas comerciais da família e continuava com suas atividades pessoais de leitura, prática religiosa católica e interesse pela homeopatia. Barsanulfo seguia com sua vida: exercia uma profissão, tinha estabilidade e equilíbrio social.

Até que começaram a repercutir na cidade algumas histórias sobre fantasmas e assombrações que se manifestavam na fazenda Santa Maria, localizada aproximadamente a 14 km de distância de Sacramento. Lá moravam vários parentes de Barsanulfo, inclusive o senhor Mariano da Cunha (1875 – 1949), seu tio (irmão da mãe de Barsanulfo). A comunidade que morava na fazenda Santa Maria começou a relatar acontecimentos inexplicáveis. “Estranhas vozes se ouviam das cumieiras das casas. Assobios e pedradas partiam de inusitados lugares.”.<sup>169</sup> Também:

As portas abriam, fechavam, batiam, faziam barulho, as panelas passeavam pela casa e caíam, os utensílios das casas se levantavam e caíam, todos os fenômenos de efeitos físicos que a gente conhece. E, além disso, ouviam-se vozes nas comunheiras

<sup>166</sup> INCONTRI, Dora. **Pestalozzi: educação e ética**. São Paulo: Scipione, 1997.

<sup>167</sup> Sobre a Revista de Ensino, consultar: CATANI, Denice Barbara. A imprensa periódica educacional: as revistas de ensino e o estudo do campo educacional. **Educação e Filosofia**, 10 (20) p. 115 – 130, jul./dez. 1996. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/viewFile/928/842>> Acesso em: 23/09/2016.

<sup>168</sup> Sobre o método intuitivo consultar: SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2008./ FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Dos pardieiros aos palácios: forma e cultura escolar em Belo Horizonte (1906 – 1918)**. Uberlândia: EDUFU, 2014.

<sup>169</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 61.

das casas e não havia ninguém; as janelas abriam e as pessoas iam lá e estava cheio de pedras, como se tivesse pessoas jogando pedras dentro das casas, enfim, esses fenômenos todos fizeram com que o povo de Santa Maria ficasse apavorado, inclusive o senhor Mariano. Achavam que cometeram algum pecado grave e Deus ficou bravo com eles e mandou o diabo pra cá, achavam que o diabo tomou conta de Santa Maria e como quem conta um conto aumenta um ponto... apareceu saci pererê, mula sem cabeça e outras coisas mais que diziam que aconteciam em Santa Maria. E Santa Maria virou terra do diabo.<sup>170</sup>

Na comunidade rural de Santa Maria começaram – segundo os relatos – a aparecer fenômenos paranormais e as pessoas contavam sobre os fatos acontecidos. Logo, as histórias contadas se espalharam pela cidade de Sacramento, causando medo, curiosidade e desconfiança. Barsanulfo ouvia os comentários e ficava insatisfeito em saber que sua família estava envolvida naqueles acontecimentos. Seu tio, Mariano da Cunha, foi morar em Santa Maria depois de ter vivido durante um tempo em Paineiras (localidade que atualmente se chama Peirópolis, distrito de Uberaba-MG. Foi em Paineiras que Mariano da Cunha teve os primeiros contatos com o espiritismo. A narrativa contada é a seguinte:

Mariano da Cunha, também conhecido como Sinhô Mariano, foi trabalhar para o espanhol Frederico Peiró (1859 – 1915) que era proprietário de uma empresa produtora de cal, estabelecida em Paineiras<sup>171</sup>. No auge do desenvolvimento da empresa havia aproximadamente 150 funcionários e produção de 90 toneladas de cal por dia. A mercadoria era escoada para São Paulo via estrada de ferro.<sup>172</sup>

Mariano da Cunha se tornou funcionário de confiança de Frederico Peiró, assumindo a responsabilidade pela escrituração da empresa produtora de cal. Ele realizava o trabalho de *guarda livros*, cujas funções eram de contabilidade e administrativa. Funções importantes, assumidas apenas por um trabalhador de muita confiança do empresário. Entretanto, mais tarde, o senhor Peiró precisou que um profissional de formação técnica específica assinasse os documentos da empresa, cumprindo os tramites burocráticos para o funcionamento. Senhor Mariano se sentiu diminuído, talvez até rejeitado e pediu demissão daquele trabalho que

<sup>170</sup> MELO, Armilon Ribeiro de. [História de Santa Maria]. Fazenda Santa Maria, Sacramento-MG, 01/03/2016. Entrevistadora: Jaqueline Peixoto Vieira da Silva. Entrevista que nos foi concedida, pelo senhor Armilon Ribeiro de Melo, nascido em 04/02/1932. Armilon Ribeiro de Melo mora na fazenda Santa Maria e compõem a comunidade do local. É descendente dos antigos moradores da comunidade e detentor de uma memória histórica do local. Na entrevista nos relatou histórias que ouvia em sua família sobre a origem do espiritismo no local.

<sup>171</sup> Para a melhoria do local, Frederico Peiró, implantou uma escola e filial dos correios. Em 1924 seu trabalho e empenho foram reconhecidos, marcando o pequeno distrito com o seu nome: Peirópolis. O local que se chamava Paineiras passou a se chamar Peirópolis. Mais tarde, foram descobertos ali, fósseis com mais de 70 milhões de anos, o que levou Peirópolis ao mapa da paleontologia brasileira. Sobre a história de Frederico Peiró e a região de Peirópolis: Disponível em: <[http://arquivopublicouberaba.blogspot.com.br/2008\\_10\\_01\\_archive.html](http://arquivopublicouberaba.blogspot.com.br/2008_10_01_archive.html)> Acesso em: 04/03/2016

<sup>172</sup> Disponível em: <[http://arquivopublicouberaba.blogspot.com.br/2008\\_10\\_01\\_archive.html](http://arquivopublicouberaba.blogspot.com.br/2008_10_01_archive.html)> Acesso em: 04/03/2016

realizava. Peiró tentou estabelecer um acordo, mas não conseguiu. Senhor Mariano estava decidido em ir embora. Então, Mariano da Cunha juntamente com sua família (esposa e filhos/as) foram embora para outra localidade. Eles foram morar próximo à *Estação Ferroviária Engenheiro Lisboa* (estação ferroviária da Companhia Mogiana).<sup>173</sup>

Ao longo da via férrea da Companhia Mogiana, havia as estações de paragem para o embarque e desembarque de passageiros e cargas e, em torno das estações, os comerciantes instalavam lojas comerciais e pensões. E assim fez Mariano da Cunha: montou uma *venda* próxima a Estação Ferroviária Engenheiro Lisboa. A venda era um estabelecimento comercial onde se vendia tudo que fosse possível: alimentos, ferramentas agrícolas, tecidos, utensílios domésticos.

No Triângulo Mineiro, o comércio, a agricultura, a pecuária e o transporte seguiam em desenvolvimento. Ao mesmo tempo, o senhor Mariano da Cunha vivenciava a experiência comercial em seu estabelecimento próprio. Seus negócios não foram bem-sucedidos e ele foi à falência. Muitos clientes não pagavam a dívida que assumiam na compra das mercadorias. Alguns eram trabalhadores rurais temporários no local, que compravam na venda afirmando que pagariam a dívida depois, mas iam embora sem realizar o pagamento do que deviam. Então, Mariano da Cunha precisou pedir ajuda aos seus familiares.

Com sua esposa e filhos/as, foi para a fazenda Santa Maria e foram recebidos pelo senhor São Roque (avô de sua esposa). São Roque era proprietário responsável pela fazenda Santa Maria. Ali, construíram uma casa para morar e se reestabelecer. Após a chegada de Mariano da Cunha e família, os fenômenos paranormais começaram a ocorrer, deixando os outros moradores da fazenda Santa Maria assustados.<sup>174</sup>

Mariano da Cunha sabia que Frederico Peiró, seu antigo patrão, frequentava reuniões espíritas em Uberaba. Peiró acompanhava sessões espíritas na casa do advogado Antônio Cesário da Cunha e Oliveira e tinha grande interesse pelo estudo das obras espíritas que chegavam ao Brasil. Ele também promovia reuniões de estudos sobre o espiritismo em sua própria casa e atraía outros simpatizantes.<sup>175</sup>

<sup>173</sup> MELO, Armilon Ribeiro de. [História de Santa Maria]. Fazenda Santa Maria, Sacramento-MG, 01/03/2016. Entrevistadora: Jaqueline Peixoto Vieira da Silva.

<sup>174</sup> MELO, Armilon Ribeiro de. [História de Santa Maria]. Fazenda Santa Maria, Sacramento-MG, 01/03/2016. Entrevistadora: Jaqueline Peixoto Vieira da Silva.

<sup>175</sup> Frederico Peiró está entre os iniciadores do espiritismo de base teórica kardecista, no Brasil. Ele nasceu em Linares, na Espanha, em 1859. Na juventude emigrou para a Argentina, Buenos Aires, onde viveu por dois anos. Por volta de 1892 veio para o Brasil e se estabeleceu em Uberaba-MG, onde conheceu o espiritismo. Frequentou reuniões espíritas na casa do advogado Antônio Cesário da Cunha e Oliveira, em Uberaba. Casou-se em 1902 com Maria Mendonça Rezende, natural de Sacramento e também espírita. Morreu em 1915. Mais informações, disponível em: <<http://www.sanatoriospiritauberaba.org/#!/services/clpna>> Acesso em: 24/08/2016

Frederico Peiró estudava as obras espíritas organizadas por Allan Kardec e também livros de outros autores espíritas, principalmente franceses.

O espiritismo contemporâneo nasceu na França em forma de estudos e observações dos fenômenos paranormais e das comunicações dos espíritos. Allan Kardec (1804 – 1869) se destacou neste trabalho, mas ele não foi o primeiro e nem o único pesquisador a realizar a investigação dos fenômenos espíritas. Ele se destacou por desenvolver com profundidade uma obra de observação, estudo e análise do espiritismo criando um corpo teórico explicativo sobre o tema, que gerou o *espiritismo de base teórica kardecista*.<sup>176</sup>

O nome verdadeiro de Allan Kardec era Hippolyte Léon Denizard Rivail. Ele usou o pseudônimo Allan Kardec em toda a obra espírita que produziu. Ele foi professor, contador, produtor de material didático e pesquisador livre.<sup>177</sup> Quando fatos paranormais começaram a surgir nos salões franceses por volta de 1854, Rivail foi investigar os acontecimentos e produziu vários livros e revistas a respeito do assunto.<sup>178</sup> Suas investigações o levaram a concluir que os espíritos são seres que outrora habitaram um corpo material e que após a morte do corpo físico continuam vivos.<sup>179</sup> Este estudo sobre a origem e a natureza dos espíritos foi denominado por Kardec de *Espiritismo*.<sup>180</sup>

As obras de Kardec chegaram ao Brasil e foram lidas e estudadas pelos simpatizantes do espiritismo.<sup>181</sup> Quando Eurípedes Barsanulfo era ainda um menino de 13 anos de idade, em 1893, já havia grupos de estudo do espiritismo de base teórica kardecista em Uberaba, mas somente as pessoas letradas tinham condições de ler os livros espíritas, a maioria em francês, pois não havia sido traduzidos ainda.

Os primeiros livros chegaram e eram lidos e estudados. Alguns realizavam leituras cuidadosas, a fim de compreender todas as informações. Pessoas se reuniam em suas próprias casas e nas casas dos amigos e amigas para estudar o espiritismo mas, no Brasil, o espiritismo

<sup>176</sup> No Brasil, o espiritismo de base teórica kardecista se tornou religião.

<sup>177</sup> WANTUIL, Zeus; THIESEN, Francisco. **Allan Kardec**: meticolosa pesquisa bibliográfica. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1979.

<sup>178</sup> KARDEC, Allan. **Obras Póstumas**. Tradução de Salvador Gentile. Araras-SP: IDE, 2008.

<sup>179</sup> KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Tradução de Guillon Ribeiro. São Paulo: Liberdade, 2010.

<sup>180</sup> O termo *Espiritismo* foi criado e desenvolvido por Kardec, com explicações pontuais no livro: KARDEC, Allan. **O que é o Espiritismo?** 56. ed. Brasília: FEB, 2013.

<sup>181</sup> Dentre os livros produzidos se destacam: **O Livro dos Espíritos** (2ª edição, de 1860); **O Livro dos Médiuns** (1861); **O Evangelho Segundo o Espiritismo** (1864); **O Céu e o Inferno ou A Justiça Divina Segundo o Espiritismo** (1865); **A Gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo** (1868). Além destes livros, Allan Kardec, também produziu outros sobre o mesmo tema, que são: **O que é o espiritismo**; **O espiritismo em sua mais simples expressão**; **Viagem espírita em 1862**; **Instruções práticas sobre as manifestações espíritas**; **Resumo da lei dos fenômenos espíritas**; **Catálogo racional de obras para se fundar uma biblioteca espírita**. E ainda, a **Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos**, primeira revista espírita francesa, de circulação mensal, entre os anos de 1858 a 1869 sob a sua direção. Obra completa de Kardec, disponível em: < <https://www.kardecpedia.com/>> Acesso em: 08/09/2016

não floresceu como ciência e sim como religião. Uma religião para as poucas pessoas letradas que conseguiam ler Kardec. Para os brasileiros letrados e estudiosos do espiritismo, a explicação sobre a natureza dos espíritos possui um corpo teórico que orienta o entendimento dos fenômenos espíritas. Já os brasileiros analfabetos interagiram com esta religião a partir das vivências dos fenômenos espíritas: visões, mensagens orais vindas do além, movimentação de objetos de maneira incompreensiva, já que o analfabetismo no Brasil, no século XIX, atingia em torno de 80% da população.<sup>182</sup> O espiritismo já foi considerado religião do demônio e muitas pessoas classificavam o espiritismo como a religião dos fantasmas.<sup>183</sup>

No Brasil, três religiões diferentes que estabelecem de alguma forma a comunicação com os espíritos se desenvolveram: Umbanda, Candomblé e Espiritismo. A Umbanda e o Candomblé são afro-brasileiras e o Espiritismo teve a sua origem na Europa. São religiões diferentes entre si: com estrutura organizacional específica, pressupostos teóricos e metodológicos, público frequentador, culturas, origens e histórias. Ao longo do século XIX e meados do século XX, a Umbanda e o Candomblé foram chamados pejorativamente de “religião de preto”, enquanto o Espiritismo é tomado principalmente por intelectuais de uma elite branca.<sup>184</sup>

O senhor Mariano da Cunha não se interessava pelo espiritismo e não acreditava na existência de espíritos, até vivenciar os fenômenos sobrenaturais na fazenda Santa Maria. Foi neste contexto que Mariano da Cunha foi procurar Frederico Peiró para falar sobre os estranhos acontecimentos em Santa Maria. “Sabe-se que tio Sinhô buscara Frederico Peiró para socorrê-los naquela aflitiva emergência.”<sup>185</sup>

No relato do senhor Armilon Ribeiro de Melo, ele conta como foi a ida de Mariano da Cunha em busca da ajuda do senhor Frederico Peiró. Um relato oral de resgate da memória histórica da comunidade rural de Santa Maria sobre a instalação do espiritismo no local:

A Mogiana passava aqui em cima e tinha a turma 6 ali, dava pra ir a pé, até a turma 6. E o senhor Mariano tomou o trem na turma 6 e desceu em Peirópolis. Peirópolis era uma estação da Mogiana, desceu em Peirópolis e contou pro Frederico Peiró tudo que estava acontecendo em Santa Maria. Frederico Peiró no dia seguinte, no trem de volta, voltou com o senhor Mariano e visitou as casas de todos os camponeses e viu que o senhor Mariano não tinha exagerado, pelo contrário ele não tinha visto tudo que tinha que ver. E falou: - aqui só tem um jeito, desenvolver as faculdades mediúnicas desses camponeses, pois eles são todos missionários, eles

<sup>182</sup> LOPES, Eliane Marta Teixeira (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

<sup>183</sup> DEL PRIORE, Mary. **Do outro lado**: a história do sobrenatural e do espiritismo. São Paulo: Planeta, 2014.

<sup>184</sup> Ibid.

<sup>185</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo**: o homem e a missão. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 64.

têm alguma missão a cumprir. Isso não aconteceu em lugar nenhum do mundo, eu sei toda a história do espiritismo e não aconteceu em lugar nenhum do mundo, só aqui em Santa Maria. O espiritismo nasceu em berços intelectuais do mundo inteiro, eles faziam brincadeiras com as cadeiras, com as mesas e com outros objetos e assim Kardec levou a sério o negócio, pesquisou, estudou e foi instrumento do Livro dos Espíritos, o Livro dos Médiuns, do Evangelho Segundo o Espiritismo e das outras obras que deram a codificação da Doutrina Espírita. E começou a desenvolver isso com os camponeses e convenceu todos, até que 28 de agosto de 1900, o senhor Mariano funda o primeiro centro espírita Kardecista Rural, do Brasil e do mundo, assim que nasceu o espiritismo.<sup>186</sup>

Corina Novelino narra a introdução do espiritismo de base teórica kardecista na fazenda Santa Maria da seguinte forma: “Gradativamente, ia se desenvolvendo naquele pedaço de chão, um trabalho de vulto, sob a orientação do núcleo espírita de Paineiras, dirigido por Frederico Peiró e Maximiliano Alonso.”.<sup>187</sup> Os atuais moradores da Fazenda Santa Maria também guardam memórias a respeito do início do espiritismo no local. A antiga sesmaria pertencente aos familiares de Barsanulfo, terra de tradição católica, fundada por padres, recebeu o primeiro centro espírita de base teórica kardecista.

Toda essa narrativa, que começou na oralidade, depois foi publicada em forma de livros de memorialistas e por fim chegou aos trabalhos acadêmicos, é uma memória coletiva, sólida, cristalizada. Essa narrativa é verdadeira? Os memorialistas afirmam que sim, já os historiadores não se interessam pela busca da verdade dos fatos ocorridos. O que consideramos como questão principal nesse ponto, e que não podemos descartar, é que uma família impulsionou o movimento espírita em Sacramento. Mariano da Cunha fundou na fazenda Santa Maria o centro espírita Fé e Amor, em 1900, e trabalhou no espiritismo até o dia da sua morte. Ele contou com o apoio de Frederico Peiró e de espíritas de Uberaba. Várias pessoas da região iam até Santa Maria para visitar e conhecer o centro espírita e também iam em busca de curas. Conta-se que o Sinhô Mariano possuía faculdades mediúnicas curativas.<sup>188</sup> “Todavia, os comentários irreverentes fervilhavam em Sacramento acerca dos trabalhos de Santa Maria. Diziam os chistosos que o lugarejo era visitado pelo demônio. Satanás andava à solta, fazendo das suas.”.<sup>189</sup> Enquanto alguns atribuíam os acontecimentos fantasmagóricos aos espíritos, outros afirmavam que era obra do demônio.

Barsanulfo não gostava dos comentários maldosos sobre a sua família e sobre o seu tio. Estimava o tio e não entendia como ele poderia estar envolvido com a religião espírita.

<sup>186</sup> MELO, Armilon Ribeiro de. [História da fazenda Santa Maria, Sacramento-MG]. Fazenda Santa Maria, Sacramento-MG, 01/03/2016. Entrevistadora: Jaqueline Peixoto Vieira da Silva.

<sup>187</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo**: o homem e a missão. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 65.

<sup>188</sup> MELO, Armilon Ribeiro de. [História da fazenda Santa Maria, Sacramento-MG]. Fazenda Santa Maria, Sacramento-MG, 01/03/2016. Entrevistadora: Jaqueline Peixoto Vieira da Silva.

<sup>189</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo**: o homem e a missão. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 65.

Para Barsanulfo, o tio Mariano da Cunha e toda a família deveriam voltar para o seio da religião católica.

Mariano da Cunha fazia viagens periódicas a Sacramento.

Hospedava-se na casa da irmã, fato que se constituía em motivo de grandes alegrias para Eurípedes.

Muito amigo de “tio Sinhô”, o moço pedia à mãe lhe arrumasse a cama no quarto dele, Eurípedes, embora preferisse, habitualmente, ter o seu aposento separado.

Nessas ocasiões, Eurípedes mantinha porfiadas polêmicas a respeito da nova Doutrina, que estava dominando as consciências em Santa Maria. Aspirava anular aquelas idéias do hóspede querido. O que diziam das sessões de Santa Maria era muito borrascoso. Não entendia como pessoas tão honestas e equilibradas, apesar de incultas, como tio Sinhô, madrinha Sana e outros tios, empenhavam-se tanto na difusão daquela Doutrina do demônio...

As discussões repetiam-se, no conflito fraterno, entre tio e sobrinho, as vezes noite a dentro.

Eurípedes, senhor de invejável cultura adquirida na leitura de todos os dias, apresentava argumentos brilhantes, sublimados sempre por sua delicadeza inata.

Do outro lado, o tio – homem rude do campo, elementarmente instruído na Doutrina dos Espíritos – por sinal nascente na região –, muitas vezes se mantivera em silêncio, à falta de argumentação segura.

Em uma noite de debate entre Barsanulfo e Mariano da Cunha, o tio deu ao sobrinho um livro espírita. O livro *Depois da Morte: exposição da doutrina dos espíritos*, de Léon Denis.<sup>190</sup>

– O que não posso explicar a você, este livro vai fazer, em parte, por mim.

Eurípedes tomou o volume e abriu-o na primeira página. Era a tocante dedicatória do autor – o filósofo francês Léon Denis – (...)

O livro trazia o título: *Depois da Morte*. Era a primeira obra do grande filósofo, traduzida recentemente para o idioma português, e que merecera da crítica francesa as mais elogiosas referências.<sup>191</sup>

O espiritismo foi apresentado à Barsanulfo por meio do livro francês, que explicava dentre outras questões, sobre a natureza dos espíritos, a vida do espírito após a morte corporal, os fluidos espirituais, Deus e demônios.<sup>192</sup> O espiritismo já possuía um corpo teórico originário na França e que chegava rapidamente ao Brasil.<sup>193</sup>

<sup>190</sup> Na atualidade, os livros de Léon Denis continuam sendo publicados no Brasil. O livro **Depois da morte**, que pertencera a Barsanulfo foi guardado e conservado pela família e atualmente o exemplar se encontra no museu da memória de Barsanulfo, situado no Colégio Allan Kardec, em Sacramento-MG.

<sup>191</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo**: o homem e a missão. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p 75.

<sup>192</sup> Ibid., p. 77.

<sup>193</sup> Além de Allan Kardec, outros pesquisadores também escreveram sobre os fenômenos espíritas e o espiritismo:

- Léon Denis (1846 – 1927): Autor de diversos livros sobre os espíritos e espiritismo, propagador dessas ideias na Europa. Participou do Congresso Espírita Internacional e também de diversos outros eventos sobre o tema. Manteve diálogos com os componentes da FEB – Federação Espírita Brasileira.



Depois deste primeiro contato literário com o espiritismo, Barsanulfo foi demonstrando interesse em conhecer as atividades que ocorriam na fazenda Santa Maria. Ele era um leitor da bíblia cristã. Acreditava na existência de Deus, nas ações do Cristo e conhecia sobre a vida dos apóstolos de Jesus. Sua vivência religiosa era na instituição católica e lá estavam as suas referências. Quando ele encontrava a madrinha, que morava em Santa Maria, perguntava: “- Então, Madrinha, como vão as almas do outro mundo?”<sup>194</sup> E ela o convidava para ir conhecer as sessões espíritas. “O convite carinhoso de Madrinha Sana, naquelas alturas dos acontecimentos, era muito oportuno.”<sup>195</sup>

As sessões espíritas aconteciam na casa do senhor Mariano da Cunha. Depois foi construído o centro espírita Fé e Amor, que é uma pequena construção que contém um salão para reuniões públicas. O proprietário da fazenda Santa Maria, o senhor São Roque, doou “um alqueire de terras para a edificação do Centro Espírita.”<sup>196</sup>

Figura 17 - Centro Espírita Fé e Amor – Fazenda Santa Maria, Sacramento-MG, 2016.



Fonte: Foto da pesquisadora Jaqueline Peixoto Vieira da Silva.

---

- Gabriel Delanne (1857 – 1926): Era engenheiro. Também foi autor de diversos livros sobre os espíritos e espiritismo e propagador do espiritismo na Europa. Pesquisou as relações entre psicologia, mediunidade, mente e corpo.

- Camille Flammarion (1842 – 1925): Astrônomo e pesquisador acadêmico. Autor de diversos livros sobre astronomia. Conheceu o espiritismo e se tornou um propagador do conhecimento espírita. Também foi autor de textos sobre o espiritismo.

<sup>194</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 80.

<sup>195</sup> Ibid., p. 80.

<sup>196</sup> Ibid., p. 81.

Barsanulfo conhecia todos os moradores da fazenda Santa Maria. Os proprietários das terras eram seus parentes consanguíneos e os outros moradores do local eram agregados. “O poderoso Capitão São Roque, que era dono de tudo, ele era dono das sesmarias e além disso comandante da guarda nacional e o patriarca de Santa Maria.”.<sup>197</sup> Os agregados eram trabalhadores na fazenda Santa Maria, produziam o suficiente para a subsistência e comercializavam o excedente.

Em 1904, Barsanulfo foi com o seu amigo, José Martins Borges, conhecer a sessão espírita em Santa Maria. Corina Novelino narra como foi esse primeiro contato de Barsanulfo com a prática do espiritismo. Narrativa baseada em depoimentos orais concedidos pelos familiares de Barsanulfo, que afirmam que ele próprio contou como foi este processo de aceitação e inclusão no espiritismo.

As reuniões se desenvolviam em horário da tarde.

(...)

Eurípedes e o companheiro chegaram a Santa Maria, com o objetivo de observar tudo ao vivo.

Deixaram os animais presos à porta da residência modesta de José Mariano da Cunha, onde se realizavam provisoriamente as reuniões.

Entraram no recinto, respeitosos. Os trabalhos já haviam iniciado.

O secretário lia um trecho do Evangelho, que se relacionava à Paixão do Cristo.

A pequena sala achava-se totalmente tomada. Duas alas de tamboretes e bancos rústicos e baixos, alongavam-se em toda a extensão da sala.

Ali se achavam os médiuns de incorporação e curadores e ainda irmãos idôneos, que formavam a linha de sustentação vibratória.

Os médiuns de recepção e os curadores intercalavam-se na *linha*.

Todos os lugares ocupados. Atrás da linha, onde se encontrava o médium Aristides Gonçalves Fernandes, situavam-se dois lugares desocupados, providencialmente, à espera dos dois visitantes.

Ambos tomaram assento. Eurípedes acompanhou a leitura com atencioso respeito e interesse.<sup>198</sup>

As práticas mediúnicas já aconteciam em Santa Maria quando Barsanulfo foi conhecer o espiritismo que se desenvolvia. Havia vários médiuns (pessoas intermediárias na comunicação com os espíritos) e também os trabalhos de cura aconteciam no local. Muitas pessoas doentes iam em busca da cura através do espiritismo. Essa prática era novidade para Barsanulfo, que ainda não compreendia os mecanismos da mediunidade. Um dos médiuns presentes naquela sessão espírita era o senhor Aristides Gonçalves Fernandes, ele era um trabalhador rural em Santa Maria, pobre e analfabeto e que nunca conseguiu ler uma palavra sequer, pois não teve a oportunidade de aprender a ler e a escrever. Todos os moradores de

<sup>197</sup> MELO, Armilão Ribeiro de. [História da fazenda Santa Maria, Sacramento-MG]. Fazenda Santa Maria, Sacramento-MG, 01/03/2016. Entrevistadora: Jaqueline Peixoto Vieira da Silva.

<sup>198</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 81.

Santa Maria o conheciam e sabiam da sua simplicidade. E este homem era um dos que transmitia as comunicações dos espíritos, que eram comunicações filosóficas sobre a vida humana. Diante disto, Barsanulfo relatou para sua família que pediu em pensamento que o espírito do apóstolo do Cristo, João Evangelista, se manifestasse através do médium Aristides e explicasse as bem-aventuranças comentadas por Jesus Cristo. Barsanulfo já conhecia o texto bíblico sobre as bem-aventuranças e queria ouvir a explicação dos espíritos sobre isto.

resolve fazer o seu pedido e fá-lo mentalmente, com unção:

- Tudo compreendi na Bíblia. Mas o meu entendimento está fechado para as Bem Aventuranças. Se é verdade que os Espíritos se comunicam com os vivos, rogo a João Evangelista elucide-me pelo médium Aristides.

Alguns minutos após, Eurípedes ouvia a mais “extraordinária dissertação filosófico-doutrinária, que jamais conhecera, em sua vida, sobre o luminescente discurso de Jesus”, por intermédio do interprete solicitado.

Impossível atribuir a Aristides, semi-analfabeto, aquela linguagem sublime, onde o magnetismo de poderosa eloquência empolgava até às lágrimas os circunstantes.

(...)

A alocação clara e persuasiva, elucidando problemas do Espírito – no quadro das causas e efeitos –; da vida além-túmulo, salientando as possibilidades do trabalho, nos roteiros do aprendizado maior, da multiplicidade das existências no imenso painel do progresso espiritual, tudo deixara Eurípedes altamente impressionado.<sup>199</sup>

A explicação sobre o estabelecimento de uma comunicação com os espíritos através do médium foi elucidada pela primeira vez por Kardec, que em investigação observou e analisou diversas comunicações.<sup>200</sup> E naquele momento, Barsanulfo, que ainda não conhecia as obras de Kardec, presenciou uma atividade espírita com comunicação mediúnica. Sua pergunta foi respondida pelo espírito que ele evocou mentalmente. A explicação sobre as bem-aventuranças, que Barsanulfo já conhecia através da bíblia, foi explanada de acordo com os pressupostos do espiritismo. “Vê os laços, que não se quebram com a morte, entre os vivos e os desaparecidos na tumba.”. No final da comunicação, o espírito se despediu da seguinte forma: “Paz! João, o Evangelista.”.<sup>201</sup>

Segundo os relatos, Barsanulfo ficou impressionado com o acontecido. Ele voltou em Santa Maria para outras sessões espíritas. Iniciou-se, então, o seu rompimento com o catolicismo. Diante das novas descobertas, Barsanulfo, decidiu abandonar as atividades católicas que praticava. Os padres que eram seus amigos na paróquia e com quem trabalhava no Liceu Sacramentano, não compreendiam aquela situação. “Os antigos companheiros exclamavam, fora de si: - Você está louco! O Espiritismo é fabrica de loucos! Você está

<sup>199</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 81 e 82.

<sup>200</sup> KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiuns**. Tradução de Salvador Gentile. Araras-SP: IDE, 2008.

<sup>201</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 82.

louco!”<sup>202</sup> Barsanulfo começava a sofrer os ataques preconceituosos da sociedade que não compreendia como uma pessoa letrada, proprietário de instituição de ensino e participante dos círculos culturais e sociais da sociedade sacramentana poderia se envolver com aquelas práticas incompreensivas, falsas e mentirosas. Até a sua família se voltou contra a sua decisão em seguir participando do espiritismo e não mais do catolicismo. Seu pai, sua mãe e seus irmãos e irmãs não compreenderam aquela escolha. E toda a sua família se sentia ofendida diante dos comentários que se ouviam nas ruas da cidade.

Enquanto a família consanguínea de Eurípedes se fechava, envolvida nas malhas terríveis da incompreensão, que se expressavam por descabida revolta, os amigos – que totalizavam a população local – avançavam em demonstrações hostis, murmurando à sua passagem em qualquer ponto da cidade: O professor está louco! O professor está louco!<sup>203</sup>

E a situação ficou ainda mais grave quando os familiares das crianças e jovens começaram a retirar os filhos do Liceu Sacramentano. As famílias não aceitavam a mudança de postura religiosa do professor Barsanulfo.

Os companheiros de magistério, no Liceu Sacramentano, abandonaram seus cargos. O mobiliário escolar fora retirado e o prédio, onde funcionava o Liceu, requerido por seus proprietários. Era a debacle dos sonhos do moço, em torno dos trabalhos, no campo de Educação, que ele amava acima de tudo.<sup>204</sup>

Quando Barsanulfo resolveu ensinar o espiritismo como conteúdo regular no Liceu Sacramentano, colégio onde ele era sócio-proprietário e professor, sua ação não foi aceita. Ele vivia um momento de ridicularização: as pessoas riam e faziam comentários maldosos sobre a atuação dele no espiritismo e a maioria dos pais e mães não aceitaram o ensino do espiritismo às crianças e jovens do liceu. Nessa época Barsanulfo chegou à falência. Seus recursos financeiros eram provenientes do seu trabalho no Liceu Sacramentano, acrescido do que recebia pela escrituração das duas casas comerciais da família (Casa Mógico – em Sacramento-MG e o comércio que tinham em Conquista-MG). Devido à sua insistência em ensinar o espiritismo no Liceu Sacramentano, os professores padres e os professores laicos que não concordavam, se retiraram do estabelecimento de ensino, rompendo com a sociedade empresarial que tinham. Familiares cancelaram as matrículas dos filhos. Barsanulfo ficou em situação de dificuldades e se estabeleceu praticamente sozinho em outro prédio. Ele abriu uma nova escola: improvisada, com poucos estudantes matriculados e sem nenhum prestígio

<sup>202</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo**: o homem e a missão. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 86.

<sup>203</sup> Ibid., p. 86 e 87.

<sup>204</sup> Ibid., p. 87.

social.

Na narrativa de Corina Novelino está:

Os companheiros de magistério, no Liceu Sacramentano, abandonaram Eurípedes, após sua conversão ao Espiritismo.  
O mobiliário escolar fora retirado e o prédio requerido por seus proprietários.  
O jovem estava abatido, mas não desanimado. O testemunho reclamara-lhe determinação e pujança na fé nova. Por isso, continuava firme nas tarefas espíritas. Todos o estimavam como professor e respeitavam-no como cidadão precocemente amadurecido em valiosas experiências, a favor da comunidade a que servia com desinteresse e devotamento.  
Ele passara anos felizes no Liceu, no desempenho consciente de sua querida carreira de professor. Os alunos, por sua vez, não se conformavam à idéia de perder o mestre e amigo.  
Professor e discípulos confundiram suas lágrimas à hora da despedida. A situação era desesperadora até para a área educacional da cidade que, não contava com outro estabelecimento de ensino.  
(...)  
Após um planejamento rápido ficara assentado o aluguel de uma sala no antigo Colégio da professora Ana Borges, fechado desde 1885.  
Ali, com mobiliário improvisado e sem conforto, Eurípedes prosseguiu no seu esforço magnífico, em prol da Educação.  
Na frontal da porta modesta, lia-se: Liceu Sacramentano. O currículo era o mesmo, mas com a debandada dos colegas, Eurípedes desdobrava-se para ministrar as aulas de todas as matérias programadas.  
E acrescentara, corajosamente, o ensino da Doutrina Espírita ao currículo, o que suscitara o descontentamento dos pais católicos.  
A maioria levou a Eurípedes a ameaça de retirar os filhos do Liceu, caso mantivesse o professor a decisão de lecionar Espiritismo.<sup>205</sup>

Em meio às dificuldades encontradas, Barsanulfo continuou suas buscas interiores e suas reflexões. Isolava-se nos campos e ia sozinho para a gruta dos Palhares. Continuou as leituras dos livros espíritas. Lia *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e *O livro dos Espíritos*, de Kardec. Foi elaborando os conhecimentos espíritas juntamente com a moral espírita, cuja máxima é o amor ao próximo, a ajuda e a caridade ao outro.<sup>206</sup> Os companheiros do centro espírita Fé e Amor, de Santa Maria, continuaram acolhendo-o, propiciando o ambiente calmante para o equilíbrio do jovem, que estava abalado diante do preconceito social e familiar que enfrentava. O tio Mariano o apoiava nas novas escolhas e foram companheiros de atividades no espiritismo durante toda a vida.

Barsanulfo aumentou a produção e distribuição de remédios homeopáticos, oferecendo os medicamentos para quem o procurava. Decidiu se mudar, sair da casa familiar para morar em uma casa sua. Esta decisão lhe garantia maior autonomia, principalmente no momento de incompreensão familiar. “O senhor Mogico facilitou-lhe a concretização dos projetos,

<sup>205</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo**: o homem e a missão. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 109.

<sup>206</sup> *Ibid.*, p. 89.

comprando a área em que se localizava o prédio escolhido para a nova residência de Eurípedes e transferiu-lhe esse terreno por reduzido valor.”.<sup>207</sup> A área construída e o terreno eram amplos. Um bom espaço para a primeira moradia.

O pai de Barsanulfo continuava sem compreender o espiritismo e ainda não aceitava completamente a escolha do jovem. “- Eurípedes, seu pai manda pedir-lhe que queime esses livros espíritas. Porque ele não quer filho doido em casa...”.<sup>208</sup> Barsanulfo continuou paciente explicando seus motivos para a adesão ao espiritismo, cuja aceitação familiar só ocorreu um pouco mais tarde.

Barsanulfo aderiu ao espiritismo por escolhas íntimas e após vivenciar os fenômenos dentro do centro espírita Fé e Amor. Foi uma escolha pessoal, seguida da mudança de concepção sobre a vida, a morte e a existência do espírito.<sup>209</sup>

Depois da sua conversão ao espiritismo, seu comportamento se transformou. As suas prioridades e escolhas foram conectadas com os pressupostos do espiritismo, principalmente quanto à condição de ajuda aos necessitados. O espiritismo religioso no Brasil preza pela assistência aos necessitados: os pobres, os doentes, os órfãos, os idosos, as pessoas abandonadas. A prática da assistência aos necessitados já era realizada por Barsanulfo, mesmo antes da sua conversão ao espiritismo. O que se acentuou foi essa mesma prática ligada a filosofia espírita como missão.

Em 1905, Barsanulfo, fundou o *Grupo Espírita Esperança e Caridade*, com sede em sua própria casa, localizada na rua Visconde do Rio Branco: o primeiro centro espírita urbano de base teórica kardecista de Sacramento. O grupo criado contava com a colaboração da equipes espíritas da fazenda Santa Maria, familiares de Barsanulfo e alguns moradores da cidade. A ata de abertura do Grupo Espírita Esperança e Caridade foi assinada por: Eurípedes Barsanulfo, Waltersides Willon, Eulice Dillan, Edimundo José Ferreira, Maria de Rezende Peiró, Francisca Mendonça, Adelia Modesta, Ubaldina, Eurídice Miltan. A cópia do documento está disponibilizada no livro de Corina Novelino, *Eurípedes: o homem e a missão*, o qual apresentamos abaixo (Figura 18):

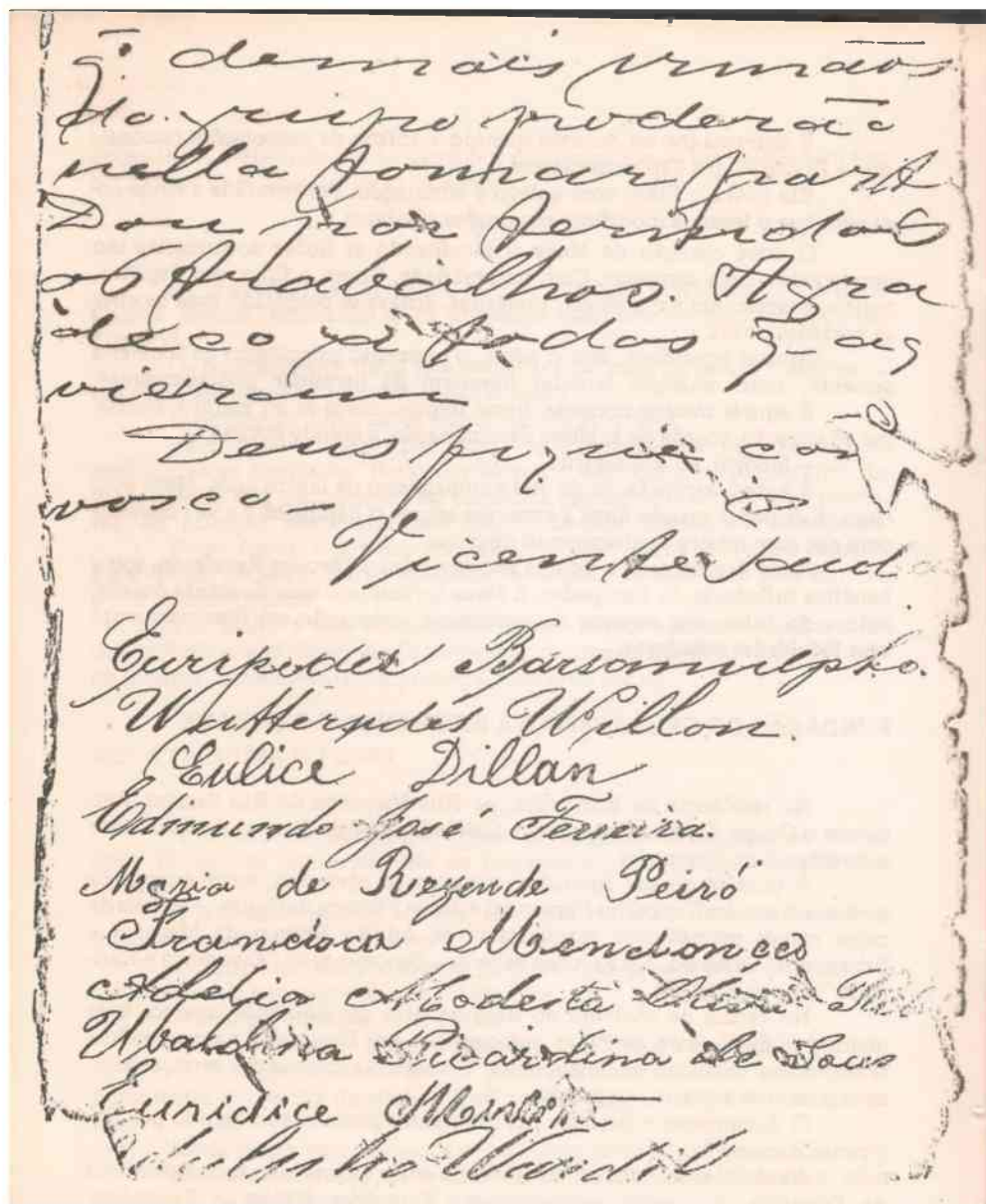
---

<sup>207</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 91. Foi neste endereço, na rua Visconde do Rio Branco, que mais tarde Barsanulfo montou o Colégio Allan Kardec.

<sup>208</sup> Ibid., p. 92.

<sup>209</sup> Ibid.

Figura 18 - Trecho final da ata de abertura do Centro Espírita Esperança e Caridade.



Fonte: NOVELINO, Corina. Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 94.

Aos poucos, a família de Barsanulfo se converteu ao espiritismo. Passaram a estudar e atuar nas práticas do espiritismo e não mais julgaram aquelas atitudes como atos de loucura, o estranhamento foi se naturalizando.<sup>210</sup>

Barsanulfo desenvolveu faculdades mediúnicas. Ficava mais sensível e com capacidade para se comunicar com os espíritos. Ele relatava para as pessoas que o procuravam que era capaz de ver e ouvir os espíritos e que eram os espíritos que o auxiliavam nas ações de tratamento e cura que ele processava. Vários moradores de Sacramento relatam sobre as ações

<sup>210</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo**: o homem e a missão. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987.

mediúnicas de Barsanulfo.<sup>211</sup>

Sobre as práticas no Grupo Espírita Esperança e Caridade, se destaca o relato de Tomaz Novelino (ex-aluno de Barsanulfo e frequentador de algumas reuniões):

Os trabalhos espíritas se realizavam duas vezes por semana e a noite. Após a leitura de um trecho de uma obra da doutrina, Eurípedes saía de sua mesinha e vinha ocupar o seu lugar na corrente de concentração e dos médiuns, que formavam círculo, no centro do Salão. De pé, o mestre dirigia profunda e sentida prece, iniciada sempre pelo Pai Nosso e rematada por oração improvisada de adoração e evocação. Terminada a oração, sentava-se de mãos dadas, formando a corrente; do lado esquerdo, repousando sobre uma mesa muitas garrafas de água a serem fluidificadas.

Cabeça tombada para trás, corpo em abandono e que logo se aprumava, olhos para cima, deixando apenas a esclerótica à vista, declarado estar em transe mediúnico e que logo era completo. Espíritos de escol se apresentavam, através de sua mediunidade sonambúlica.

(...)

Manifestavam-se quatro ou cinco Espíritos seguidos (...)<sup>212</sup>

Este relato apresenta como transcorria uma sessão espírita no grupo Esperança e Caridade; é um documento histórico sobre os primórdios do espiritismo no Triângulo Mineiro. Atividades semelhantes continuam sendo realizadas na atualidade em diversas casas espíritas espalhadas pelo Brasil. Trata-se de uma atividade mediúnica, como é denominada pelos espíritas.

Sobre a mediunidade que Barsanulfo desenvolveu, há o livro *Eurípedes Barsanulfo: o apóstolo da caridade*, do jornalista e escritor Jorge Rizzini.<sup>213</sup> Ele esteve em sacramento realizando algumas visitas e investigações. Entrevistou diversas pessoas que conheceram e conviveram com Barsanulfo. Os entrevistados relataram que Barsanulfo, após a conversão ao espiritismo, atendia as pessoas que o procuravam e oferecia remédios homeopáticos, ajudava mulheres em trabalho de parto, ajudou homens acidentados e feridos que chegavam em busca de socorro.

Pessoas procuravam Barsanulfo a qualquer hora do dia e da noite. Nenhum valor monetário era cobrado. Barsanulfo recebeu o reconhecimento popular de apóstolo da caridade,<sup>214</sup> título que os espíritas mantêm na atualidade, com memória exercitada do que não

<sup>211</sup> No dia 18/09/2016 o senhor José Benizário Pereira, conhecido como Zezinho, nascido em 30/06/1968 e proprietário de uma bicicletaria na cidade nos concedeu o seguinte relato: “Segundo os depoimentos de todos os familiares dele e dos ex-alunos dele, que nos conta que, Barsanulfo manifestou todo tipo de mediunidade catalogado no *Livro dos Médiuns*, por Allan Kardec.” Arquivo da pesquisadora Jaqueline Peixoto Vieira da Silva.

<sup>212</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 98.

<sup>213</sup> RIZZINI, Jorge. **Eurípedes Barsanulfo: o apóstolo da caridade**. 2. ed. São Bernardo do Campo-SP: Edições Correio Fraternal, 1979.

<sup>214</sup> Ibid.



se quer esquecer.

Alguns casos relatados, são:

A um senhor que procurara Eurípedes Barsanulfo para fazer o parto na esposa, respondeu o nosso médium, risonho:

- O senhor está me chamando para pegar duas meninas?

- Ah, “seu” Eurípedes, não brinque! Duas meninas? Mas, se não posso dar conta nem de uma...

Eurípedes Barsanulfo, então, fez o parto; realmente, nasceu um casal de lindas crioulinhas de olho muito vivo...

O médium tornou-se padrinho de uma das gêmeas.<sup>215</sup>

Em outro relato:

Certo dia, um roceiro recebeu um tiro de revólver na nádega e foi levado às pressas à presença do farmacêutico conhecido por “Neto” e que era, aliás, genro do coronel José Afonso de Almeida, presidente da Câmara Municipal de Sacramento. Neto, após examinar o ferimento, despachou o roceiro, dizendo:

- Não posso extrair a bala; não se percebe onde está localizada. Esse trabalho só o Eurípedes Barsanulfo pode fazer. Procurem-no.

O médium estava em sua farmácia e ajudou o roceiro a entrar, acompanhado de populares.

- A arma que disparou é de sua propriedade, disse Eurípedes Barsanulfo. (não perguntando, mas afirmando).

- Sim, senhor, confirmou o roceiro. O revólver é meu.

- O tiro foi um acidente.

- Foi, sim, senhor.

- E não sabe como pôde o revólver disparar sozinho.

- Não, senhor. Como é que sabe tudo isso se o senhor não estava na minha casa?

- Os Espíritos estão me contando. Pode descer, agora, a calça.

E Eurípedes Barsanulfo olhou o orifício causado pela bala e, sob a ação do doutor Bezerra de Menezes, pôs o dedo no exato ponto onde ela se encontrava – quarenta centímetros abaixo.

- Aqui! Ela está escondida, aqui... na coxa...

E, com o bisturi, fez um corte fundo, introduziu a pinça e retirou o projétil.<sup>216</sup>

E ainda:

O senhor Moisés Santana, advogado e aplaudido jornalista de Uberaba por seus artigos combativos, levava a esposa a diversos médicos, mas ela piorava de consultório em consultório. Resolveu, pois, ir a Sacramento e solicitar uma receita mediúnica a Eurípedes Barsanulfo. Quando entrou na farmácia para entender-se com o médium encontrou, porém, os remédios prontos. Eurípedes Barsanulfo, entretanto, disse-lhe:

- Antes dos remédios terminarem sua esposa estará curada, mas o senhor deve mudar-se de Uberaba, o quanto antes! Se não o fizer poderá ser assassinado.

- Por que me diz isso?

- Santo Agostinho está me pedindo para avisá-lo.

O jornalista regressou a Uberaba e deu os remédios à esposa. Ela curou-se, mas ele continuou na cidade e, duas semanas depois, foi assassinado pelo dr. João Henrique,

<sup>215</sup> RIZZINI, Jorge. **Eurípedes Barsanulfo: o apóstolo da caridade**. 2. ed. São Bernardo do Campo-SP: Edições Correio Fraternal, 1979, p. 76.

<sup>216</sup> Ibid., p. 86 e 87.

médico e deputado uberabense.<sup>217</sup>

Os casos mencionados acima e ainda outros, sobre os feitos de Barsanulfo, continuam sendo relatados em Sacramento, onde ainda vivem pessoas que ouviram estas histórias na infância e juventude.

Tivemos a oportunidade de ouvir os relatos de alguns moradores da cidade sobre a vida de Barsanulfo e que contribuíram para as nossas investigações e análises. Os relatos mais recentes são de memórias transmitidas pelos mais velhos. As pessoas que conviveram com Barsanulfo não estão mais vivas. A memória recorda, esquece, confunde, exalta e deixa a sua contribuição sobre o passado.

A pequena farmácia homeopática de Barsanulfo, que começou a partir da sua curiosidade e pesquisas livres foi desenvolvida adquirindo reconhecimento social na cidade de Sacramento e região. Além dos moradores do local, outros, de várias cidades do Brasil, escreviam, pedindo remédios, os quais eram enviados pelos correios. A farmácia passou a se chamar *Farmácia Espírita Esperança e Caridade* e foi montada ao lado da casa da família de Mogico e Meca, onde também ficava o comércio da família, a *Casa Mogico*, na avenida Municipal, que atualmente se chama avenida Benedito Valadares.<sup>218</sup>

O senhor Mogico mandara construir um “puxado” junto ao quarto de Eurípedes, onde se instalou a farmácia (...)

O quarto de Eurípedes dava acesso também à loja comercial do pai em cujo balcão o moço apanhava os vidros que incalculável número de pessoas ali depositava, diariamente.<sup>219</sup>

Barsanulfo foi coordenador da Farmácia Espírita Esperança e Caridade desde a fundação até a sua morte. Ele contou com a colaboração de diversos trabalhadores voluntários: suas irmãs Edirith e Eurídice; sua mãe, dona Meca; sua secretária, dona Amália Ferreira de Mello; e aprendizes voluntários que se dispunham ao trabalho para ajudar e para aprender o ofício. “Nesse grande trabalho assistencial, Eurípedes contou com a entusiástica colaboração de seus discípulos, que se revezavam em vários setores, incluindo-se: embalagem, despacho e arquivo.”<sup>220</sup>

O laboratório funcionava junto à farmácia. Os medicamentos eram manipulados. Barsanulfo os preparava. “Do depoimento do senhor José Rezende da Cunha consta a informação de que Eurípedes adquiria os medicamentos e o instrumental necessários nas

<sup>217</sup> Ibid., p. 91 e 92.

<sup>218</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo**: o homem e a missão. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987.

<sup>219</sup> Ibid., p. 144.

<sup>220</sup> Ibid., p. 144.

melhores firmas especializadas do ramo, em São Paulo e Rio.”.<sup>221</sup> Dentre as empresas fornecedoras da matéria prima estão: Drogaria do Leão e Casa Fretin (Figuras 19 e 20).


Figura 19 - Nota de compra de matéria prima utilizada na Farmácia Esperança e Caridade.

CAIXA DO CORREIO N.º 483	<h1>DROGARIA DO LEÃO</h1>	ENDER. TELEGR.: "TELLIS"																																						
N.º 25-A - RUA DE S. BENTO - N.º 25-A — SÃO PAULO —																																								
R. 4314	S. Paulo, 12 de Julho	de 1911.																																						
O Illm. Snr. Euripedes Barsanulpho Sacramento																																								
Deve a Tenore & De Camillis																																								
Pagavel ao prazo de ..... e na falta pagará o juro de ..... ao mez pelo prazo que se lhe conceder																																								
As reclamações serão attendidas só sendo feitas até 24 horas depois do recebimento da mercadoria																																								
<table style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 80%;">1 ca com 2 latas Alcool petef. a 40°</td> <td style="width: 10%; text-align: right;">28800</td> <td rowspan="14" style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg); font-weight: bold; padding-left: 10px;">FABRICA DE CITRATO DE MAGNES MARCA "GALLO"</td> </tr> <tr> <td>3000 Extracto fluido Opio</td> <td style="text-align: right;">9000</td> </tr> <tr> <td>1 K Rain Ipega</td> <td style="text-align: right;">20000</td> </tr> <tr> <td>4x25.0 Acido Arsenioso</td> <td style="text-align: right;">4000</td> </tr> <tr> <td>500.0 Benjoim em pedra</td> <td style="text-align: right;">4000</td> </tr> <tr> <td>2 Gs Caixas para pilulas</td> <td style="text-align: right;">9000</td> </tr> <tr> <td>2 " " " pomada de madure</td> <td style="text-align: right;">7600</td> </tr> <tr> <td>12 Potos estampa cellulose para 30.0</td> <td style="text-align: right;">3000</td> </tr> <tr> <td>12 " " " " 60.0</td> <td style="text-align: right;">3500</td> </tr> <tr> <td>12 " " " " 100.0</td> <td style="text-align: right;">4500</td> </tr> <tr> <td>100.0 Todeformis (4x25.0)</td> <td style="text-align: right;">5000</td> </tr> <tr> <td>500.0 Acido phenico cryst</td> <td style="text-align: right;">2000</td> </tr> <tr> <td>5000 Pastilhas Hortela pimenta Silva Orange</td> <td style="text-align: right;">3000</td> </tr> <tr> <td>5000 " Chlorato potassa ..</td> <td style="text-align: right;">3000</td> </tr> <tr> <td>1 Resma Papel para embrulho</td> <td style="text-align: right;">2000</td> </tr> <tr> <td>1 Furiil para 500.0</td> <td style="text-align: right;">1500</td> </tr> <tr> <td>1 " " 250.0</td> <td style="text-align: right;">1000</td> </tr> <tr> <td colspan="2" style="text-align: center; padding-top: 20px;">Transporte</td> <td style="text-align: right; padding-top: 20px;">110900</td> </tr> </table>			1 ca com 2 latas Alcool petef. a 40°	28800	FABRICA DE CITRATO DE MAGNES MARCA "GALLO"	3000 Extracto fluido Opio	9000	1 K Rain Ipega	20000	4x25.0 Acido Arsenioso	4000	500.0 Benjoim em pedra	4000	2 Gs Caixas para pilulas	9000	2 " " " pomada de madure	7600	12 Potos estampa cellulose para 30.0	3000	12 " " " " 60.0	3500	12 " " " " 100.0	4500	100.0 Todeformis (4x25.0)	5000	500.0 Acido phenico cryst	2000	5000 Pastilhas Hortela pimenta Silva Orange	3000	5000 " Chlorato potassa ..	3000	1 Resma Papel para embrulho	2000	1 Furiil para 500.0	1500	1 " " 250.0	1000	Transporte		110900
1 ca com 2 latas Alcool petef. a 40°	28800	FABRICA DE CITRATO DE MAGNES MARCA "GALLO"																																						
3000 Extracto fluido Opio	9000																																							
1 K Rain Ipega	20000																																							
4x25.0 Acido Arsenioso	4000																																							
500.0 Benjoim em pedra	4000																																							
2 Gs Caixas para pilulas	9000																																							
2 " " " pomada de madure	7600																																							
12 Potos estampa cellulose para 30.0	3000																																							
12 " " " " 60.0	3500																																							
12 " " " " 100.0	4500																																							
100.0 Todeformis (4x25.0)	5000																																							
500.0 Acido phenico cryst	2000																																							
5000 Pastilhas Hortela pimenta Silva Orange	3000																																							
5000 " Chlorato potassa ..	3000																																							
1 Resma Papel para embrulho	2000																																							
1 Furiil para 500.0	1500																																							
1 " " 250.0	1000																																							
Transporte		110900																																						

Fonte: NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo**: o homem e a missão. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 153.

<sup>221</sup> Ibid., p. 151.

Figura 20 - Nota de compra de matéria prima utilizada na Farmácia Esperança e Caridade.



**CASA FRETIN**  
*Louis Fretin*  
 10, Rua S. Bento  
 S. PAULO  
 TELEPHONE 1177  
 CASAS DE COMPRAS EM PARIS NEW YORK.  
 Importação directa  
 OPTICA, CIRURGIA, CUTELARIA, ORTHOPEDIA, ETC.  
 ATACADO e VAREJO  
 Grande officina electrica, propria para fabrico, concertos e afiação  
 Nickelagem e Trateação.

Dr. Mm. Sr. *Eurípedes Barsanulfo*  
 Vilcos S. Paulo, 1 de Agosto de 1911

1	Binoculo Flammarion, campo -	15%	
	maquinha e theatro	52.000	
1	Compasso - porta - giz	3.500	58.500
1	Colunio cirurgico, cautendo:	9.000	
1	Bisturi recta	4.000	
1	" curvo	4.000	
2	Pinças Jean	6.000	
1	Lueta - canula	2.000	
1	Stilette	1.000	
1	Porta algodão	1.000	
1	Pinçalo	2.000	
1	Lesana curva	5.000	
1	Recta	5.000	
1	Legs de 4 trocantes	15.000	
1	Pinça disseccão	2.000	
1	Microscopica	3.000	
1	Sauda para homens e mulher	6.000	
1	De agulhas de sutura sortidas	4.000	
	Reda	1.000	
	Desconto de 15%		

Fonte: NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo**: o homem e a missão. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 150.

Após a morte de Barsanulfo, a família guardou seus pertences utilizados na farmácia, as cartas com pedidos de remédio e os receituários produzidos. Barsanulfo afirmava que, para a realização deste trabalho, ele era orientado pelos espíritos, principalmente pelo espírito do

médico Bezerra de Menezes.<sup>222</sup> Atualmente, há diversos objetos utilizados na Farmácia Esperança e Caridade expostos na *Sala de Eurípedes* (pequeno museu da memória de Eurípedes Barsanulfo, organizado em uma sala, no Colégio Allan Kardec).

Corina Novelino afirma que teve acesso a caixas de documentos do período de funcionamento da farmácia.

Encontramos em três grandes caixas de madeira (caixotes) parte do documentário valiosíssimo, que representa, inegavelmente, o mais importante atestado da faina Missionária de Eurípedes.

Milhares de cartas, oriundas de todo o Brasil, trazendo comoventes solicitações de enfermos do corpo e do espírito. (...) <sup>223</sup>

Atualmente, estes documentos não estão disponibilizados para a pesquisa e pertencem aos familiares de Barsanulfo.

Na farmácia havia um armário com portas de vidro onde se guardavam objetos, medicamentos e instrumentos cirúrgicos, tais como: caixas de madeira para pomada, caixas para pílulas, potes com tampa de celuloide para pomadas, funis diversos, iodoformio, álcool retificado, bisturi reto, bisturi curvo, pinças, tenta-cânula, estilete, porta algodão, tesoura curva, tesoura reta, jogo de trocartes, pinça para dissecação, pinça microscópica, agulhas de sutura.<sup>224</sup> Na farmácia também se utilizavam extratos naturais extraídos das plantas.

A família de Barsanulfo relata que os medicamentos oferecidos à população eram gratuitos. Para tal empreendimento havia muitas doações espontâneas de dinheiro, de matéria prima para a elaboração dos medicamentos e de mão de obra. Barsanulfo investia dinheiro do seu ordenado pessoal e outros companheiros de ideal também realizavam contribuições financeiras. Os trabalhadores que contribuíam nos serviços da farmácia Esperança e Caridade realizavam o trabalho voluntário em horários flexíveis e de acordo com a disponibilidade de cada um.

A farmácia de Eurípedes era totalmente gratuita. A manutenção, altamente dispendiosa pelo volume do atendimento, fazia-se com o salário do moço, auferido na escrituração de duas casas comerciais do pai e com a ajuda espontânea de confrades abastados – entre eles Frederico Peiró e Azarias Arantes e mais tarde dona Maria Leite, que remetiam valores em dinheiro para aquisição de drogas medicamentosas.

(...)

Dentre os recursos caseiros, destacava-se a tintura de folhas de laranjeira, muito comum na farmácia e que era obtida através de pequeno alambique. A tarefa especial

<sup>222</sup> Esta afirmação é repetida por Barsanulfo em diversos momentos e também está presente no processo crime em que ele foi imputado. Processo completo presente em: FERREIRA, Inácio. **Subsídio para a história de Eurípedes Barsanulfo**. Uberaba-MG: [s.n.], 1962.

<sup>223</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 151

<sup>224</sup> Ibid., p. 154.

era entregue à dedicação do senhor Antônio Gonçalves de Araujo, segundo nos informa o senhor José Rezende da Cunha.

Tinturas diversas extraídas de raízes medicinais eram consumidas na manipulação das fórmulas. O trabalho de seleção dessas raízes, nos campos da cidade, Eurípedes o confiava apenas a dois eméritos conhecedores do assunto: os senhores Miguel Bento e Martim Terra, que anos a fio desempenharam com devotamento a tarefa anônima de Amor.

Na farmácia jamais faltava o xarope de açúcar, previamente refinado e preparado pelas mãos carinhosas de dona Meca.<sup>225</sup>

O trabalho na farmácia seguia uma rotina. Barsanulfo contava com o trabalho de vários voluntários que foram aderindo ao espiritismo à medida que conheceram a teoria e a prática. Cada trabalhador exercia uma função específica que era alterada de acordo com as necessidades.

Muitas pessoas receberam os medicamentos da farmácia Esperança e Caridade e isso só foi possível graças ao esforço conjunto de todos os trabalhadores envolvidos: familiares e companheiros de trabalho e ideal, aliados a Barsanulfo, que não teria condições de realizar sozinho a tarefa de condução e manutenção da farmácia.

Em pesquisa, a historiadora Nádia Míkola, analisou a ligação entre a homeopatia e o espiritismo no século XIX, no Brasil. Houve intensa aproximação das duas áreas de conhecimento, sobretudo, devido ao conceito de *força vital* sugerido por Hahnemann e o de *princípio vital* explicado por Allan Kardec. A autora apresenta a teoria dos médicos europeus, Hahnemann, para a terapia homeopática, e Mesmer, sobre o *fluido vital*. E como esses fatos e conhecimentos se interligaram e foram compreendidos pela comunidade espírita brasileira.<sup>226</sup>

O historiador Robert Darnton, no livro *O lado oculto da Revolução: Mesmer e o final do iluminismo na França*<sup>227</sup>, explica as atividades médicas de Franz Anton Mesmer (1734 – 1815), que consistia em uma terapia para a restituição e equilíbrio do *fluido vital*. O fluido vital também era chamado de *magnetismo animal*. A terapia se tornou muito popular na França, mas foi renegada pela sociedade médica oficial e considerada ineficiente. Muitas pessoas, intelectuais e populares, participaram das terapias de magnetização de Mesmer, alguns como pacientes e outros como pesquisadores e avaliadores da terapia. Houve relatos de vários pacientes declarando a cura. Também houve relatos de avaliadores que consideraram a prática ineficiente e charlatanista. Mesmer escreveu relatórios das suas práticas terapêuticas e

<sup>225</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 159.

<sup>226</sup> MÍKOLA, Nádia. **Uma “medicina espiritual?”**. 2012. 199 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

<sup>227</sup> DARNTON, Robert. **O lado oculto da Revolução: Mesmer e o final do iluminismo na França**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

publicou livros que ainda servem como fontes de pesquisa.<sup>228</sup> A terapia de Mesmer gerou o mesmerismo, que foi muito praticado por diversos médicos franceses e muitos pacientes foram tratados com esta terapia.<sup>229</sup>

Tanto Hahnemann, o fundador da homeopatia<sup>230</sup>, quanto Mesmer, o idealizador das terapias de magnetização<sup>231</sup>, explicam em suas teorias sobre fluidos e energias vitais presentes na natureza e capazes de reestabelecer a saúde humana. Eles eram médicos pesquisadores e seus trabalhos sobre os princípios curativos não foram totalmente aceitos pela medicina oficial. Um pouco mais tarde, já após a morte de Hahnemann e Mesmer, Allan Kardec inicia a publicação dos seus livros sobre espiritismo com explicações sobre o princípio vital, fluido vital, fluido universal e fluido magnético curativo.

Estava ali a conexão da teoria de Hahnemann e Mesmer com o Espiritismo. Hahnemann e Mesmer foram médicos-pesquisadores que utilizaram metodologias diferentes em suas pesquisas na busca da compreensão sobre o chamado *fluido universal*. Estas teorias foram recebidas no Brasil e desenvolvidas dentro de uma religião: o Espiritismo.

A historiadora Mary Del Priori, no livro *Do outro lado: a história do sobrenatural e do espiritismo*, afirma que Kardec criou uma religião e arrastou milhares de fieis.<sup>232</sup> Entretanto, essa análise precisa ser aprofundada. Kardec elaborou um trabalho de explicação sobre os fenômenos que eram chamados de paranormais e/ou sobrenaturais, definindo esses fenômenos dentro de uma explicação teórica que ele chamou de *Espiritismo – a doutrina dos espíritos*. Seus métodos dialogavam com os pressupostos da ciência do século XIX e consistiam em observar, comparar, analisar e experienciar.<sup>233</sup> Ele se posicionava como pesquisador e afirmava: “tais foram as disposições com as quais empreendi, e sempre persegui os meus estudos espíritas; observar, comparar e julgar, tal foi a regra constante que segui.”<sup>234</sup> Entretanto, todos os seus textos mantêm uma ligação com o divino (representado

<sup>228</sup> MESMER, Franz Anton. *Mémoire sur la découverte du magnétisme animal*. 1779.

Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k75421p/f2.image.langFR>> Acesso em: 01/10/2016

<sup>229</sup> NUNES, Beatriz Helena P. Costa. et al. *Em torno de Rivail: o mundo em que viveu Allan Kardec*. Bragança Paulista-SP: Lachâtre, 2004.

<sup>230</sup> MÍKOLA, Nádía. *Uma “medicina espiritual?”*. 2012. 199 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

<sup>231</sup> SANTOS, Maria Siqueira. *O poder alquímico das sensações: um panorama histórico-ficcional da filosofia magnética de Franz Anton Mesmer*. 2011. 161 p. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

<sup>232</sup> DEL PRIORE, Mary. *Do outro lado: a história do sobrenatural e do espiritismo*. São Paulo: Planeta, 2014.

<sup>233</sup> PIMENTEL, Marcelo Gulão. *O método de Allan Kardec para investigação dos fenômenos mediúnicos (1854 – 1869)*. 2014. 156 f. Dissertação (Mestrado em Espiritualidade e Saúde) – Programa de Pós-Graduação em Saúde, Núcleo de Pesquisa em Espiritualidade e Saúde, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

<sup>234</sup> KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. Tradução de Salvador Gentile. 27. ed. Araras: IDE, 2008, p. 189.



pela divindade cristã – Deus e Jesus), o que direcionou a sua obra para o campo do religioso, e, no Brasil, o Espiritismo foi considerado principalmente uma religião. Religião que afirma dialogar com a ciência.

Desde o início do Espiritismo no Brasil até os dias atuais se mantém uma ligação entre a religião e atividades de cura. A homeopatia é praticada por muitos sujeitos espíritas, assim como a prática do *passe energético*. Os teóricos europeus, Hahnemann e Mesmer, impulsionaram esses estudos e práticas na contemporaneidade, que foram incorporados ao Espiritismo brasileiro. Assim, o Espiritismo uniu populares e cientistas com a orientação da necessidade dos estudos para a compreensão das ações realizadas. Milhares de pessoas procuram por esses tratamentos – que são oferecidos gratuitamente em diversos centros espíritas e não são reconhecidos pela medicina oficial.

Os espíritas praticam atividades de cura e transmissão de energia utilizando técnicas do *passe*. Para isso, estudam teorias e práticas. Há livros e cursos práticos para a aplicação do *passe*.<sup>235</sup> Algumas universidades brasileiras voltam o olhar para o estudo dessa técnica renegada pela ciência oficial. Na atualidade, a Universidade Federal de Juiz de Fora mantém um núcleo ativo de estudos e pesquisas sobre espiritualidade e saúde<sup>236</sup>, envolvendo vários médicos e pesquisadores.

Na Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, Ricardo Monezi Julião de Oliveira, defendeu o doutorado sobre a cura pela imposição das mãos na prática do Reiki. O pesquisador explica que o Reiki é uma técnica de imposição de mãos definida no Japão em meados do século XIX. A palavra Reiki é de origem japonesa e significa *energia da força vital do universo*. A medicina tradicional asiática e seus praticantes acreditam que através da imposição das mãos de um terapeuta Reiki esta energia possa ser transmitida para o corpo de outra pessoa. O pesquisador utilizou ratos em laboratório para realizar as experiências – os animais não têm elaboração psicológica, fé e crenças religiosas. Os resultados obtidos são significativos.<sup>237</sup>

Os espíritas também utilizam técnicas de imposição das mãos em atividades de cura – que é um tipo de *passe energético*. Em *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec está o seguinte “O fluido vital se transmite de um indivíduo a outro. Aquele que o tiver em maior porção

<sup>235</sup> Jacob Melo, pesquisador livre do magnetismo, é referência na atualidade sobre o estudo do *passe*, com vários livros publicados. Endereço eletrônico. Disponível em: <<http://www.jacobmelo.com/>> Acesso em: 01/10/2016

<sup>236</sup> Núcleo de Pesquisa em Espiritualidade e Saúde – NUPES. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/nupes/>> Acesso em: 01/10/2016

<sup>237</sup> OLIVEIRA, Ricardo Monezi Julião de. **Efeitos da prática do Reiki sobre aspectos psicofisiológicos e de qualidade de vida de idosos com sintomas de estresse: estudo placebo e randomizado**. 2013. 165 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Paulo. Escola Paulista de Medicina. Programa de Pós-Graduação em Psicobiologia, São Paulo, 2013.



pode dá-lo a um que o tenha de menos e em certos casos prolongar a vida prestes a extinguir-se.”.<sup>238</sup> Os estudos acadêmicos sobre o tema denotam o interesse científico por uma prática que se tornou popular no Brasil, entretanto, é pouco considerada pela comunidade científica oficial e hegemônica.

À medida que Barsanulfo se inseriu no estudo e prática do espiritismo, ele foi compreendendo as referências teóricas envolvidas e seguiu na busca de bibliografias. Os livros de Kardec muito o influenciaram, bem como as leituras sobre homeopatia e magnetização (conhecida na França como mesmerismo). As fontes que pesquisamos apontam Barsanulfo como conhecedor da homeopatia, das terapias de magnetização, do espiritismo e de práticas de ensino. Conhecimentos importantes nas ações empreendidas posteriormente no Colégio Allan Kardec.

Barsanulfo mantinha diálogos com moradores do Rio de Janeiro e São Paulo, para quem encomendava os livros que desejava adquirir. Corina Novelino, apresenta a cópia de uma carta recebida por Barsanulfo, do senhor Nilo Fortes, da Federação Espírita Brasileira. Neste documento está:

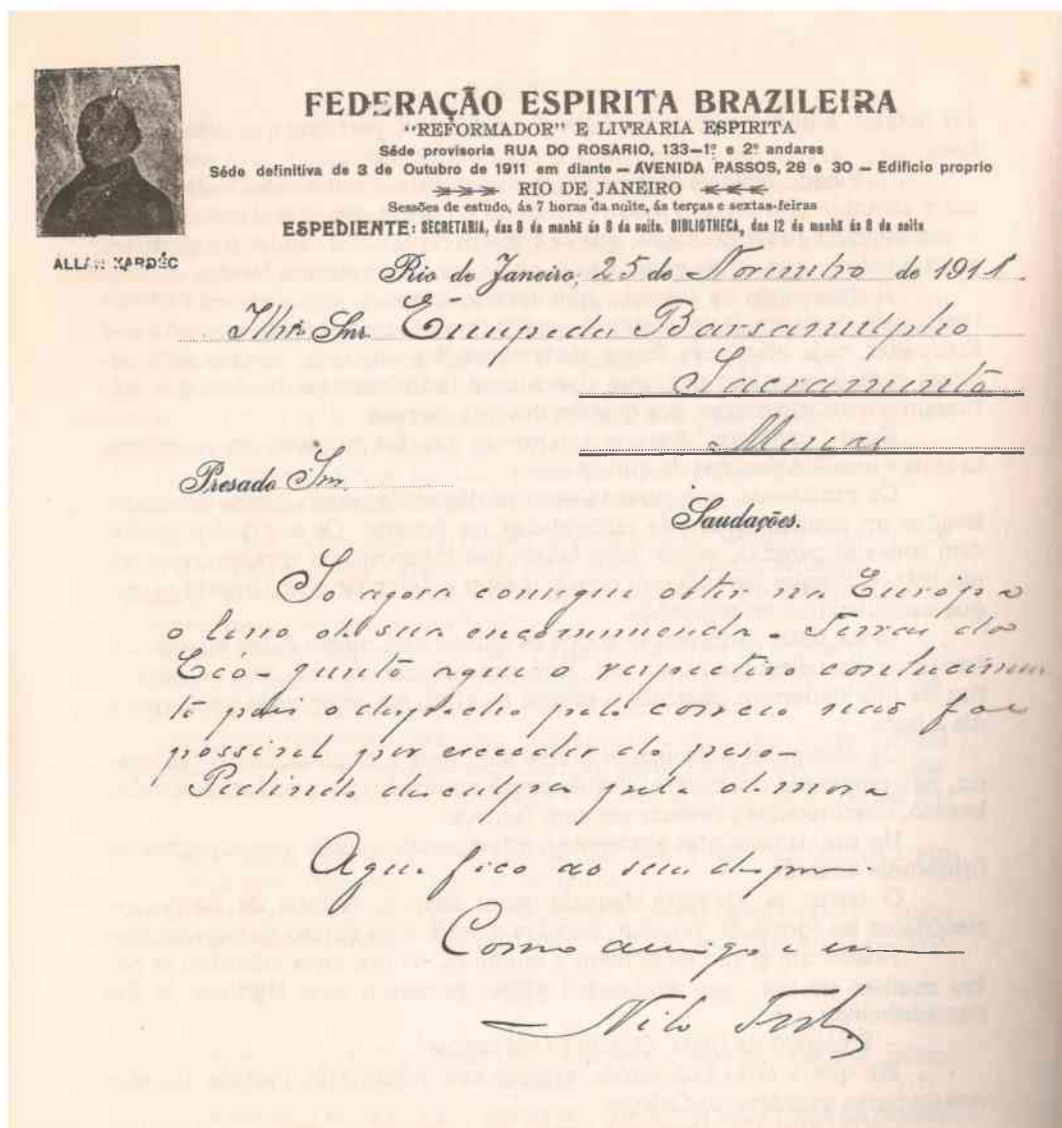
Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1911.  
 Ilmo. Sr. Eurípedes Barsanulpho – Sacramento-MG  
 Prezado Sr. Saudações. Só agora consegui obter na Europa o livro de sua encomenda – Terra do Eco – junto aqui o respectivo conhecimento pois o despacho pelo correio não foi possível por exceder do peso. Pedindo desculpas pela demora, aqui fico ao seu dispor, como amigo e irmão.  
 Nilo Fortes<sup>239</sup>

Cópia da carta recebida (Figura 21):

<sup>238</sup> KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Tradução de Guillon Ribeiro. São Paulo: Liberdade, 2010, p. 77.

<sup>239</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 122.

Figura 21 - Carta recebida por Barsanulfo em 25 de novembro de 1911.



Fonte: NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 122.

No memorial de Eurípedes Barsanulfo, em Sacramento, há alguns livros expostos e que pertenceram a ele, outros foram guardados pelos familiares e não são disponibilizados para a pesquisa e também houve materiais que se perderam, devido ao desgaste do tempo e falta de conservação. No Centro Espírita Fé e Amor, em Santa Maria, também há uma coleção de livros antigos sobre homeopatia, guardados em uma estante de madeira. Contudo, não foi possível identificar todos os livros a que Barsanulfo teve acesso. Sabemos, através dos relatos dos seus familiares, que ele foi leitor atento durante toda a vida, da infância até a morte.

Barsanulfo mantinha diálogos com a Federação Espírita Brasileira – FEB, instituição

que Augusto Elias da Silva fundou em 1884, em sua própria casa, no Rio de Janeiro.<sup>240</sup> Desde a origem, a FEB mantém uma postura de organização nacional do Espiritismo. A instituição orienta as diversas casas espíritas sobre como proceder e faz isso divulgando livros, pesquisas e informações sobre o Espiritismo.

Em 1895, o médico Adolfo Bezerra de Menezes (1831 – 1900), assumiu a presidência da FEB e reestruturou a instituição para um caráter espírita-cristão, ou seja, o resgate do espiritismo de Allan Kardec aliado à crença no Cristo. O que favorecia a concepção do Espiritismo enquanto ciência e filosofia com aplicação moral religiosa.<sup>241</sup> Bezerra de Menezes ficou conhecido como *médico dos pobres*, devido à sua prática de atendimento às pessoas carentes e necessitadas; e é mantido na memória popular coletiva do movimento espírita brasileiro.

No início da história da instituição, a comunicação entre os dirigentes da FEB e os dirigentes dos centros espíritas de todo o Brasil tinha limitações. Os poucos participantes e simpatizantes do Espiritismo se comunicavam principalmente por cartas. Mais tarde, a comunicação pôde se estreitar, devido à popularização dos telefones e internet. Atualmente, qualquer pessoa pode acessar a página da FEB na internet e obter todas as informações divulgadas.

Os primeiros centros espíritas de base teórica e metodológica kardecista fundados no Brasil começaram em casas familiares, no meio da gente das letras (comerciantes, advogados, médicos, fazendeiros) e também no meio da gente pobre e analfabeta que lutava todos os dias para garantir a sobrevivência e que aprendiam o espiritismo através da prática.

No princípio, somente as pessoas mais ricas conseguiam comprar os livros espíritas, pois eram caros e não estavam disponíveis em todas as livrarias do Brasil. A FEB divulgava e vendia livros espíritas – os primeiros e poucos títulos vindos da Europa e traduzidos no Brasil.

Os centros espíritas de base metodológica kardecista se caracterizam pelo rigor no cumprimento dos trabalhos com horários rígidos de atendimento ao público, existência de grupos de estudos das obras de Kardec, palestras públicas sobre o espiritismo, trabalhos mediúnicos restritos aos participantes que demonstrassem seriedade e respeito ao grupo e a não cobrança de mensalidades e anuidades.

Os primeiros centros espíritas fundados no Brasil eram mantidos com as doações espontâneas dos frequentadores. Geralmente aqueles que frequentavam o local faziam as suas

---

<sup>240</sup> História da Federação Espírita Brasileira – FEB. Informações disponíveis em: <<http://www.febnet.org.br/>> Acesso em: 17/05/2016

<sup>241</sup> Sobre Adolfo Bezerra de Menezes – Informação disponível em: <<http://www.febnet.org.br/blog/geral/conheca-a-feb/origens/>> Acesso em: 23/09/2016

doações e mantinham o funcionamento normal do estabelecimento. Em maioria, os centros espíritas eram lugares simples – pequenas salas e salões, onde as reuniões aconteciam. Esta estrutura permanece ainda hoje em muitos centros espíritas. Não são todas as casas espíritas que se alinham às orientações da FEB e cada Centro Espírita possui o seu próprio regimento interno.

Barsanulfo era conhecido na sociedade sacramentana, um homem popular, que foi ridicularizado por alguns e aceito por outros. Em certo momento foi incentivado pelo pai a se candidatar a vereador. Rejeitou a ideia e o pai continuou insistindo até que ele aceitou o desafio de se tornar vereador em Sacramento.<sup>242</sup> Ele foi eleito pelo voto popular em novembro de 1904. Assumiu a gestão de 1905 a 1907 e depois foi reeleito, também pelo voto popular, para a gestão de 1908 a 1911.<sup>243</sup> Barsanulfo não concluiu o segundo mandato, saindo em 1910. “O pedido de afastamento de Eurípedes dos serviços da Câmara deu-se a 23 de setembro de 1910, em decorrência da prorrogação de mandatos pelo Presidente de Minas Gerais, Júlio Bueno Brandão.”.<sup>244</sup>

Tivemos acesso ao livro de atas das reuniões dos vereadores da câmara municipal de Sacramento, com data de dezembro de 1904 a janeiro de 1908.<sup>245</sup> A leitura das atas nos permitiu compreender o cotidiano da cidade de Sacramento no período estudado e as atuações de Barsanulfo como vereador. A experiência política restituiu o status social que Barsanulfo perdera anteriormente. Ele se mantinha espírita, mantinha suas ideologias e crenças e estava inserido na vida política republicana e laica. Como vereador, pôde acompanhar e decidir diversas questões políticas da cidade.

Barsanulfo nunca ocupou a presidência da câmara dos vereadores, cargo de maior destaque na câmara, com poder de encaminhamentos políticos. Ele atuou em diversas comissões de trabalho e também era o secretário da câmara dos vereadores. Como secretário, era o responsável por redigir as atas das reuniões dos vereadores e também acompanhava e participava de todas as decisões políticas.

Barsanulfo foi vereador em um tempo de estruturação da cidade republicana mineira. A cidade deveria se preparar para atender a população e o bem público. As primeiras medidas implementadas em Sacramento no início do século XX, foram: revitalização do matadouro municipal, proibição de criação de porcos dentro do perímetro urbano, aumento de impostos

<sup>242</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987.

<sup>243</sup> Período da atuação de Barsanulfo como vereador em Sacramento. Disponível em: <<http://sacramento.cam.mg.gov.br/ao-encontro-da-mem-ria-de-sacramento>> Acesso em: 01/09/2016

<sup>244</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 170.

<sup>245</sup> O livro pertence ao arquivo público municipal, o qual realizei fotocópia das 195 páginas. Não encontramos às atas de 1909 a 1910, que deveriam estar guardadas no arquivo público municipal de Sacramento.

cobrados das indústrias e dos prestadores de serviços de outras cidades, aumento de impostos cobrados dos exportadores de café, cortes de verbas da educação para cumprir o orçamento exigido pela Comissão de Finanças.<sup>246</sup>

As medidas para a construção da cidade republicana não garantiram a melhoria de vida da população mais pobre, que continuava privada dos seus direitos. Na obra *Diário de Bitita*, Carolina Maria de Jesus relata as condições de vida que ela e a família enfrentavam em Sacramento no início do século XX. A memória da autora permite conhecer as necessidades da população pobre, que era em maioria privada de moradia adequada, saneamento básico, serviços de saúde, educação e segurança.

Os pobres moravam num terreno da Câmara: “O Patrimônio”.

Não tinha água. Mesmo furando um poço eles tinham que andar para carregar água. Nós morávamos num terreno que o vovô comprou do mestre, um professor que tinha uma escola particular. O preço do terreno foi cinquenta mil-réis. O vovô dizia que não queria morrer e deixar seus filhos ao relento.

Nossa casinha era coberta de sapé, as paredes eram de adobe. Todos os anos tínhamos que trocar o capim, porque ele apodrecia, e tínhamos que trocá-lo antes das chuvas. Minha mãe pagava dez mil-réis por uma carroça de capim. O chão não era soalhado, era de terra dura, condensada de tanto pisar.<sup>247</sup>

(...)

O filho do pobre, quando nascia, já estava destinado a trabalhar na enxada. Os filhos dos ricos eram criados nos colégios internos.<sup>248</sup>

Quando havia um conflito, quem ia preso era o negro. E muitas vezes o negro estava apenas olhando. Os soldados não podiam prender os brancos, então prendiam os pretos. Ter uma pele branca era um escudo, um salvo-conduto.<sup>249</sup>

Como vereador, Barsanulfo manifestou preocupação com a escola pública na cidade de Sacramento e foi favorável aos investimentos em educação. Apesar do cargo político, Barsanulfo nunca abandonou as atividades espíritas e manifestou suas ideias publicamente na câmara dos vereadores de Sacramento.<sup>250</sup>

Barsanulfo já era vereador quando fundou o Colégio Allan Kardec, em 1907. O seu antigo colégio, o Liceu Sacramentano, funcionava precariamente em local improvisado e praticamente sem alunos matriculados. Os sócios proprietários haviam abandonado Barsanulfo, pois não aceitavam o ensino do espiritismo. Foi nesse momento que ele apagou o nome Liceu Sacramentano e deu lugar ao novo colégio: O Colégio Allan Kardec, uma nova

<sup>246</sup> Câmara Municipal de Sacramento. **Ata da terceira sessão, da primeira reunião da Câmara Municipal de Sacramento, em 09/01/1905**. Sacramento-MG, 1905. Livro de ata dos vereadores da câmara municipal de Sacramento (1904 a 1908), p. 6 – 8.

<sup>247</sup> JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Sacramento: Editora Bertolucci, 2007, p. 07.

<sup>248</sup> *Ibid.*, p. 49.

<sup>249</sup> *Ibid.*, p. 61.

<sup>250</sup> Câmara Municipal de Sacramento. **Sessão extraordinária da câmara dos vereadores de Sacramento, de 06/05/1906**. Sacramento-MG, 1906. Livro de ata dos vereadores da câmara municipal de Sacramento (1904 a 1908), p. 45 – 50.

instituição, dotada de um novo plano pedagógico. Após inaugurado, o colégio começou a receber gratuitamente os alunos interessados. “Antigos alunos do Liceu Sacramentano reintegram-se ao novo educandário e mais de duas centenas de outros estudantes são encaminhados ao Colégio Allan Kardec.”<sup>251</sup>

A população sacramentana era em maioria conservadora e católica e uma instituição de ensino espírita não foi bem recebida. Oferecer a educação gratuita foi a condição para pôr em ação o plano de ensinar o espiritismo e desenvolver uma educação que transformasse pensamentos e sentimentos. O Colégio Allan Kardec foi estruturado para oferecer toda a educação básica: da alfabetização até a preparação para o ingresso em faculdades, e ainda, o ensino do espiritismo. Era, portanto, um colégio regular confessional espírita.

Com o aumento das matrículas, Barsanulfo decide se mudar da sede alugada para a sua própria casa, que era um prédio grande de dois andares.<sup>252</sup> Nesta casa, em um cômodo escolhido e separado, já aconteciam as atividades do Centro Espírita Esperança e Caridade (o primeiro centro espírita de base teórica kardecista na área urbana de Sacramento, organizado por Barsanulfo).

Quando Barsanulfo fundou o Colégio Allan Kardec, ele já era habilidoso professor e educador e pretendia desenvolver um colégio diferente dos modelos existentes. A pesquisadora Dora Incontri posiciona Eurípedes Barsanulfo na pedagogia espírita e afirma que ele realizou a primeira experiência pedagógica espírita no Brasil, “esta experiência, embora mal documentada, permanece até hoje não superada pela sua originalidade e pela pujança com que se manifestam os elementos mais significativos da Pedagogia Espírita”.<sup>253</sup>

O Colégio Allan Kardec se tornou o tesouro de Barsanulfo – era a instituição de trabalho que ele mais venerava. Ele cuidou e realizou a gestão escolar na instituição e tinha esse trabalho como “sua missão particular”<sup>254</sup>.

Após o desligamento da câmara dos vereadores, em setembro de 1910, Barsanulfo, se dedicou principalmente as atividades do Colégio Allan Kardec e da Farmácia Espírita Esperança e Caridade. Com suas ações, ele se tornou propagador do espiritismo na região central do Brasil. Centenas de pessoas o procuravam. Saíam de diversas cidades em direção a

<sup>251</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 110 e 111.

<sup>252</sup> Localizado na rua Visconde do Rio Branco, número 159; Sacramento-MG. O Colégio Allan Kardec permanece neste endereço.

<sup>253</sup> COLOMBO, Dora Alice (Dora INCONTRI). **Pedagogia Espírita: um projeto brasileiro e suas raízes histórico-filosóficas**. 2001. 338 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo - Feusp, São Paulo, 2001, p. 211.

<sup>254</sup> Ata da Câmara Municipal de Sacramento-MG, livro 18, fl.99, 1910. In.: NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 171.

Sacramento. Chegavam das fazendas da região, de Uberaba-MG, Araxá-MG, Frutal-MG, Ituiutaba-MG, Rio de Janeiro-RJ e São Paulo-SP, muitas vezes em busca de cura para as doenças.<sup>255</sup>

Os jornais da região noticiavam os acontecimentos e a comunidade católica se apresentava insatisfeita com os fatos. Ao longo da sua história, Barsanulfo, foi questionado e confrontado em vários momentos por suas práticas no espiritismo. O questionamento mais polêmico ocorreu em 1913, em praça pública. O padre Feliciano Iague, que chegou de Campinas-SP, a convite dos padres da Igreja Matriz de Sacramento, realizou uma missa e expôs publicamente a sua opinião de que o espiritismo era ateuista e, portanto, não conectado com Deus e que os fenômenos do espiritismo eram diabólicos. E ainda desafiou Barsanulfo a explicar o que era o Espiritismo. Os dois marcaram um debate em praça pública, com data e hora estabelecida.

Na casa do senhor José Afonso de Almeida (presidente da câmara municipal de Sacramento) assinaram um documento manuscrito de confirmação deste acordo, diante da presença de outros homens que foram testemunhas do acordo. O ocorrido permanece nos relatos de memória popular em Sacramento e também é relatado por Corina Novelino, Inácio Ferreira e Jorge Rizzini. As pessoas ainda contam este fato que foi muito comentado na época e assistido por vários presentes. O padre Iague realizou a sua explanação e depois Barsanulfo debateu o que fora dito. No dia seguinte, Barsanulfo, pediu que imprimissem um folhetim, escrito por ele, relatando o acontecido. Este folhetim foi distribuído na cidade e está reproduzido no livro *Eurípedes: o homem e a missão*, da memorialista Corina Novelino<sup>256</sup> e também no livro *Subsídio para a história de Eurípedes Barsanulfo*, de Inácio Ferreira<sup>257</sup> (documento completo em anexo). Esse documento é da autoria de Barsanulfo, um texto debatendo alguns pressupostos do espiritismo, que no Brasil foi implantado com confrontos ideológicos e contestações. Barsanulfo esteve envolvido em alguns debates na defesa do Espiritismo.

No folheto, a primeira questão debatida é sobre o caráter cristão do Espiritismo. Afinal, o Espiritismo de base teórica kardecista é ateuista? Como Barsanulfo afirma a crença do espiritismo em Deus e em Jesus, além da crença nos espíritos e na prática da comunicação com os espíritos, há também a manutenção da tradição cristã.

Outro pressuposto debatido é: Espiritismo é uma religião?

---

<sup>255</sup> FERREIRA, Inácio. **Subsídio para a história de Eurípedes Barsanulfo**. Uberaba-MG: [s.n.], 1962.

<sup>256</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987.

<sup>257</sup> FERREIRA, Inácio. **Subsídio para a história de Eurípedes Barsanulfo**. Uberaba-MG: [s.n.], 1962.

Quando o Espiritismo nasceu na França, no século XIX, houve um esforço para estabelecê-lo no campo da ciência, ao mesmo tempo não negaram o caráter de divindade. Nas comunicações com os espíritos, o diálogo sobre a existência de Deus permeava o panorama principal.<sup>258</sup>

Na Europa e nos Estados Unidos, vários cientistas investigaram e analisaram os fenômenos espíritas (que eram chamados fenômenos sobrenaturais ou paranormais), a fim de explicar cientificamente as causas.<sup>259</sup> Pesquisadores como Michael Faraday<sup>260</sup>, Marie Curie<sup>261</sup> e Pierre Curie<sup>262</sup> estiveram envolvidos com os fenômenos espíritas nos casos das mesas girantes e em atividades com médiuns de efeitos físicos. Faraday realizou pesquisas nos salões franceses com observações e análises das mesas que se movimentavam sozinhas em público, supondo serem atividades realizadas devido aos fluídos eletromagnéticos das pessoas presentes em torno das mesas.<sup>263</sup> Já, Marie Curie e seu marido Pierre Curie observaram e analisaram as atividades da médium Eusapia Palladino, cujo relato está no livro *Marie Curie: uma vida*, da autora Susan Quinn<sup>264</sup>, que fez um resgate biográfico de Marie Curie, tomando como fonte os relatos orais e escritos da família, as cartas, os diários e os livros escritos por Curie.

Pierre Curie escreveu uma carta para o amigo Georges Gouy, relatando a experiência com a médium Palladino. “Tivemos uma série de sessões espíritas, com Eusapia Palladino, na Sociedade de Psicologia.”<sup>265</sup>

Foi muito interessante e, realmente os fenômenos que vimos pareciam inexplicáveis como truques – mesas com as quatro pernas suspensas, movimentos de objetos até certa distância, mãos que beliscam ou acariciam a pessoa, aparições luminosas. Tudo num local preparado por nós, com um pequeno número de espectadores, todos

<sup>258</sup> KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Tradução de Guillon Ribeiro. São Paulo: Liberdade, 2010.

<sup>259</sup> PIMENTEL, Marcelo Gulão. **O método de Allan Kardec para investigação dos fenômenos mediúnicos (1854 – 1869)**. 2014. 156 f. Dissertação (Mestrado em Espiritualidade e Saúde) – Programa de Pós-Graduação em Saúde, Núcleo de Pesquisa em Espiritualidade e Saúde, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

<sup>260</sup> Michael Faraday (1791 – 1867) foi físico e químico; realizou importantes pesquisas no estudo da eletricidade, eletroquímica e magnetismo; foi considerado um dos maiores experimentalistas da história da ciência; contribuiu enormemente para a sociedade industrializada oferecendo importantes trabalhos sobre motores eletromagnéticos, indução eletromagnética, gerador elétrico, transformador elétrico, campos elétricos e magnéticos e eletroquímica. Seus trabalhos ofereceram base para o desenvolvimento de maquinários para a indústria e aparelhos domésticos. Ele recebeu reconhecimento e Diploma Honorário da Universidade de Oxford.

<sup>261</sup> Marie Curie (1867 – 1934). Cientista e pesquisadora; ganhou o prêmio Nobel de Física, em 1903, juntamente com seu marido Pierre Curie e o físico Henri Becquerel; em 1911 ganhou o prêmio Nobel de Química. Desenvolveu pesquisas sobre radioatividade.

<sup>262</sup> Pierre Curie (1859 – 1906). Cientista e pesquisador; ganhou o prêmio Nobel de Física, em 1903. Deixou importantes contribuições no estudo da física moderna e do magnetismo. Realizou pesquisas juntamente com sua esposa Marie Curie, sobre radioatividade.

<sup>263</sup> MAIOR, Marcel Souto. **Kardec: a biografia**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

<sup>264</sup> QUINN, Susan. **Marie Curie: uma vida**. Tradução de Sonia Coutinho. São Paulo: Scipione, 1997.

<sup>265</sup> QUINN, Susan. **Marie Curie: uma vida**. Tradução de Sonia Coutinho. São Paulo: Scipione, 1997, p. 228.



conhecidos nossos e sem qualquer possível cúmplice. O único truque possível é o que poderia resultar de uma extraordinária facilidade da médium como mágica. Mas, como explicar o fenômeno, quando se está segurando as mãos e pés dela e quando a luz é suficiente para se ver tudo que acontece?<sup>266</sup>

As informações sobre o caráter científico do espiritismo chegaram ao Brasil e estão presentes na obra de Allan Kardec, que afirma que os fenômenos espíritas devem passar pelo crivo da razão e serem estudados pela ciência:

A instrução espírita não compreende apenas o ensinamento moral dado pelos Espíritos, mas também o estudo dos fatos; a ela incumbe a teoria de todos os fenômenos, a procura das causas e, como consequência, a constatação do que é possível e do que não o é; em uma palavra, a observação de tudo o que pode fazer avançar a ciência.<sup>267</sup>

Na França, no final do século XIX e início do século XX, se vivenciavam descobertas importantes nas ciências, era o tempo da razão, da lógica, das Sociedades Científicas, do eletromagnetismo, da descoberta de novos elementos químicos, do domínio da eletricidade. Já no Brasil, se vivia o coronelismo, a produção agrícola e pecuária, a baixa escolarização da maioria da população, os preconceitos étnicos, os resquícios da colonização, as culturas regionais banhadas do folclore nacional (Saci Pererê, o boto rosa que se transformava em homem para seduzir as mulheres, a mula sem cabeça).

Brasil e França eram dois mundos culturais diferentes e opostos, mas que interagiram na origem do Espiritismo.<sup>268</sup> Nesta interação, Barsanulfo, que era um homem das letras e conseguia distinguir as características desses dois mundos, afirmava: o Espiritismo é Ciência, Filosofia e Religião. O espiritismo foi reconhecido no Brasil, tendo se firmado principalmente como religião. E agregou pessoas de todos os níveis intelectuais e sociais.

No folheto impresso por Barsanulfo, ele também cita as referências da origem do espiritismo ligado à investigação e ciência francesa do século XIX: “o magnetismo, a hipnose, o sonambulismo, a radioatividade de todos os corpos e de todos os seres”.<sup>269</sup> Para Barsanulfo, os fenômenos espíritas não passavam de fenômenos naturais e pertencentes à natureza. Assim como os átomos têm características específicas da sua natureza própria, os espíritos também; e para compreendê-lo é necessário investigar cientificamente.

As dúvidas e questionamentos sobre o que era o Espiritismo e como eram as atividades dentro de um centro espírita despertavam a curiosidade. Entretanto, muitas pessoas

<sup>266</sup> Ibid., p. 228.

<sup>267</sup> KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiuns**. Tradução de Salvador Gentile. Araras-SP: IDE, 2008, p. 293.

<sup>268</sup> NUNES, Beatriz Helena P. Costa. et al. **Em torno de Rivail: o mundo em que viveu Allan Kardec**. Bragança Paulista-SP: Lachâtre, 2004.

<sup>269</sup> Folheto escrito e impresso por Barsanulfo. Circulou em Sacramento-MG, em 01/11/1913.

se recusavam a conhecer o espiritismo por vários motivos: por medo, por não acreditarem na possibilidade de comunicações com os espíritos, por terem certeza de que tudo era uma fantasia inventada por um grupo, por acreditarem que no espiritismo o diabo se manifestava.

Para Barsanulfo, o espiritismo deveria ser ensinado, principalmente considerando o espiritismo científico. A escola era o lugar adequado para o ensino de todas as ciências. O lugar certo para desmistificar o desconhecido, sanar dúvidas, realizar vivências e experiências. Barsanulfo desenvolveu o Colégio Allan Kardec para ser espaço de ensino de todas as ciências e filosofias e o legitimou para o ensino do espiritismo.

Já as atividades assistenciais, principalmente aquelas relacionadas à saúde, atraíam pessoas de outras concepções religiosas, conforme verificamos no relato oferecido ao jornalista Jorge Rizzini sobre o atendimento de Adevita Goulart (pessoa que não compartilhava das crenças e pressupostos espíritas):

Adevita Goulart, a jovem esposa do senhor Odorico Tormin, era muito rica e, pois, respeitadíssima na sociedade sacramentana. Católica intransigente, não suportava, sequer, ouvir o nome de Eurípedes Barsanulfo... Mas, ficou grávida e a posição da criança pôs em perigo sua vida. O parto era difícilimo e os médicos achavam que a mãe ou a criança morreria.

- Creio que devemos consultar o Eurípedes, disse a mãe de Adevita. Ele fez muitos partos complicados e nenhuma mulher morreu em suas mãos. Você mesma, quando menina, teve tifo e foi desenganada, pelos médicos. Quem a salvou foi o Eurípedes!

- É verdade, mas a cidade sabe que sou inimiga das ideias religiosas dele. Seria vergonhoso procura-lo... E ele poderia recusar-se a fazer o parto...

- Pois eu o procurei.

O momento era oportuno. Eurípedes Barsanulfo passava pela calçada e a mãe de Adevita foi ao seu encalço e expôs a situação.

- Ela e o bebê correm perigo! Pelo amor de Deus, Eurípedes! Salve, pelo menos, minha filha Adevita! Não deixe que ela morra!

- Não ela, apenas; o bebê será salvo, também! Disse o médium, carinhosamente. Tenhamos fé em Jesus!

Dias depois, a senhora Adevita e o senhor Odorico embalavam o menino Odon Tormin, que viria a tornar-se um dos mais ilustres médicos de Uberaba.<sup>270</sup>

Barsanulfo continuou enfrentando confrontos ideológicos. Além do embate em praça pública com o padre Feliciano Iague, também houve outros enfrentamentos. A comunidade católica da cidade de Uberaba apresentou artigos polêmicos que foram publicados no jornal *Lavoura e Comércio*, entre eles, está o *Boletim do Circulo Católico de Uberaba*, publicado em 07/10/1917, que apresentamos na íntegra:

No Rio de Janeiro, o Supremo Tribunal condena o Espiritismo como contrário às leis do País e nega aos espíritas toda e qualquer garantia para celebração das suas sessões, por serem essas sessões um atentado contra a constituição.

<sup>270</sup> RIZZINI, Jorge. **Eurípedes Barsanulfo: o apóstolo da caridade**. 2. ed. São Bernardo do Campo-SP: Edições Correio Fraterno, 1979, p. 78 e 79.

Como se compreende, então, que, nesta cidade de Uberaba, a polícia permitia que os espíritistas levantem um templo?

Como se compreende que o Governo do Estado, no mais incrível dos descuidos, consinta que o senhor Eurípedes Barsanulfo mantenha na vizinha cidade de Sacramento uma clínica espírita e um colégio espírita – a famosa escola Allan Kardec?

As leis de Minas serão diferentes das que regem as decisões do Supremo Tribunal?

O nobre povo de Sacramento é talvez do Estado de Minas o que mais sofre com o Espiritismo. A cidade está invadida de tuberculosos, morféuticos, loucos e outros doentes repugnantes, que vão se tratar com o senhor Barsanulfo.

Este reúne tais enfermos afetados de moléstias contagiosas no salão da Escola Allan Kardec, onde inúmeras crianças se reúnem também, com o risco de receberem, no organismo tenro, horripilantes afecções. E o nosso governo conhece tudo isto e permite semelhante anomalia! Digo que conhece, porque o governo tem um inspetor ambulante e este, com certeza, deve ter levado ao conhecimento das autoridades competentes a existência dessa escola, que é um antro diabólico no qual se atiram as inocentes criancinhas inexperientes e indefesas, inoculando-se-lhes no espírito teorias errôneas, uma seita ante-social e maldita e o que é mais grave – uma seita condenada pelas leis do país!

Nós levamos esses fatos ao conhecimento do senhor Delfin Moreira, Presidente do Estado, e pedimos para êle urgentes providências, fazendo-lhe a seguinte ponderação: V. Exa. permitiria que seus queridos filhinhos fôssem educados segundo as teorias espíritas?

De certo que não.

V. Exa. permitiria que, na escola onde estão sendo educados seus filhos, se reunissem também doentes afetados de moléstias contagiosas e repelentes?

De certo que não.

Como, pois, V. Exa., não permitindo tais deslates para sua família própria, permiti-los-á para a grande família mineira de que V. Ex. é também pai, devido ao elevado cargo que ocupa, de vigia e sentinela da nossa prosperidade moral e material?

Sr. Presidente, V. Exa. é responsável perante Deus pelo que passa na cidade de Sacramento onde um doido que já quis espancar o pai, dirige uma clínica e uma farmácia que não paga direito ao Estado e dirige um colégio, frequentado por mais de 80 alunos de ambos os sexos!

Faça cessar essas anomalias, afaste, com sua mão protetora dos mineiros, dezenas de crianças que se destinam aos manicômios, nessa idade florida em que o amor desabrocha como uma flor.

Reside na cidade de Sacramento um deputado estadual, homem de bem, cidadão honesto e honrado, pai de família. Interrogue êsse representante do povo e nós estamos certos de que, católicos com é, temerá a Deus e não enganará V. Exa. com relação aos fatos gravíssimos que ora denunciemos.<sup>271</sup>

O artigo acima foi uma denúncia contra as atividades de Barsanulfo e um apelo ao governador do estado mineiro, Delfin Moreira<sup>272</sup>, que providenciasse o fim daquelas ações desenvolvidas no campo da religião, da saúde e da educação. Depois dessa denúncia, Barsanulfo foi imputado em processo judicial.<sup>273</sup>

A prática da homeopatia, do espiritismo e do curandeirismo era considerada crime no Brasil de acordo com o código penal brasileiro de 1890, nos seguintes termos:

<sup>271</sup> FERREIRA, Inácio. **Subsídio para a história de Eurípedes Barsanulfo**. Uberaba-MG: [s.n.], 1962, p. 39, 40 e 41.

<sup>272</sup> Delfim Moreira da Costa Ribeiro foi governador do estado de Minas Gerais, entre 1914 a 1918.

<sup>273</sup> A cópia do processo está disponível no livro FERREIRA, Inácio. **Subsídio para a história de Eurípedes Barsanulfo**. Uberaba-MG: [s.n.], 1962, p. 93 a 110.

**Art. 156.** Exercer a medicina em qualquer dos seus ramos, a arte dentaria ou a pharmacia; praticar a homeopathia, a dosimetria, o hypnotismo ou magnetismo animal, sem estar habilitado segundo as leis e regulamentos:

Paragrapho unico. Pelos abusos commettidos no exercicio ilegal da medicina em geral, os seus autores soffrerão, além das penas estabelecidas, as que forem impostas aos crimes a que derem causa.

**Art. 157.** Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilegios, usar de talismans e cartomancias para despertar sentimentos de odio ou amor, inculcar cura de molestias curaveis ou incuraveis, emfim, para fascinar e subjugar a credulidade publica:

§ 1º Si por influencia, ou em consequencia de qualquer destes meios, resultar ao paciente privação, ou alteração temporaria ou permanente, das faculdades psychicas:

§ 2º Em igual pena, e mais na de privação do exercicio da profissão por tempo igual ao da condemnação, incorrerá o medico que directamente praticar qualquer dos actos acima referidos, ou assumir a responsabilidade delles.

**Art. 158.** Ministrarr, ou simplesmente prescrever, como meio curativo para uso interno ou externo, e sob qualquer fórmula preparada, substancia de qualquer dos reinos da natureza, fazendo, ou exercendo assim, o officio do denominado curandeiro:

Paragrapho unico. Si o emprego de qualquer substancia resultar á pessoa privação, ou alteração temporaria ou permanente de suas faculdades psychicas ou funções physiologicas, deformidade, ou inhabilitação do exercicio de órgão ou aparelho organico, ou, em summa, alguma enfermidade.<sup>274</sup>

Após a denúncia publicada pelo Círculo Católico de Uberaba, no jornal Lavoura e Comércio, as autoridades judiciais moveram o processo para a investigação das atividades realizadas por Barsanulfo, que foi chamado a depor. No depoimento ele afirmou:

Respondeu que nunca exerceu a medicina e nem exerce e sim a mediunidade receitista por intermedio da qual prescreve o espirito de Adolpho Bezerra de Menezes, medicamentos a quantos necessitarem e procurem; os quais são gratuitamente e sem a mínima remuneração, nem pedidos ou exigências de gratificações, prodigalizados a todos; para aviamentos das suas receitas, tendo adquirido e adquirindo para seu uso drogas, empregas ao aviamento de outras receitas destinadas a outros enfermos; que acompanha o espirito do A. Bezerra de Menezes nas operações que tem procedido conforme suas indicações em tudo por tudo não agindo por si mesmo senão que age como médium; que tem vários enfermos a procura da sua mediunidade, para a recepção de socorros à sua saúde.<sup>275</sup>

Barsanulfo afirmou a prática no espiritismo através da mediunidade. E todas as testemunhas ouvidas no processo relataram que ele realizava as suas atividades gratuitamente e com o auxílio dos espíritos e que ele era um médium.

Além do código penal brasileiro de 1890, os juízes precisavam considerar prioritariamente a Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 1891, que considerava a liberdade de expressão religiosa no artigo 72, § 3º: “Todos os indivíduos e

<sup>274</sup> Brasil. Código Penal dos Estados Unidos do Brazil. Decreto 847, de 11 de Outubro de 1890. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049>> Acesso em: 23/09/2016

<sup>275</sup> FERREIRA, Inácio. **Subsídio para a história de Euripedes Barsanulfo**. Uberaba-MG: [s.n.], 1962, p. 99.

confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum.”.<sup>276</sup>

Quando a comunidade espírita tomou conhecimento do processo movido contra Barsanulfo começaram as manifestações a seu favor. No *Jornal do Triângulo* vários artigos em defesa de Barsanulfo foram publicados. O *Jornal do Triângulo*, “de propriedade do senhor João Modesto dos Santos, que punha as colunas do mesmo à disposição de todos os seus colaboradores, enfrentando tôda e qualquer consequência.”.<sup>277</sup>

Enquanto o jornal *Lavoura e Comércio* se posicionava a favor do Círculo Católico, publicando as denúncias contra Barsanulfo e contra o Espiritismo, o *Jornal do Triângulo* se posicionava na direção oposta, em defesa de Barsanulfo e do Espiritismo.

Vários estudantes do Colégio Allan Kardec publicaram artigos em jornais da região em defesa do professor Barsanulfo. Das cidades de Franca-SP, Araguari-MG, Ituiutaba-MG, Monte Santo-MG, Frutal-MG, Barretos-SP e Ouro Fino-MG chegavam listas de abaixo assinado em favor de Barsanulfo. O principal argumento apresentado na defesa era o seguinte: “O senhor Eurípedes Barsanulfo nunca pretendeu ser médico ou fazer uso dessa profissão (...). Tudo quando ele faz é pela mediunidade e sem remuneração.”.<sup>278</sup>

Milhares de pessoas já haviam sido atendidas por Barsanulfo: alguns usaram os remédios oferecidos na farmácia Esperança e Caridade, outros receberam preces e palavras de consolo, mulheres foram atendidas durante o parto, crianças eram levadas pelos familiares para tratamentos diversos, homens feridos foram acolhidos e receberam curativos, até pequenas cirurgias foram realizadas. Ele era conhecido na comunidade espírita e também era procurado por pessoas de outras religiões.

Entretanto, diante dos depoimentos, os juízes que acompanharam o processo interpretaram que as atividades de Barsanulfo eram configuradas como uma prática religiosa. Assim, o processo “foi prescrito por falta de pronúncia no dia 9 de maio de 1918.”.<sup>279</sup> Os apoiadores de Barsanulfo comemoraram e fizeram um enterro simulando o fim do processo.<sup>280</sup>

Barsanulfo continuou normalmente as suas atividades como diretor e professor no Colégio Allan Kardec, coordenando e trabalhando na farmácia Esperança e Caridade,

---

<sup>276</sup> Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, 1891.

Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao91.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm)>

<sup>277</sup> FERREIRA, Inácio. **Subsídio para a história de Eurípedes Barsanulfo**. Uberaba-MG: [s.n.], 1962, p. 42 e 43.

<sup>278</sup> Ibid., p. 59.

<sup>279</sup> FERREIRA, Inácio. **Subsídio para a história de Eurípedes Barsanulfo**. Uberaba-MG: [s.n.], 1962, p. 111.

<sup>280</sup> Ibid., p. 111.

atendendo todos os doentes que o procuravam e ainda continuou auxiliando o seu pai e seus familiares na contabilidade das duas casas comerciais que possuíam. Sua rotina diária era intensa.

Até que, em 1918, uma influenza abateu muitos moradores de Sacramento e região, conhecida como gripe espanhola, já havia deixado milhares de mortos pelo mundo chegando também no Brasil. Vários moradores de Sacramento adquiriram o vírus e manifestaram os sintomas da gripe. Alguns rapidamente morreram. Barsanulfo manipulou muitos frascos de medicamento no combate dessa gripe e distribuiu para todos que desejavam, até que ele mesmo ficou doente.

No dia 22 de outubro, de 1918, Barsanulfo já estava febril. A febre permanecia. Seus últimos dias de vida foram relatados por seus familiares e amigos:

No começo da epidemia, Eurípedes fechara, temporariamente, as portas do Colégio, em virtude do grande número de alunos tombados com o flagelo.

A medida se impunha, dada a espantosa facilidade com que a enfermidade avassalava a região.

No correr de três dias, vitimado pela febre, Eurípedes ia e vinha de uma casa a outra, atendendo a chamados aflitivos.

Ao meio dia de 23 de outubro, Eurípedes pronunciou a última oração fúnebre, no enterramento da senhora Mirena Bárbara, esposa do senhor Francisco Bárbara.

Falou como nunca das belezas da imortalidade e da sobrevivência da alma, despertando em todos os espíritos as emoções mais vivas.

Em casa, todos lhe notaram o abatimento. Suas faces haviam tomado uma cor violácea tal a violência da febre, naquelas alturas atingindo 40 graus. Dos olhos corriam-lhe lágrimas sob a ardência da febre.

Já o aguardava alentado volume de pedidos. Lá fora uma multidão o esperava. Num esforço heroico, que somente o amor justifica, foi atender aos corações aflitos.

A secretária ao ver-lhe o estado febril aconselhou-o a tomar um banho de imersão.

- Não posso, dona Amália, os enfermos não podem esperar.

- Mas, o senhor precisa desse banho para acalmar a febre, já que não quer acalmar-se.

Após os radicais recursos de persuasão de dona Amália, quebrou-se a resistência de Eurípedes.

Tomou o banho, previamente preparado pela cozinheira Maria Joaquina.

Depois do banho, encaminhou-se ao seu quarto para pentear-se e retomar as tarefas interrompidas.

Achava-se ainda mais profundamente abatido.

A secretária corre em busca da mãe do enfermo e lhe aconselha providências imediatas, no sentido de levar o filho para a cama.

Dona Meca, que também se achava acamada, vai ao encontro do filho. Insiste para conduzi-lo ao leito. Ele reluta.

- Não posso me deitar, deixando tantos doentes à míngua de recursos...

A velha mãe, resoluta, dirige-se á secretária:

- Amália, abra o cortinado da cama de Eurípedes... Assim.

Depois ao filho:

- Sente-se, filho, aí na cama e descanse um pouco.

Eurípedes obedece, relutante.

Auxiliado pela mãe e pela secretária, deita-se para não mais se levantar.<sup>281</sup>

<sup>281</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 228 e 229.

Eurípedes Barsanulfo morreu no dia 1º de novembro, de 1918, rodeado de parentes e dos amigos mais íntimos. Os jornais da região noticiaram o falecimento. Muitas pessoas se reuniram no seu velório e enterro. Os estudantes mais ligados a Barsanulfo, no Colégio Allan Kardec, ficaram desconsolados.

O trabalho iniciado por Barsanulfo no campo do Espiritismo teve continuidade após a sua morte, chegando até os dias atuais. Admiradores, amigos, familiares e ex-alunos deram continuidade às atividades de saúde e educação ligadas ao Espiritismo. Em Sacramento-MG, na região do Triângulo Mineiro e na região central do Brasil estão seguidores de Barsanulfo que fundaram novos centros espíritas, outros mantiveram a prática da homeopatia e da fitoterapia e outros fundaram novas escolas espíritas.

### CAPÍTULO 3 - Colégio Allan Kardec: ideias pedagógicas e práticas educativas

*Por ideias educacionais entendo as ideias referidas à educação, quer sejam elas decorrentes da análise do fenômeno educativo visando a explicá-lo, quer sejam elas derivadas de determinada concepção de homem, mundo ou sociedade sob cuja luz se interpreta o fenômeno educativo.*

Dermeval Saviani

O Colégio Allan Kardec foi fundado por Eurípedes Barsanulfo, em 1907. A proposta era criar uma instituição de ensino com novo conceito pedagógico. O colégio atendia gratuitamente meninos e meninas, da alfabetização até a preparação para o ingresso em faculdades. Era um colégio regular espírita, o primeiro colégio espírita do Brasil.<sup>282</sup> A estrutura pedagógica se pautava no afeto. Para Barsanulfo, a educação era transformadora, capaz de modificar pensamentos e sentimentos.<sup>283</sup>

O que se sabe sobre o Colégio Allan Kardec está nos documentos de memória. Principalmente nos relatos dos antigos estudantes que estiveram matriculados na instituição. A memorialista, Corina Novelino (1912 – 1980), que tinha apenas 6 anos de idade quando Barsanulfo morreu, ouviu muitos relatos sobre o colégio e deixou os escritos que tomamos como fonte.

Tomás Novelino (primo de Corina Novelino) estudou no Colégio Allan Kardec e ao longo da vida deixou muitos relatos da experiência de ensino na instituição. Ele deixou inclusive artigos publicados e entrevistas gravadas. Tomás Novelino passou alguns anos escolares no Colégio Allan Kardec e ingressou na faculdade de medicina, no Rio de Janeiro, logo após a morte de Barsanulfo.

Jerônimo Cândido Gomide também estudou no Colégio Allan Kardec. Após a morte de Barsanulfo, Jerônimo Gomide foi para Goiás, onde o pai tinha terras e produção rural. Ele

---

<sup>282</sup> INCONTRI, Dora. **Pedagogia Espírita**: um projeto brasileiro e suas raízes. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2012.

<sup>283</sup> Relato oral apresentado nos encontros espíritas que ocorrem regularmente em Sacramento-MG, coordenados pela equipe do Centro Espírita Esperança e Caridade.



se tornou um propagador do espiritismo na cidade de Palmelo-GO, fundou um centro espírita e uma escola espírita seguindo o modelo que conhecera em Sacramento-MG.<sup>284</sup>

Antenor Germano foi estudante e professor no Colégio Allan Kardec. No ano de 1918, ele escreveu um manuscrito sobre a experiência vivenciada no colégio. Esse manuscrito ficou guardado durante anos e foi doado ao pesquisador Alessandro Cesar Bigheto, que o utilizou em trabalho de mestrado acadêmico.<sup>285</sup>

O jornalista Jorge Rizzini entrevistou alguns estudantes do Colégio Allan Kardec e que tiveram aulas com Barsanulfo.<sup>286</sup> Ele encontrou antigos estudantes, já idosos, morando nas cidades de Uberaba, Rio de Janeiro e São Paulo. Os entrevistados não estão mais vivos e os relatos serviram para a produção do livro *Eurípedes Barsanulfo: o apóstolo da caridade*<sup>287</sup>, que também tomamos como fonte da memória.

Os relatos dos antigos estudantes do Colégio Allan Kardec possibilitaram conhecer e compreender a instituição: como funcionava e como era a prática pedagógica. Selecionamos as memórias dos estudantes no período de 1907 a 1918, embora tenha se mantido o funcionamento do Colégio Allan Kardec nos anos posteriores. Barsanulfo, idealizador do colégio, morreu em 1918. No período em que ele esteve vivo foi mantida uma estrutura pedagógica específica e após a sua morte essa estrutura foi modificada gradativamente.

O Colégio Allan Kardec e as práticas de Barsanulfo são apresentadas nas fontes como vanguardistas - à frente do seu tempo. Vale perguntar: existe algo ou alguém à frente do seu tempo? Hegel afirma que “ninguém fica atrás, ninguém pode passar à frente dela [de sua época]. Este ser espiritual (o espírito de seu tempo) é dela – ele é um de seus representantes – e é de onde ele vem e onde ele permanece”.<sup>288</sup>

Algumas práticas do Colégio Allan Kardec foram marcantes à época e definiram a sua identidade. O colégio se destacou principalmente por oferecer o ensino pautado no afeto, em

<sup>284</sup> MORATO, Agnelo. **De Sacramento a Palmelo**. São Bernardo do Campo: Correio Fraternal, 1989.

<sup>285</sup> BIGHETO, Alessandro César. **Eurípedes Barsanulfo, um educador espírita na Primeira República**. 2006. 198 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

<sup>286</sup> Os ex-alunos entrevistados pelo jornalista Jorge Rizzini foram: Adelino Ferreira; Odilon José Ferreira; Genny Novelino Fernandes; Antenor Germano da Silva; Zenon Zoroastro Borges; Angelo Ribas Sobrinho; Margarida Borges; Manoel Borges; Zófimo Borges; José Vieira; José Silveira; Maria de Lourdes Silveira; Jerônimo Cândido Gomide.

<sup>287</sup> RIZZINI, Jorge. **Eurípedes Barsanulfo: o apóstolo da caridade**. São Bernardo do Campo: Correio Fraternal, 1979.

<sup>288</sup> HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich, 1770-1831. **A Razão na história: uma introdução geral à filosofia da História**. 2.ed. São Paulo: Centauro, 2001, p. 103.

um momento histórico em que a palmatória era instrumento de ensino aplicado aos indisciplinados e aos que não aprendiam.<sup>289</sup>

Outro diferencial foi proporcionar o espaço de ensino para meninos e meninas. O comum eram instituições de ensino para meninos separadas das para meninas. Não se permitia a convivência das crianças e jovens do mesmo sexo no ambiente escolar.

Além disso, foi o primeiro colégio espírita do Brasil. Muitos outros colégios eram de educação católica. Os colégios laicos começavam a surgir, mas ainda influenciados pela cultura escolar católica.

E ainda, era oferecido o ensino gratuito aos estudantes matriculados. A instituição era mantida com a contribuição e doação dos colaboradores espíritas, o empresário Frederico Peiró foi um dos colaboradores financeiros do colégio. “Eurípedes ficara altamente sensibilizado com o novo testemunho de solidariedade dos amigos.”.<sup>290</sup>

O material pedagógico utilizado no colégio frequentemente eram os elementos da natureza: as plantas, os animais, os insetos, os campos, os rios. Os professores eram pessoas da comunidade sacramentana, orientados por Barsanulfo. Os alunos também contribuíam com o colégio como estagiários, responsáveis por manter a ordem e o funcionamento do local.

É principalmente por essas características que as fontes apresentam o Colégio Allan Kardec como uma instituição de vanguarda. O pesquisador Alessandro Bigheto também considera o educador Barsanulfo e o Colégio Allan Kardec vanguardistas nos seguintes aspectos:

Pode-se dizer, com base em indícios documentais, que o colégio funcionava em forma de cooperativa entre os professores (...). Eurípedes segue uma outra linha de procedimentos, a ordem e a disciplina não eram condições essenciais no cotidiano do seu colégio. As relações entre Eurípedes, os professores e os alunos não eram tão rígidas e hierarquizadas. Entre comentários de professores e relatos de alunos pode-se entrever que Eurípedes queria construir uma escola com mais liberdade, autonomia, diálogo e afeto. Nesse sentido os alunos e os professores não eram observados e vigiados sem cessar. Nunca assumiu o papel de fiscalizador e de controlador. Eurípedes era o diretor do colégio, mas não encontramos nenhum relato que mostre Eurípedes como um diretor autoritário, ao contrário, os testemunhos apresentam o colégio com clima mais igualitário e menos hierárquico. Há evidências documentais de que todos os professores eram amigos pessoais de Eurípedes. Ele encontrava a solução para as tensões, críticas, discordâncias e conflitos no diálogo franco e aberto.<sup>291</sup>

<sup>289</sup> LEMOS, Daniel Cavalcanti de Albuquerque. Os cinco olhos do diabo: os castigos corporais nas escolas do século XIX. *Educ. Real.*, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 627-646, maio/ago. 2012.

Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade)> Acesso em 21/06/2016

<sup>290</sup> NOVELINO, Corina. *Eurípedes: o Homem e a Missão*. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 117.

<sup>291</sup> BIGHETO, Alessandro Cesar. *Eurípedes Barsanulfo: um educador de vanguarda na Primeira República*. Bragança Paulista-SP: Editora Comenius, 2007, p. 161 e 162.

No início do século XX, essas características escolares não eram comuns. A educação pautada no afeto percorria todo o projeto pedagógico do Colégio Allan Kardec, passando pelo diretor, professores, colaboradores, estudantes e familiares dos estudantes. Não se admitia a educação baseada na violência, nas relações de troca, na premiação e na competição.<sup>292</sup>

O Colégio Allan Kardec contava com o trabalho voluntário de muitas pessoas. Professores e estudantes se revezavam para garantir a organização da instituição. Os professores se comprometiam principalmente com as atividades de ensino e os estudantes, além de frequentarem as aulas e atividades para o aprendizado, também se comprometiam como voluntários para oferecer assistência no que fosse possível: nas atividades de limpeza, na organização de materiais utilizados no colégio, na colaboração para a organização das festividades, no auxílio aos visitantes que chegavam, no auxílio aos doentes que ficavam internados no colégio.

Junto ao Colégio Allan Kardec também funcionava o Centro Espírita Esperança e Caridade. As atividades do centro espírita aconteciam em salas específicas. Entretanto, o cotidiano do colégio e do centro espírita se entrelaçavam. Os estudantes podiam observar e até participar das atividades do centro espírita, assim como os visitantes do centro espírita observavam e acompanhavam as atividades do colégio, com uma organização previamente estabelecida.

Barsanulfo participou de uma rede de solidariedade que fortaleceu o movimento espírita no Triângulo Mineiro. Ele se posicionou como uma das lideranças do movimento espírita, uma liderança carismática que atraía centenas de pessoas que chegavam em busca de tratamento de saúde ou interessados na “famosa escola Allan Kardec”<sup>293</sup>.

Doentes obsediados eram levados para o Centro Espírita Esperança e Caridade para serem tratados. Para os espíritas, os obsediados são pessoas perturbadas por espíritos. Segundo Kardec, “obsessão, quer dizer, o império que alguns Espíritos sabem tomar sobre certas pessoas.”.<sup>294</sup> Os obsediados eram levados pelos familiares e geralmente chegavam confusos, nervosos e/ou violentos, de acordo com a perturbação psíquico mental em que se encontravam. Os primeiros estudos científicos em psicologia e psiquiatria começavam a ser realizados nas faculdades de medicina do Rio de Janeiro e da Bahia<sup>295</sup> e os tratamentos especializados estavam longe do cotidiano da maioria da população. Muitos casos de

<sup>292</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes: o Homem e a Missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987.

<sup>293</sup> Boletim do Círculo Católico de Uberaba. **Lavoura e Comércio**, 07/10/1917.

<sup>294</sup> KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiuns**. 85. ed. Tradução de Salvador Gentile. Araras-SP: IDE, 2008, p.208.

<sup>295</sup> SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**. 30 (núm. esp.), 8-41, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v30nspe/v30speca02.pdf>> Acesso em: 11/01/2017

“loucura” foram tratados no campo espírita<sup>296</sup> e a comunidade do Colégio Allan Kardec acompanhou esse fenômeno.

Portanto, o Colégio Allan Kardec funcionou no mesmo prédio onde estava o Centro Espírita Esperança e Caridade e dentre as atividades realizadas neste centro espírita estava o tratamento aos obsediados. As pessoas em desequilíbrio psicológico grave eram consideradas obsediadas, algumas chegavam amarradas. O tratamento aos doentes consistia em conversas e orações. Os ativistas do grupo espírita, junto com Barsanulfo, realizavam o atendimento. Alguns doentes ficavam internados durante dias naquele espaço físico e, quando melhoravam, eram liberados para caminhar no pátio do colégio e interagir com os estudantes e professores. Quando o doente ficava na condição de internado, até se recuperar, era preciso que a família garantisse alimentos, roupas limpas e artigos de primeira necessidade para o bem-estar do paciente. Os atendimentos aconteciam de acordo com a capacidade de acolhimento, respeitando os limites físicos do prédio e a disposição de pessoal para recebê-los.

A narrativa de Corina Novelino sobre os tratamentos aos obsediados e o Colégio Allan Kardec, afirma:

Nessa época, Eurípedes recebia obsediados para tratamento, dando-lhes ali carinhosa e benéfica assistência e hospitalidade. Os alunos eram designados para a vigilância a esses enfermos. Alternava-se os discípulos no exercício de enfermeiros improvisados. De tal forma se habituaram àquela tarefa, que o fato corria-lhes à conta de rotineiro e natural. Os obsediados furiosos eram fechados na cozinha, improvisada em cela. Postavam-se à porta um ou mais rapazes, em sentinela. Os doentes melhorados viviam entre os alunos do Colégio, quer no recreio ou nos horários de aula na sala.<sup>297</sup>

O espiritismo e suas práticas foram inseridos no cotidiano do colégio. O que antes era estranhamento começava a se naturalizar. Os estudantes participavam e aprendiam as crenças e práticas espíritas.

As pessoas que não aceitavam de maneira alguma as crenças e práticas espíritas, não matriculavam seus filhos e parentes neste colégio. Já aqueles que concordavam, viam o colégio como uma oportunidade. E ainda havia pessoas que matriculavam seus filhos e filhas no colégio Allan Kardec simplesmente por não terem outra opção, diante da deficiência de vagas gratuitas nas instituições públicas e sem condições de pagar altos valores no ensino privado.

<sup>296</sup> ALMEIDA, Angélica Aparecida Silva de. **Uma fábrica de loucos: psiquiatria x espiritismo no Brasil (1900-1950)**. (Doutorado História. UNICAMP) Campinas, SP : [s. n.], 2007.

<sup>297</sup> Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 111.

Para Barsanulfo, o espiritismo era ciência, filosofia e religião<sup>298</sup> e as instituições de ensino eram lugares apropriados para a aprendizagem das ciências e da filosofia. E por que não ensinar também o espiritismo e a caridade? Nada mais apropriado ensinar todo esse conjunto no Colégio Allan Kardec. Para o seu fundador, o espiritismo não era somente uma religião, era uma experiência que vivia e ensinava. O espiritismo, embora estivesse em seu início histórico no Brasil, já havia consolidado o seu corpo teórico e metodológico com a obra de Allan Kardec, autor que Barsanulfo já conhecia através da leitura dos principais livros publicados. O ensino do espiritismo, portanto, era baseado principalmente nos livros de Kardec e na prática vivenciada.

O espiritismo era ensinado aos estudantes e à comunidade externa do colégio. As aulas aconteciam toda semana, as quartas-feiras, em horário regular.

As quartas-feiras eram consagradas inteiramente ao estudo de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec. Assistiam a essas aulas os alunos do Colégio e numerosos visitantes. O início das aulas dava-se às 12 e meia horas, prolongando-se até quinze horas (...)<sup>299</sup>

O ensino do espiritismo dentro de uma instituição escolar regular foi a novidade vivenciada no Brasil. O espiritismo, que era considerado por muitos como uma atividade demoníaca e que adentrava o imaginário religioso, começou a ser ensinado como ciência e filosofia, passando a se firmar como um conhecimento lógico e racional para algumas pessoas. Era um conhecimento transmitido e explicado com exemplos vivenciados e embasados em um corpo teórico. Mas, os exemplos vivenciados e o corpo teórico espírita eram de uma consistência forte ou frágil para classificar o espiritismo como ciência e filosofia? Para responder a esta questão é necessário o desenvolvimento de outras pesquisas históricas, com análises dos casos espíritas e do corpo teórico que o envolve; por enquanto não vamos nos atentar com profundidade a essas questões, mas vale ressaltar o trabalho do pesquisador Marcelo Gulão Pimentel,<sup>300</sup> que analisou os métodos de investigação de Allan Kardec sobre os fenômenos mediúnicos e a produção da sua obra espírita.

---

<sup>298</sup> Afirmação presente no folheto: BARSANULPHO, Eurípedes. **Accordo e synthese**: da polêmica religiosa catholico-espirita, havida em Sacramento, em 28 de outubro de 1913, entre padre Feliciano Iague e Eurípedes Barsanulpho. In.: NOVELINO, Corina. **Eurípedes**: o Homem e a Missão. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987./In.: FERREIRA, Inácio. **Subsídio para a história de Eurípedes Barsanulfo**. Uberaba-MG: [s.n.], 1962.

<sup>299</sup> Corina. **Eurípedes Barsanulfo**: o homem e a missão. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 123.

<sup>300</sup> PIMENTEL, Marcelo Gulão. **O método de Allan Kardec para investigação dos fenômenos mediúnicos (1854 – 1869)**. 2014. 156 f. Dissertação (Mestrado em Espiritualidade e Saúde) – Programa de Pós-Graduação em Saúde, Núcleo de Pesquisa em Espiritualidade e Saúde, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

Além do estudo do espiritismo, o Colégio Allan Kardec oferecia três cursos regulares de formação básica: o curso elementar, médio e superior. “Iniciava-se o Curso Elementar com a aprendizagem da leitura e das quatro operações fundamentais da aritmética.”.<sup>301</sup> Após a alfabetização, passava-se ao estudo da “Aritmética Prática e Teórica, Morfologia da Língua Portuguesa, História do Brasil e Geografia do Brasil”<sup>302</sup>. Após concluir este programa, o estudante passava para o curso médio.

Para avançar de uma etapa a outra (do curso elementar para o curso médio e deste para o curso superior) era preciso que o estudante se empenhasse. Alguns estudantes avançavam de uma etapa a outra rapidamente, outros demoravam mais. Não havia um tempo determinado para a conclusão dos cursos. Os estudantes eram avaliados ao longo do ano letivo e no final, já no mês de novembro, por meio de uma avaliação oral pública referente ao conteúdo estudado durante todo o ano.

Já no curso médio, os estudantes ampliavam o conhecimento com os seguintes componentes curriculares: “Aritmética e Geometria, História do Brasil e Universal, Geografia Geral, Noções de Vida Prática, Ciências Naturais e Gramática Portuguesa (morfologia e sintaxe).”.<sup>303</sup> Em “Noções de Vida Prática”, os estudantes eram motivados à compreensão do conhecimento escolar ligado ao cotidiano: o uso da matemática na vida cotidiana, a linguagem no cotidiano, o conhecimento em ciências e aplicações cotidianas.

No curso superior, os estudantes já possuíam bastante conhecimento, o currículo anterior permanecia e ainda era acrescido de Francês, Física e Química. Estudantes do Colégio Allan Kardec, após terminarem a educação básica, conseguiam se classificar em curso de medicina, no Rio de Janeiro. Isto serve de parâmetro para analisarmos a qualidade do ensino oferecido.

Os três cursos eram oferecidos simultaneamente em um único salão. Os estudantes ficavam organizados em grupos. Em cada grupo havia um professor responsável pelo processo de ensino e aprendizagem. Desta forma, havia um grupo de estudantes no nível elementar, outro grupo no nível médio e finalmente um grupo no nível superior, de forma que os estudantes ficavam separados de acordo com o nível de aprendizagem. A idade biológica não definia os agrupamentos. Não havia paredes separando os grupos, as divisórias eram imaginárias. O professor ensinava todos os estudantes do grupo simultaneamente, ou seja, o professor/a transmitia as informações e as lições para todos os estudantes do grupo. Os

---

<sup>301</sup> Corina. **Eurípedes Barsanulfo**: o homem e a missão. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 128.

<sup>302</sup> Ibid., p. 128.

<sup>303</sup> Ibid., p. 128.

estudantes, por sua vez, precisavam estar atentos para compreender o que era ensinado. Essa prática ficou conhecida como método de ensino simultâneo.

O método de ensino simultâneo começou a ser utilizado no Brasil em oposição ao método de ensino individual e ao método de ensino mútuo. O método de ensino individual é um dos mais antigos da humanidade. Praticado desde a antiguidade, consiste no ensino oferecido individualmente por um mestre a um aprendiz. O mestre pode ser qualquer pessoa que se dispuser a ensinar: um sofista, um filósofo, uma mãe, um professor.<sup>304</sup>

Luciano Mendes de Faria Filho estudou o ensino no Brasil com foco principal na região de Minas Gerais, no período entre o século XIX e XX. Ele explica que o método de ensino individual foi utilizado em algumas escolas improvisadas nas casas de professores, também foi o método de excelência da instrução doméstica em Minas Gerais.

Até então a escola que existia funcionava, na maioria das vezes, nas casas dos professores ou, sobretudo, nas fazendas, em espaços precários e, para o que nos interessa aqui, seguiam o método individual de ensino. Tal método consistia em que o professor, mesmo quando tinha vários alunos, acabava por ensinar a cada um deles individualmente. Na verdade, era o método por excelência da instrução doméstica, aquela que ocorria em casa, onde a mãe ensinava aos filhos e às filhas, ou os irmãos que sabiam alguma coisa ensinavam àqueles que nada sabiam.<sup>305</sup>

O método de ensino individual não era o mais eficiente nas instituições com vários estudantes. Um documento importante para compreender as reflexões sobre os métodos de ensino utilizados no Brasil, sobretudo em Minas Gerais, foi escrito pelo professor Francisco de Assis Peregrino, em 1839, disponível no Arquivo Público Mineiro e publicado no livro *Educação Elementar: Minas Gerais na primeira metade do século XIX*<sup>306</sup>. Sobre o ensino individual ele apresenta:

O professor, tendo o seu assento em uma das extremidades da aula, chama diante de si um aluno, que lhe vem repetir a lição depois deste um outro, e assim continua. (...) Os alunos, que concluíram a lição, e que voltam a seus bancos, em lugar de estudarem a lição da tarde, ou do dia seguinte, perturbam a aula brincando uns com os outros, e quando pelo respeito que consagram ao mestre, comportam-se de outra sorte, nem assim deixam de estar em ociosidade, e perdendo tempo.

<sup>304</sup> CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Unesp, 1999.

<sup>305</sup> FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução Elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de Faria Filho; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 140.

<sup>306</sup> CHAMON; FARIA FILHO; ROSA. (Org.). **Educação Elementar: Minas Gerais na primeira metade do século XIX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

Neste estado continua o professor em suas lições individuais de dois a três minutos cada uma. À vista deste pequeno quadro haverá razão para admirar-se de ver um menino, no fim de quatro ou cinco anos sabendo apenas mal ler e mal escrever?<sup>307</sup>

A partir do fragmento acima podemos compreender como ocorria o ensino individual em algumas instituições escolares na província mineira: estudantes de várias idades ocupavam um espaço improvisado e eram atendidos individualmente por um único professor que lhes ensinava. Meninos e meninas não estudavam juntos no mesmo ambiente escolar.

A crítica maior ao método de ensino individual era quanto ao tempo oferecido para cada estudante. Quanto mais estudantes no recinto, menos tempo era oferecido a cada um. O professor Francisco Peregrino fez uma simulação do tempo oferecido a cada estudante no ensino individual:

Figuremos porém uma escola com todas as condições favoráveis: um bom professor, uma reunião de 40 alunos em um local suficientemente grande, bem arejado, etc, uma disciplina firme sem ser brutal, e vejamos quais os resultados que aqui se podem obter do sistema individual.

Admitimos três horas de escola de manhã, e três de tarde: uma hora e meia será de manhã e de tarde consagrada à leitura, uma hora à escrita, e meia ao cálculo. Visto que vamos sempre por suposições nada nos impede de supor ainda que o professor tem o talento de se fazer amar, e temer; que por isso nunca será obrigado a fazer advertência, e a punir; que não será interrompido por visitas estranhas, ou das autoridades, e que finalmente consagra todo o tempo à instrução de seus alunos. Vê-se pois que 1 e ½ hora de leitura dividida por 40 alunos dão dois minutos e 15 segundos a cada um, sendo porém repetida à tarde a lição de leitura tocam 4 ½ minutos por dia a cada um. Duas horas diárias de escrita dão a cada aluno três minutos, incluindo-se neste espaço o tempo que o professor gasta em aparar penas, debuxar, etc. Resta-nos uma hora diária para a lição de cálculo, a qual pela mesma sorte dividida dá 1 ½ minuto a cada aluno, sendo este tempo apenas suficiente para examinar os cadernos, comparar os resultados com outros achados anteriormente; porque seria fisicamente impossível poder o professor efetuar as operações com cada um dos seus alunos.

Assim pois, supondo uma multidão de circunstâncias favoráveis, que nunca jamais se podem encontrar, temos que, no sistema individual, cada aluno tem por dia 4 ½ minutos de lição leitura, 3 de escrita, e ½ de cálculo.<sup>308</sup>

Nesta simulação feita pelo professor Peregrino, ele apresenta o que defende ser a ineficiência do método individual para o atendimento a muitos estudantes.

Em Sacramento, Barsanulfo, vivenciou a experiência de estudar durante a infância, pelo método individual, em uma escola improvisada na casa do senhor Joaquim Vaz de Melo – a Escola do Tatinho, como era conhecida. Em uma sala qualquer o senhor Joaquim Vaz de Melo alfabetizava crianças de todas as idades.

<sup>307</sup> CHAMON; FARIA FILHO; ROSA (Org.). **Educação Elementar: Minas Gerais na primeira metade do século XIX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 92 e 93.

<sup>308</sup> Ibid., p. 93 e 94.



A prática de se improvisar espaços de ensino em qualquer casa se repetiu em toda Minas Gerais. Muitas vezes não se tinha nenhum recurso didático e nenhum mobiliário escolar. As crianças às vezes levavam apenas um pedaço de papel e um lápis para aprender a escrever. O professor ensinava o que sabia naquelas condições. Barsanulfo e vários outros sujeitos estudaram desta forma, como único acesso ao ensino e aprendizagem.

Diante da consideração da ineficiência do método individual, o método mútuo foi difundido no Brasil. O interesse político em pensar um projeto educacional para a nação brasileira começou a despontar no século XIX de forma lenta e gradual. A partir dos primeiros anos de 1800, o debate pedagógico no Brasil foi articulado em torno do método mútuo e a lei de 15 de outubro de 1827 determinou que as escolas seriam “de ensino mútuo nas captaes das províncias; e (...) também nas cidades, villas e logares populosos dellas, em que fôr possível estabelecerem-se.”.<sup>309</sup> Desde então, as escolas isoladas precisaram se adaptar às leis do império e reorganizar a sua prática. O método individual foi gradativamente caindo em descrédito e substituído pelo método mútuo.

Além de estabelecer um método oficial de ensino, a mesma Lei de 15 de outubro de 1827, determinava a criação das *Escolas de Primeiras Letras* “em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos”<sup>310</sup> com a obrigatoriedade do método mútuo de ensino e o conteúdo a ser ensinado aos meninos era “ler, escrever, as quatro operações de aritmética, prática de quebrados, decimais e proporções, as noções mais gerais de geometria prática da língua nacional, os princípios de moral cristã e de doutrina da religião católica”.<sup>311</sup> Esta lei determinava o uso do método mútuo de ensino. Um método que pretendia ser inovador, mas que posteriormente foi verificado com diversas falhas em sua estrutura.

Conforme Fátima Maria Neves<sup>312</sup> o método mútuo também ficou conhecido na historiografia como método monitorial, método inglês de ensino, método lancasteriano de ensino e sistema de madras. Foi desenvolvido e difundido pelos ingleses Andrew Bell (1753 – 1832) e Joseph Lancaster (1778 – 1838) e consistia basicamente na condição de ensinar e educar vários alunos com a colaboração de monitores. Esse método foi aplicado em países da

<sup>309</sup> IMPÉRIO DO BRASIL. Lei de 15 de outubro de 1827. Manda crear escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Imperio. **Coleção de Leis do Império do Brasil**, Rio de Janeiro, 1827. Vol. 1, p. 71. Disponível em: <[http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei\\_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html](http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html)>. Acesso em: 30/01/2017

<sup>310</sup> SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2008, p. 126.

<sup>311</sup> SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2008, p. 126.

<sup>312</sup> NEVES, Fátima Maria. **O Método Lancasteriano e o Projeto de Formação disciplinar do povo (São Paulo, 1808-1889)**. 2003. 293 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”/UNESP, Assis, 2003.

Europa, nos Estados Unidos e no Brasil. O método monitorial/mútuo foi considerado o método de ensino oficial no Brasil imperial a partir de 1827 e permaneceu até 1854.

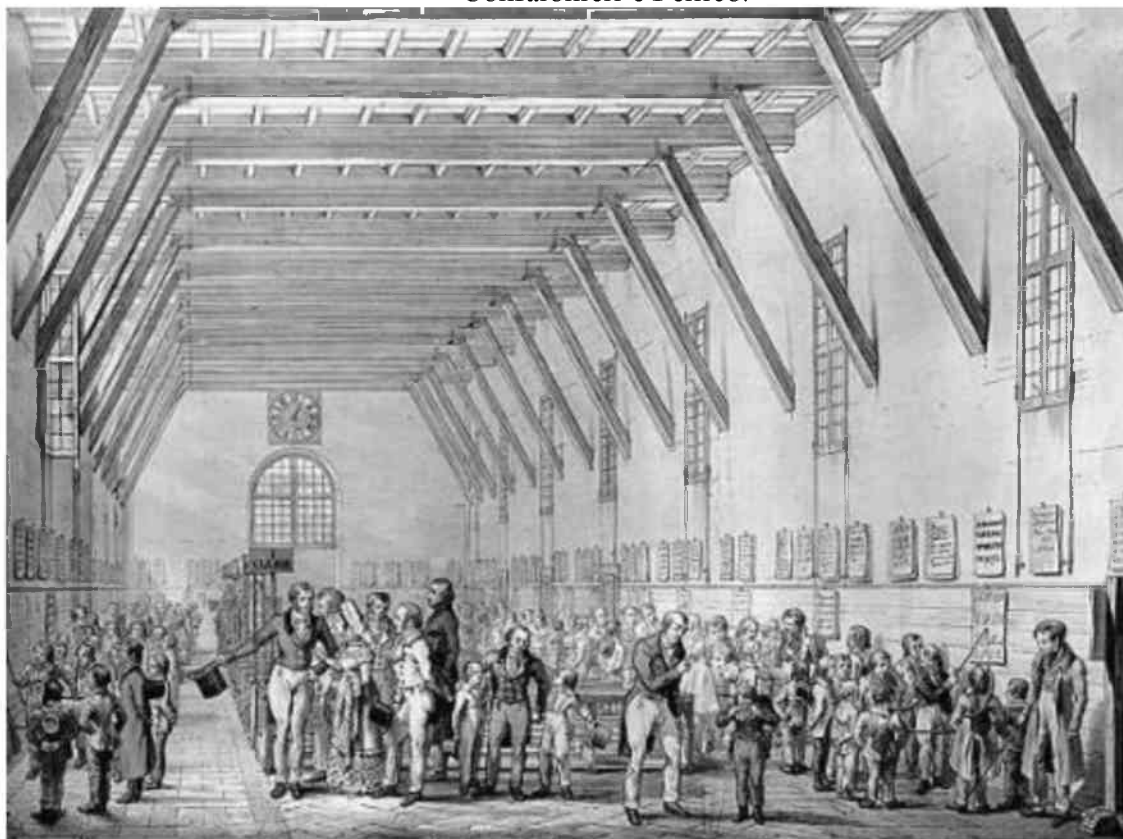
No método mútuo ou monitorial, o professor ensinava e preparava os monitores para que eles repassassem o conhecimento adquirido aos colegas. Os monitores se tornavam agentes de ensino e um único professor era capaz de ensinar e treinar vários monitores. O espaço de ensino utilizado era um grande salão, onde o professor acompanhava tudo com olhos atentos. Os alunos ficavam divididos em grupos de aprendizagem e em cada grupo havia um monitor responsável. Esses grupos eram formados de acordo com o conhecimento e nível de aprendizado dos alunos. A idade biológica não era fator decisivo nos agrupamentos. Desta forma, os alunos aprendiam as informações com os colegas/monitores mais adiantados, portanto, o ensino não era transmitido diretamente do professor para todos os alunos.

O ensino se baseava principalmente nas atividades de memorização. Os alunos eram obrigados a memorizar as lições repassadas a eles. Tudo era memorizado: letras, números, nomes importantes, lugares, datas. Memorizar as informações significava aprender. O ensino e a aprendizagem não se firmavam na compreensão para o entendimento do ser, das coisas e do mundo. A disciplina era rigorosa e as crianças e jovens deveriam se portar de acordo com as regras estabelecidas e obedecer todas às ordens. Caso não se comportassem, recebiam punições. E para aqueles que se esforçassem, havia prêmios e incentivos.

A maior dificuldade deste método era em treinar e manter os monitores, pois os monitores também eram estudantes regulares e, geralmente, quando terminavam o ciclo de estudos não permaneciam na instituição. Sua principal vantagem era econômica, pois este método possibilitava o ensino e a aprendizagem de vários alunos ao mesmo tempo com a orientação de um único professor.

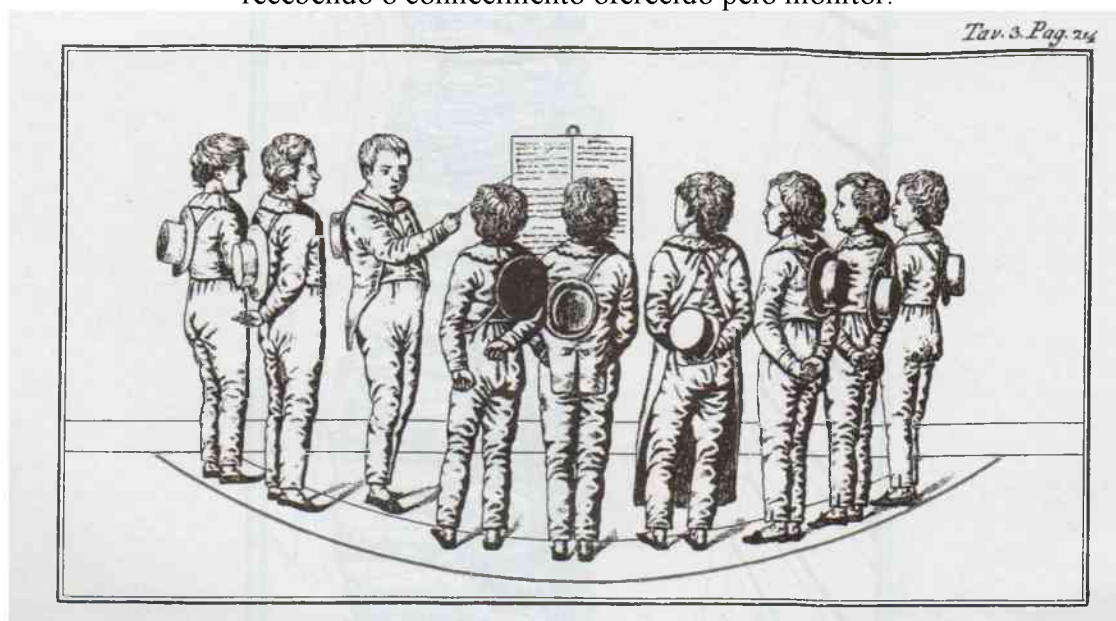
Conforme se pode observar na figura 22, as instituições que adotaram o método de ensino mútuo/monitorial realizavam suas atividades de ensino e aprendizagem num grande salão de ensino; as crianças eram organizadas em grupos e em cada grupo um monitor apresentando o conteúdo escolar; os professores ficavam atentos e observam as atividades, mantendo a disciplina; nas paredes há painéis que os monitores utilizam nas atividades de ensino, os monitores repassam para os colegas as informações que aprenderam com os professores, utilizando os painéis. Na figura 23 se observa os meninos posicionados em semicírculo, em frente ao painel de ensino, recebendo o conhecimento transmitido pelo monitor. As informações deviam ser memorizadas. Repare na disciplina e posição dos estudantes. Neste modelo, o rigor disciplinar era considerado fundamental.

Figura 22 - Aquarela. Aplicação do método de Lancaster, de Giovanni Migliara Confalonieri e Pellico.



Fonte: Google, 2017.

Figura 23 - Ilustração. Modelo mútuo/monitorial: estudantes diante do painel de ensino recebendo o conhecimento oferecido pelo monitor.



Fonte: NEVES, Fátima Maria. **O Método Lancasteriano e o Projeto de Formação disciplinar do povo (São Paulo, 1808-1889)**. 2003. 293 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”/UNESP, Assis, 2003, p. 200.

Com as avaliações para a melhora do processo de ensino e aprendizagem, considerou-se que os monitores não recebiam formação adequada para ensinar, eles apenas transmitiam o que tinham acabado de aprender, era um conhecimento frágil e superficial. O ideal era que um professor capacitado pudesse realizar o ensino e acompanhar todos os estudantes no processo de aprendizagem.

O método mútuo/monitorial permaneceu presente na educação brasileira até a Reforma Couto Ferraz (1854). Nesta reforma, o método de ensino simultâneo foi estabelecido pelo decreto n. 1.331-A, de 17, de fevereiro de 1854, que aprovou o “Regulamento para a reforma do ensino primário e secundário do Município da Corte”. O artigo 73 estabelecia que: “O methodo do ensino nas escolas será em geral o simultaneo”.<sup>313</sup>

No método simultâneo o professor ensinava o conteúdo escolar para todos os estudantes de forma igualitária, sem privilégios de ensino para os monitores. Classificar os estudantes em níveis de aprendizado também era uma característica importante no método simultâneo.

Peregrino define o método simultâneo da seguinte forma:

Classificar os alunos do mesmo grau de adiantamento, e fazer a lição para muitos em lugar de a fazer para um só tal é o modo simultâneo, que pode variar ao infinito, conforme a inteligência de cada professor.<sup>314</sup>

Assim, o método simultâneo admitia uma infinidade de variações. O professor poderia utilizar qualquer recurso no desenvolvimento do trabalho, do uso de materiais didáticos variados até a disposição dos estudantes no espaço da sala de aula. O método simultâneo possibilitou realizar adaptações de acordo com a realidade vivenciada.

O método simultâneo foi utilizado no Colégio Allan Kardec, juntamente com o método intuitivo. O método intuitivo tem características muito peculiares e próprias de um modo de ensinar. Parte de uma percepção sensível, da intuição, das emoções, do raciocínio. Pauta-se no ensino com observação, análise, interpretação e compreensão de todas as coisas para a formação humana. É um método seguro e racional, capaz de envolver e motivar o estudante.

---

<sup>313</sup> IMPÉRIO DO BRASIL. Decreto n. 1.331-A, de 17 de fevereiro de 1854. Regulamento para a reforma do ensino primário e secundário do Município da Corte. **Coleção de leis do Império do Brasil**, Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 1854. Vol. 1, p. 45. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1331-a-17-fevereiro-1854-590146-publicacaooriginal-115292-pe.html>>. Acesso em: 03/01/2017

<sup>314</sup> CHAMON; FARIA FILHO; ROSA (Org.). **Educação Elementar: Minas Gerais na primeira metade do século XIX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 138.

O método intuitivo proporcionou a abertura para um novo paradigma na educação brasileira. Sua origem está nos trabalhos do educador suíço Johann Heinrich Pestalozzi (1746 – 1827), que “muda o curso da discussão sobre os métodos, passando essa a incidir, diretamente, sobre as ‘relações pedagógicas de ensino e aprendizagem’” <sup>315</sup>. Além de se estabelecer um método de ensino, se estabelecia uma relação entre o educador e o educando, pautada no afeto. <sup>316</sup>

Pestalozzi foi influenciado pelo pensamento de Rousseau, principalmente pela obra *Emílio ou Da Educação*. Em *Emílio*, Rousseau, argumenta que todo processo de aprendizado se inicia do contato do sujeito com o mundo em que está inserido, partindo do mundo da natureza para o mundo cultural. Rousseau também mostra a preocupação com a formação educacional dirigida para a formação humana, considerando o ser e as diversas fases (infância, juventude, maturidade, velhice). <sup>317</sup> Não bastava ensinar um emaranhado de informações desconectadas e memorizadas. Era preciso (re)conhecer o ser aprendiz, observá-lo integralmente, nas suas condições físicas, emocionais, intelectuais, afetivas, para, então, facilitar o processo de ensino e aprendizagem.

Pestalozzi formou discípulos que propagaram suas ideias sobre o campo educacional, entre eles se destaca Froebel (1782 – 1852), que revolucionou as atividades da educação infantil com o projeto *jardim de infância*. A criança que antes era situada como um adulto em miniatura <sup>318</sup> foi compreendida por Froebel como ser com características específicas e merecedor do seu lugar para crescer e se desenvolver. O jardim de infância era o lugar alegre, preparado para as crianças brincarem, aprenderem e desenvolverem. Valorizava-se a alegria, o belo e o afeto nas relações de ensino e aprendizagem.

O método intuitivo chegou ao Brasil no final do século XIX e foi o método precursor da *Escola Nova*. Este método, também chamado de *noções de coisas* ou *lições de coisas* é citado na legislação escolar brasileira na Reforma Leônicio de Carvalho, estabelecida pelo decreto n. 7.247, de 19 de abril de 1879 <sup>319</sup>.

---

<sup>315</sup> FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução Elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de Faria Filho; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 143.

<sup>316</sup> INCONTRI, Dora. **Pedagogia Espírita: um projeto brasileiro e suas raízes**. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2012.

<sup>317</sup> ROUSSEAU. *Emílio ou Da Educação*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

<sup>318</sup> ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

<sup>319</sup> BRASIL. Decreto n. 7.247, de 19 de abril de 1879. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7247-19-abril-1879-547933-publicacaooriginal-62862-pe.html>>

Para compreender o método intuitivo, recorremos ao trabalho da pesquisadora Vera Teresa Valdemarin.<sup>320</sup> Ela pesquisou sobre esse método no Brasil e explica que primeiramente o método intuitivo atraiu a atenção dos europeus e dos estadunidenses. Vários manuais de ensino com o método intuitivo foram escritos e destinados principalmente aos professores. Um dos manuais mais conhecidos no Brasil foi o do americano Norman Allison Calkins, intitulado *Primeiras lições de coisas*. Este manual foi apresentado na Exposição de Filadélfia, em 1876, e foi recomendado ao governo francês como a melhor coleção de lições de coisas já elaborada, motivando várias traduções.<sup>321</sup> No Brasil, o manual de Calkins foi traduzido por Rui Barbosa em 1881 e publicado em 1886.<sup>322</sup> A intenção de Rui Barbosa ao traduzi-lo era difundir o método intuitivo nas escolas públicas brasileiras.

Vários manuais sobre as lições de coisas circularam na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil. Além da leitura do manual de Calkins, Vera Teresa Valdemarin, teve acesso a outros manuais de ensino com o método intuitivo. Ela encontrou na Biblioteca Pública Municipal de Araraquara-SP o manual composto por dois volumes de Delon (1892)<sup>323</sup> e Delon & Delon (1913)<sup>324</sup>. Estes manuais estiveram presentes no cotidiano de vários professores e serviam mais aos professores que aos estudantes, pois era um material de apoio para o professor ensinar, “o livro assume uma função diferenciada na instrução”<sup>325</sup>. Além dos manuais de ensino também se difundiram outros materiais didáticos, tais como, caixas para o ensino das cores e das formas, gravuras, globo geográfico, mapas, esqueleto humano artificial e papéis variados, substituindo os velhos textos de memorização. O mobiliário escolar também foi modificado, deixou de ser o antigo mobiliário adaptado e passou a ser específico para o uso escolar, composto por mesas e cadeiras próprias para o professor e para os estudantes. Neste contexto, os manuais de ensino expunham um modelo de procedimento para a elaboração de atividades de acordo com o novo método em destaque.

O manual de Calkins baseava suas lições no pressuposto de que as ideias tinham suas origens nos sentidos humanos e prescreve os processos por meio dos quais a aprendizagem

<sup>320</sup> VALDEMARIN, Vera Teresa. **Estudando as Lições de Coisas**: análise dos fundamentos filosóficos do Método de Ensino Intuitivo. Campinas-SP: Autores Associados, 2004.

<sup>321</sup> ALMEIDA; SAVIANI; SOUZA; VALDEMARIN. **O legado educacional do século XIX**. Campinas: Autores Associados, 2014, p. 85.

<sup>322</sup> SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2008, p. 139.

<sup>323</sup> DELON, Charles. **Exercices et travaux pour les enfants selon la méthode et les procedes de Pestalozzi et de Froebel transformes et adaptés a l'usage des écoles françaises**. Deuxième partie. Paris: Librairie Hachette, 1892.

<sup>324</sup> DELON, Fanny; DELON, Charles. **Exercices et travaux pour les enfant selon la méthode et les procedes de Pestalozzi et de Froebel**. Première partie. 6. ed. Paris: Librairie Hachette, 1913.

<sup>325</sup> ALMEIDA; SAVIANI; SOUZA; VALDEMARIN. **O legado educacional do século XIX**. Campinas: Autores Associados, 2014, p. 87.

ocorre, bem como os mecanismos do intelecto humano. Na análise de Valdemarin sobre o manual de Calkins, ela afirma:

O manual didático *Primeiras Lições de Coisas*, dirigido aos pais e professores, consiste na exposição do conteúdo a ser ministrado na instrução elementar, acompanhado de prescrições sobre a forma de transmiti-lo ao aluno. Valendo-se de perguntas e respostas, da manipulação de objetos didáticos e da apresentação ao aluno de material selecionado, os procedimentos de ensino apresentados nesse manual têm seu início na educação dos sentidos, a fim de prepara-los para a observação acurada que, acredita-se, produzirá ideias claras e distintas. Essas ideias, acrescidas da imaginação e do raciocínio, levariam ao desenvolvimento da capacidade de julgamento e de discernimento, com a aprendizagem evoluindo concomitantemente ao desenvolvimento físico e intelectual da criança.<sup>326</sup>

Já o manual elaborado pelo casal Delon, baseado nas formulações de Pestalozzi e Froebel, conforme enunciado no título da obra, propunha:

exercícios que utilizavam bolas, esferas, cubos, prismas, cilindros, bastões para ensino dos numerais e das operações aritméticas, tábuas para representação das linhas, aros e círculos, em atividades que englobam trançado, tecelagem, dobradura, recorte, costura, desenho, pintura etc. (...) inclui também construções com prismas, mosaicos e bastões, modelagem e variadas técnicas de desenho, tais como: sobre papel pontilhado, em três dimensões, em cores, reprodução da natureza, interpretação das formas a partir de modelos, procedimentos de demonstração concreta e sugestões de ornamentação para as salas de aula.<sup>327</sup>

No ensino intuitivo se aprendia para realizar, desenvolvia-se o pensamento para a construção concreta: o conteúdo ensinado poderia ser aplicado na vida prática, não se limitando apenas à memorização.

Os manuais explicavam que não bastava apenas ensinar os números, as formas, as letras, as palavras, as datas, os nomes, as ordens. Era preciso estabelecer conexões com a vida prática, desenvolver o raciocínio e a criatividade. Explicavam ainda que o ambiente de ensino também deveria ser agradável, “a instrução associada à recreação produziria atenção e prazer na aprendizagem, aguçando a curiosidade e possibilitando o avanço do conhecimento”.<sup>328</sup>

No *Congresso da Instrução do Rio de Janeiro*, de 1884, as lições de coisas e método intuitivo foram amplamente debatidos, o que se pode verificar nas atas e pareceres do evento. No Brasil, “o método de ensino intuitivo é concebido por seus elaboradores como um poderoso instrumento pedagógico, capaz de modernizar o ensino e, principalmente, formar estudantes mais adequados às transformações políticas e econômicas, em curso nas décadas

<sup>326</sup> ALMEIDA; SAVIANI; SOUZA; VALDEMARIN. **O legado educacional do século XIX**. Campinas: Autores Associados, 2014, p. 95.

<sup>327</sup> Ibid., p. 87 e 88.

<sup>328</sup> Ibid., p. 95.

finais do século XIX.”. <sup>329</sup> O que também estava em debate no final do século XIX era o ideário liberal republicano, “adequando a escola ao projeto político modernizador”<sup>330</sup>.

A principal característica do método intuitivo é o ensino que estimula o conhecimento a partir dos sentidos. É possível ensinar qualquer conteúdo com este método: o ensino das linguagens, das ciências da natureza, das ciências exatas, das ciências humanas. Um primeiro passo é oferecer ao educando a possibilidade de observação e análise. A natureza oferece vários recursos para a observação. Tudo o que está na natureza pode ser observado: a paisagem, os rios, a chuva, o sol, a lua, as estrelas, as nuvens, os animais, as plantas, as pessoas, as cidades, os objetos. Além da observação, a análise sobre todas as coisas é fundamental: analisar como cada coisa está, estabelecer comparações, analisar as variações identificadas, questionar. Também é possível sentir as emoções proporcionadas durante as observações e análises: alegria, tristeza, medo, desejo, ansiedade.

O método intuitivo desenvolve pensamentos e sentimentos. Ele eleva o raciocínio para além da prática de memorização. O conteúdo estudado deixa de ser algo que se conhece para se tornar algo que se compreende.

Para a aplicação do método intuitivo eram necessários professores capacitados. Professores empenhados nas atividades de ensino e abertos ao estudo e pesquisas. Entretanto, no Brasil, durante o século XIX, havia pouquíssimas possibilidades de formação para os professores. Muitos apenas transmitiam o que haviam aprendido em algum momento de suas vidas. E ensinar consciente do trabalho que realizavam e da transformação social que podiam operar não estava em pauta para muitos professores, que somente reproduziam um legado educacional.

Segundo Luciano Mendes de Faria Filho “os defensores do método intuitivo chamaram a atenção para a importância da observação das coisas, dos objetos, da natureza, dos fenômenos e para a necessidade da educação dos sentidos como momentos fundamentais do processo de instrução escolar”<sup>331</sup>. Embora o método intuitivo tenha se popularizado a partir das práticas de Pestalozzi e vários pesquisadores reconhecem isso, muitos atribuíram o

---

<sup>329</sup> VALDEMARIN, Vera Teresa. **Estudando as Lições de Coisas**: análise dos fundamentos filosóficos do Método de Ensino Intuitivo. Campinas-SP: Autores Associados, 2004, p. 2.

<sup>330</sup> ALMEIDA; SAVIANI; SOUZA; VALDEMARIN. **O legado educacional do século XIX**. Campinas: Autores Associados, 2014, p. 85.

<sup>331</sup> FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução Elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de Faria Filho; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 143.



método à matriz teórica empirista.<sup>332</sup> O empirismo foi a base fundamental para as formulações da ciência moderna e ofereceu as reflexões para o pensamento lógico e racional; foi base epistemológica para processos vários, inclusive pedagógicos, de longa duração. Sabendo disso, a pesquisadora Valdemarin realizou um resgate na Filosofia da Educação para compreender o empirismo e o método intuitivo e transportou a base empirista para a sustentação pedagógica que orientou o método intuitivo. Para a compreensão do empirismo clássico, ela elegeu dois filósofos: Francis Bacon e John Locke, nas obras *Novum Organum* e *Ensaio acerca do entendimento humano*, respectivamente.

Segundo Valdemarin:

Bacon inicia o *Novum Organum* definindo os dois polos constitutivos do conhecimento, fixando a natureza como o objeto a ser conhecido e o homem como o ser capaz de conhecê-la, valendo-se, para isso, de seus atributos, sentidos e intelecto, que devem operar sobre uma ordem natural, preexistente e predeterminada, a fim de decodificá-la, condição para que possa atuar eficazmente no mundo físico.<sup>333</sup>

Portanto, se verifica que somos capazes de entender todas as coisas de forma lógica e racional, utilizando os nossos sentidos e intelecto, ao mesmo tempo compreende-se que existe as limitações dos sentidos e a irrestingibilidade do intelecto, por esse motivo se faz necessário, em termos pedagógicos, a estruturação de um método com instrumentos e recursos que possibilite expandir tais limites. No empirismo são fundamentais a “observação e o trabalho da mente”<sup>334</sup>, bem como a experiência. Bacon defende a necessidade da experiência metódica, verificando as variações, as repetições e os princípios gerais, “rompendo os limites naturais dos sentidos e regulando o ‘perpétuo resolver da mente’”<sup>335</sup>, em ação decisiva para o conhecimento.

Segundo Valdemarin, John Locke, em *Ensaio acerca do entendimento humano*, não se detém nas questões referentes ao conhecimento científico, mas na forma de atuação das faculdades do entendimento humano para a formulação do significado do mundo. “Locke vai procurar desvendar o processo por meio do qual o pensamento se estrutura como conhecimento que nasce das sensações e como o entendimento é obtido, realizando uma

<sup>332</sup> FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução Elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de Faria Filho; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 143.

<sup>333</sup> ALMEIDA; SAVIANI; SOUZA; VALDEMARIN. **O legado educacional do século XIX**. Campinas: Autores Associados, 2014, p. 101.

<sup>334</sup> Ibid., p. 101.

<sup>335</sup> Ibid., p. 102.

descrição da atividade, interna aos indivíduos, que permite a compreensão das coisas”<sup>336</sup>. Para Locke, a experiência também é fundamental “ponto de origem das ideias, a partir da qual são geradas a sensação e a reflexão.”<sup>337</sup>

Portanto, conforme Valdemarin, o método intuitivo explorava o mundo pelos sentidos e o confirmava pelo empirismo, promovendo um ensino lógico e racional. A prática pedagógica no Colégio Allan Kardec explorava muito das concepções do método intuitivo, aplicando o ensino com a observação da natureza, a utilização das artes como recurso na prática do ensino e aprendizagem, a valorização das emoções e do afeto. No século XIX, os professores brasileiros estiveram diante de quatro formas de ensino: do ensino individual, do ensino mútuo/monitorial, do ensino simultâneo e do ensino intuitivo.

Estabelecendo um traçado pela História da Educação e da legislação educacional no Brasil, Dermeval Saviani afirma: “Se a Lei das Escolas de Primeiras Letras [1827] procurou equacionar a questão didático-pedagógica com o método do ensino mútuo e a Reforma Couto Ferraz [1854] o fez pela via do ensino simultâneo, a Reforma Leôncio de Carvalho [1879] sinaliza na direção do método do ensino intuitivo.”<sup>338</sup>

Com o entrelaçar estabelecido entre vários métodos de ensino passou a se falar em *método misto*, que aproveitava de características e práticas de um e outro método. Conforme Luciano Mendes de Faria Filho:

o método mútuo dará lugar, em várias províncias e em vários textos legais, aos chamados “métodos mistos”, os quais buscavam ora aliar as vantagens do método individual às do método mútuo, ora aliar os aspectos positivos deste último às inovações propostas pelos defensores do “método simultâneo”.<sup>339</sup>

Esta miscelânea pedagógica possibilitou a construção e desenvolvimento de variadas instituições de ensino que utilizavam o método individual, monitorial/mútuo, simultâneo e intuitivo.

O Colégio Allan Kardec possuía um grande salão de ensino e aprendizagem e também contava com a colaboração de monitores, entretanto, os métodos de ensino aplicados eram principalmente o simultâneo e o intuitivo.

<sup>336</sup> ALMEIDA; SAVIANI; SOUZA; VALDEMARIN. **O legado educacional do século XIX**. Campinas: Autores Associados, 2014, p. 104.

<sup>337</sup> ALMEIDA; SAVIANI; SOUZA; VALDEMARIN. **O legado educacional do século XIX**. Campinas: Autores Associados, 2014, p. 105.

<sup>338</sup> SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2008, p. 138.

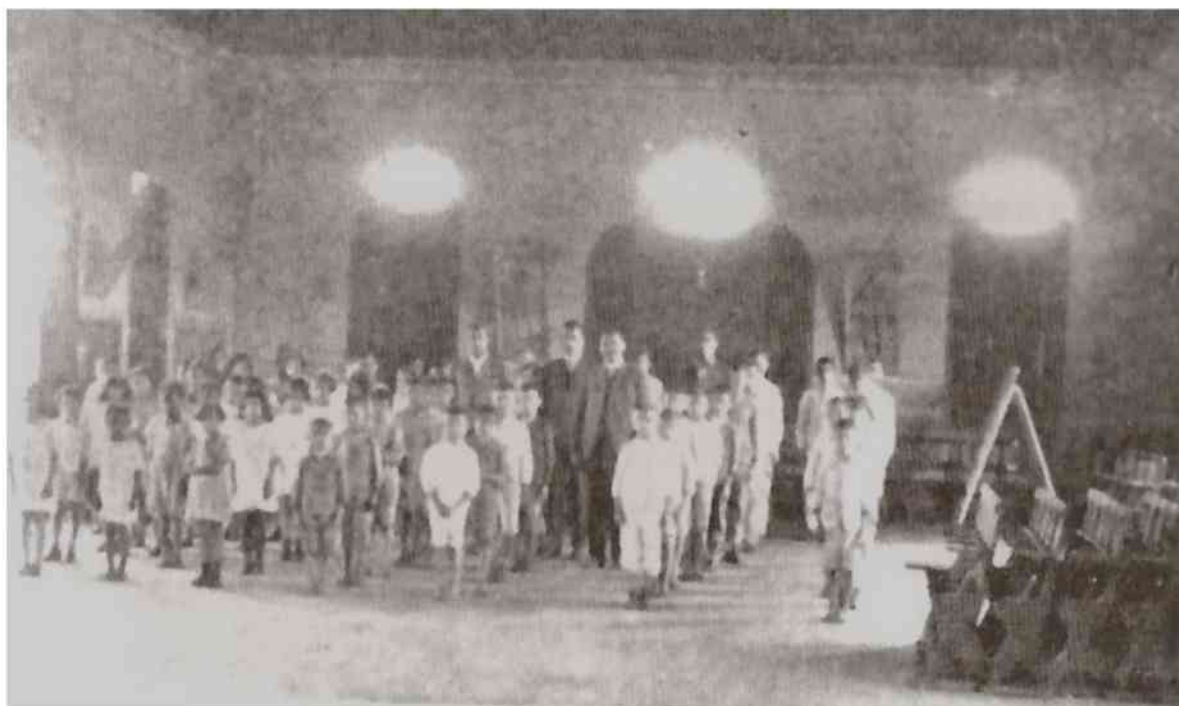
<sup>339</sup> FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução Elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de Faria Filho; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 142.

No Colégio Allan Kardec, um professor ensinava simultaneamente todos os estudantes de cada nível escolar e os monitores eram apenas colaboradores para manter a ordem e a organização do colégio. Os monitores não eram agentes de ensino, não eram os responsáveis pelo ensino do conteúdo escolar aos colegas.

Se o método mútuo/monitorial tivesse sido aplicado no Colégio Allan Kardec, Barsanulfo não precisaria do trabalho dos professores que atuaram juntamente com ele, pois bastaria que Barsanulfo preparasse os monitores para se tornarem agentes de ensino, transmissores de conhecimento repetido e memorizado. Não foi essa a lógica escolhida e aplicada no Colégio Allan Kardec. As aulas ocorriam dentro de um amplo salão (um prédio com dois andares, vários cômodos e jardim, que permanece conservado pelo grupo mantenedor *Esperança e Caridade*).

Quando Barsanulfo começou as atividades do colégio, ele empreendeu uma pequena reforma e demoliu algumas paredes no piso superior do prédio, deixando o espaço de um salão. Neste salão aconteciam as atividades de aula. Todos os estudantes ficavam dentro do amplo salão. Eles eram organizados em grupos de ensino e aprendizagem. Como já explicamos, havia grupos para três níveis de aprendizagem: elementar, médio e superior.

Figura 24 - Salão de ensino, Colégio Allan Kardec, fotografia do início do século XX.



Fonte: MONTEIRO, Eduardo Carvalho. **Cem anos de evangelho com Eurípedes Barsanulfo: 1904 – 2004.** São Paulo: Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo, 2005, p.85.

Com o crescente número de matrículas no colégio, foi necessário ampliar o espaço do salão. Desta vez a reforma foi empreendida pelo vereador Cosmo Martins de Oliveira, que tinha duas filhas matriculadas. Ele assumiu a responsabilidade pela nova reforma e ordenou que se demolisse outras paredes, deixando o salão ainda mais amplo. Além da ampliação do salão também foram realizadas mudanças na fachada do prédio, utilizando traços da estética neoclássica, muito comum nos prédios da república, que marcava um novo tempo e a ânsia por uma nova história nacional. A inauguração do espaço reformado foi realizada em agosto de 1910 com festa e agradecimentos especiais ao senhor Cosme Martins de Oliveira.<sup>340</sup>

Segue a fotografia atual do antigo salão de ensino, do Colégio Allan Kardec.

Figura 25 - Salão de ensino do Colégio Allan Kardec. Atualmente este espaço é utilizado como anfiteatro para as reuniões e palestras espíritas organizadas pelo Grupo Espírita Esperança e Caridade.



Fonte: Fotografia de Jaqueline Peixoto Vieira da Silva, 2017.

---

<sup>340</sup> Corina. **Eurípedes Barsanulfo**: o homem e a missão. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 117.

A utilização de um amplo salão como espaço de ensino e aprendizagem foi influência do método mútuo/monitorial, bastante difundido no Brasil. Entretanto, a prática pedagógica no Colégio Allan Kardec não foi baseada no método mútuo/monitorial e sim no método simultâneo e intuitivo.

Os professores que trabalhavam junto com Barsanulfo no colégio eram: “Waltersides Willon, Homilton Wilson, Wenceslau Rodrigues Cilan, Zenon Borges, Orcalino de Oliveira, Maria Gonçalves, que regiam classes nos cursos elementar e médio.”.<sup>341</sup> Barsanulfo ficava com a classe superior, “lecionando as matérias do currículo com rara visão didático-pedagógica.”.<sup>342</sup>, segundo afirmação elogiosa da memorialista Corina Novelino.

Barsanulfo orientava o trabalho dos professores no colégio e era um incentivador do trabalho no magistério. Waltersides Willon e Homilton Wilson eram irmãos de Barsanulfo e foram influenciados para a prática das atividades de ensino desde a infância.

Orcalino de Oliveira era um professor negro e durante a escravidão até 1888, quando a abolição foi concretizada, os negros não tinham direito a Educação.<sup>343</sup> Após a abolição da escravidão os negros continuaram sofrendo discriminação e preconceito e continuaram sem acesso às instituições de ensino.<sup>344</sup> Nesta pesquisa, não conseguimos saber detalhes sobre a formação de Orcalino de Oliveira, entretanto, o fato fundamental é saber que ele era negro e atuou como professor em um tempo em que os negros pouco tinham a oportunidade de se alfabetizar. Garantir o trabalho de um professor negro no colégio e enfrentar preconceitos pode ter sido um desafio para esta instituição de ensino do início do século XX.

Outro professor é Zenon Borges, ele foi aluno de Barsanulfo e depois se tornou professor no Colégio Allan Kardec, ele acompanhou Barsanulfo durante vários anos. Já a professora Maria Gonçalves se destaca por ser mulher em um tempo em que a profissionalização no magistério ainda era quase exclusivamente masculina. Durante o século XIX os homens ocuparam prioritariamente as cadeiras de ensino e somente no início do século XX esse quadro social começou a ser modificado.

Os discursos hegemônicos pregavam que a mulher ideal era pura, esposa e mãe e deveria viver em casa cuidando da família. Não se concebia com naturalidade a mulher que trabalhasse em instituições ou comércio de qualquer natureza. A feminização do magistério só

---

<sup>341</sup> Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 111.

<sup>342</sup> Ibid., p. 111.

<sup>343</sup> SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2008.

<sup>344</sup> GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. Negros e Educação no Brasil. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de Faria Filho; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 325-346.

se consolidou no século XX e com embates ideológicos que primeiramente considerava a mulher profissionalizada pecadora, louca e prostituta e posteriormente se criou a imagem da professora maternal, que ensinava e cuidava como tia.<sup>345</sup> Nesta pesquisa não consegui identificar o professor Wenceslau Rodrigues Cilan, que é citado nas fontes.

Figura 26 - Estudantes do Colégio Allan Kardec, professores e professora. Os professores e professora, da esquerda para a direita são: Orcalino de Oliveira, Eurípedes Barsanulfo, Maria Golçalves e Waltersides Willon, 1913.



Fonte: Corina. Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 112.

A estética neoclássica e eclética na fachada do prédio chama a atenção dos visitantes que chegam no Colégio Allan Kardec. Este traçado arquitetônico chegou pela primeira vez no Brasil trazido por artistas e arquitetos que vieram na *Missão Francesa de 1816*, a convite de D. João VI. Na arquitetura, a influência neoclássica se tornou a opção estética aplicada em muitos prédios do Rio de Janeiro e São Paulo, essa influência se estendeu para outras cidades, conforme os apontamentos de Roseli Maria Martins D'Elboux.<sup>346</sup> Em Sacramento há diversos prédios com traços da arquitetura neoclássica ou, na verdade, uma estética eclética que agrupava outras influências. Havia no Brasil, arquitetos de formação neoclássica rígida e outros mestres de uma versão simplificada que exteriorizava apenas os detalhes da arquitetura neoclássica.

A fachada do prédio do Colégio Allan Kardec tem traços da estética neoclássica e eclética com influência da cultura francesa e da *belle époque*, que dominava as principais

<sup>345</sup> VILLELA, Heloisa de O. S. O mestre escola e a professora. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de Faria Filho; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 95-134.

<sup>346</sup> D'ELBOUX, Roseli Maria Martins. Uma promenade nos trópicos: os barões do café sob as palmeiras-imperiais, entre o Rio de Janeiro e São Paulo. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, vol. 14, núm. 2, julho-dezembro, 2006, p. 193-250. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v14n2/a07v14n2.pdf> > Acesso em: 18/11/2016.

idades brasileiras na implantação da República, momento vivido por Barsanulfo e no qual foi fundado o Colégio Allan Kardec

Os traços estéticos na fachada externa do prédio estimulam a curiosidade sobre a história dessa instituição, que era um colégio na nascente República brasileira, que desafiava a tradição católica e se alinhava ao espiritismo, que era aberto a uma camada social rejeitada por outras instituições de ensino e que necessitava dos serviços oferecidos.

O historiador José Murilo de Carvalho afirma:

Como discurso, as ideologias republicanas permaneciam enclausuradas no fechado círculo das elites educadas. Mas seja pelo próprio conteúdo do discurso, seja pelos elementos utópicos, elas acabavam por postular a saída do fechado e restrito mundo das elites, acabavam por defender, cada uma a sua maneira, o envolvimento popular na vida política.<sup>347</sup>

Sendo assim, o Colégio Allan Kardec representava o envolvimento popular na vida política: a política que se organizava no cotidiano da cidade. Muitos estudantes matriculados no Colégio Allan Kardec não tinham outra instituição para estudar, dado as deficiências da educação pública na nascente República, que teimavam em não se estabelecer. Teoricamente a República prometia acolher o cidadão brasileiro garantindo condições dignas para o viver, na prática, o que ocorria era a permanência das satisfações das elites enquanto uma camada social considerável permanecia pobre, discriminada e sem condições básicas de sobrevivência, longe dos direitos fundamentais: sem moradia digna, sem acesso à Educação e sem acesso a Saúde.

---

<sup>347</sup> CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 10.



Figura 27 - Colégio Allan Kardec. Influência da arquitetura neoclássica e eclética.



Fonte: Fotografia de Jaqueline Peixoto Vieira da Silva, 2015.

O colégio contava com um pátio recreativo, onde Barsanulfo plantou espécies ornamentais. No local havia árvores frutíferas: “mangueiras, ameixeiras, jabuticabeiras e laranjeiras”<sup>348</sup>. As mangueiras continuam preservadas e hoje são árvores centenárias. O jasmineiro que Barsanulfo plantou, juntamente com os estudantes, também é mantido e preservado. Esta área externa também servia como espaço alternativo de ensino e aprendizagem. Muitas aulas eram ministradas em baixo das mangueiras, ali também se observava a natureza: as plantas e pássaros. Para Barsanulfo, a natureza sempre tinha um ensinamento para oferecer e ele aproveitava esse recurso nas atividades de ensino e estimulava os outros professores a realizarem o mesmo. “Eurípedes tinha, pois, à sua disposição, atraente laboratório, cujos elementos naturais forneciam consideráveis recursos para suas aulas ao vivo.”<sup>349</sup>

<sup>348</sup> Corina. **Eurípedes Barsanulfo**: o homem e a missão. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 120.

<sup>349</sup> Ibid., p. 120.



Figura 28 - Pátio do Colégio Allan Kardec, destaque para as mangueiras centenárias. Local para a recreação e também onde ocorriam aulas ao ar livre.



Fonte: Fotografia de Jaqueline Peixoto Vieira da Silva, 2017.

Figura 29 - Destaque à placa de identificação do pátio do Colégio Allan Kardec.



Fonte: Fotografia de Jaqueline Peixoto Vieira da Silva, 2017.

Figura 30 - Pátio do Colégio Allan Kardec, destaque ao jasmineiro, plantado por Barsanulfo e estudantes. A planta é preservada com cuidado pelos mantenedores da instituição.



Fonte: Fotografia de Jaqueline Peixoto Vieira da Silva, 2017.



Figura 31 - Destaque à placa de identificação do Jasmineiro. Colégio Allan Kardec.



Fonte: Fotografia de Jaqueline Peixoto Vieira da Silva, 2017.

Cada professor elaborava o material didático que iria utilizar. Eles consultavam livros e manuais de ensino. O mercado editorial era restrito e a circulação dos livros e manuais tinham seus entraves, também não havia programas públicos que garantissem o trânsito desses livros. Assim, os professores compravam os materiais que iriam utilizar e não era raro o professor que utilizasse o mesmo livro durante toda a vida profissional no magistério. Geralmente os professores selecionavam os exercícios e as atividades que consideravam importantes e preparavam apostilas de ensino.

Alguns ex-estudantes do Colégio Allan Kardec guardaram suas anotações, seus cadernos de ensino e materiais didáticos. A memorialista Corina Novelino, ao sair em busca do máximo de vestígios sobre Eurípedes Barsanulfo, encontrou uma apostila elaborada por ele para o ensino de Português. Esta apostila pertenceu à estudante Hipólita Alves Neme e fora doada a Corina Novelino, que destacou o seguinte trecho para apreciação:

PROPOSIÇÃO IMPERATIVA é a que exerce as funções do imperativo, isto é, exorta, ordena, invoca, postula, convida.

Exortação é dar uma ordem, convencendo. Exemplo: Dá-me um pedaço de pão, porque estou com fome.  
 Ordenar é exprimir uma ordem. Exemplo: Oliviel, vá pegar a patativa. Invocar é chamar. Exemplo: Vem, criança, vem comigo.  
 Postular é pedir com insistência. Exemplo: Levantem-se, meninos, levantem-se, não é respeitoso sentar, quando outros de pé estão.  
 Convidar é pedir o comparecimento, motivando o interesse do convidado. Exemplo: Vem ao estudo, porque o estudo engrandece.<sup>350</sup>

Este trecho, selecionado da apostila de português elaborada por Barsanulfo, evidencia o esforço do professor para o preparo do material que utilizavam nas atividades de aula. Os outros professores também elaboravam seus materiais de ensino utilizando os livros e manuais que possuíam.

No Colégio Allan Kardec havia biblioteca com manuais didáticos que serviam para o uso dos professores e pesquisa dos estudantes. Também contava com laboratório para experiências de química e física. E ainda, aparelhos de astronomia, quadrantes, lunetas, mapas geográficos, quadros de anatomia para o estudo do corpo humano e quadros de zoologia. Quem nos conta sobre os materiais didáticos utilizados no Colégio Allan Kardec é o ex-estudante Antenor Germano, que deixou um manuscrito relatando suas memórias e experiências vividas no colégio. Este manuscrito é de 1918 e foi importante fonte de pesquisa para Alessandro Cesar Bigheto<sup>351</sup>. Segundo Germano:

O colégio crescia a passos vertiginosos, tanto o número de alunos quanto de aparelhagem de aprendizado, já possuía um pequeno laboratório para experiências de química e física, aparelhos de astronomia, quadrantes e lunetas etc., mapas geográficos, uma coleção de quadros de anatomia para o estudo do corpo humano e quadros de zoologia, uma vasta coleção de livros didáticos.<sup>352</sup>

Além dos livros didáticos e manuais de ensino, outro recurso muito utilizado no Colégio Allan Kardec é a natureza. A utilização da natureza como objeto de ensino foi característica marcante do método intuitivo, no Brasil. Também foi um dos recursos amplamente utilizados pelos professores e professoras que atuavam no Colégio Allan Kardec.

Os estudantes eram levados para trabalhos de campo para a observação da fauna e flora da região, bem como da biodiversidade. Realizavam vários estudos em geografia e botânica a partir da observação da natureza. Analisavam o rio Borá, que corta a cidade de Sacramento, importante no abastecimento de água da cidade e que também oferece recursos

<sup>350</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 116.

<sup>351</sup> BIGHETO, Alessandro Cesar. **Eurípedes Barsanulfo: um educador de vanguarda na Primeira República**. Bragança Paulista-SP: Editora Comenius, 2007.

<sup>352</sup> GERMANO, Antenor. Manuscrito sobre Eurípedes Barsanulfo. 1918. In.: BIGHETO, Alessandro Cesar. **Eurípedes Barsanulfo: um educador de vanguarda na Primeira República**. Bragança Paulista-SP: Editora Comenius, 2007, p. 227.

para a produção de eletricidade. Também observavam a cidade em sua extensão, como lugar social de moradia dos sacramentanos. Os trabalhos de campo eram regados com brincadeiras e diversão. A boa convivência e divertimento também eram alimentos para o ensino.

Todas as semanas fazíamos um passeio pelos campos, então todos os alunos e todos os professores se reuniam no colégio para dali partimos para o passeio, de preferência a chácara do Sr. Mogico, onde havia 3 grandes árvores de Óleo ou Capaheba, ali reunidos o nosso mestre dava lições de botânicas, de vida, de moral e ainda fazíamos ginástica e brincávamos todo aquele tempo e por fim voltávamos ao colégio. Ou senão, o passeio era para os lados do Morro dos Derrotados ou Cubatão onde ainda existem grandes árvores seculares, sob suas sombras reuníamos todos para aprender os ensinamentos do mestre e observar o panorama da cidade dividida em duas partes pelo nosso tão conhecido ribeirão Borá, e muito distante o vasto horizonte verde de vários tons. Horas e horas ficávamos ali junto ao mestre despreocupados em verdadeiras conversas sobre diversos assuntos, como uma só família. E em certas ocasiões íamos a gruta do Palhares.<sup>353</sup>

Quase uma descrição rousseauiana da educação do jovem Emílio. Vale a comparação. O afeto e a harmonia entre as pessoas no Colégio Allan Kardec eram estimulados. Valorizava-se a boa convivência entre os estudantes e entre professores e estudantes. Não se admitia a prática dos castigos e das recompensas. Os estudantes não eram castigados ou punidos quando cometiam algo indevido. Não se usava a palmatória ou qualquer outra forma de castigo. Os melhores estudantes também não eram valorizados com recompensas ou presentes. Corina Novelino escreve:

A nova linha pedagógica, que aliás já se tornava patente, sob muitos aspectos, em países europeus, como Suíça e França, através da Escola Ativa de Pestalozzi, proporcionava a Sacramento, pela visão extraordinária de Eurípedes, o enriquecimento do contingente didático-pedagógico. Numa fase em que a palmatória era voz mais que ativa, no ambiente escolar, dominando as mais difíceis situações mas, afastando mais e mais o aluno do professor (...) O aluno passou a ser respeitado nos valores naturais de que era portador em potencial, pois o mestre conhecia-lhe as faculdades racionais, as percepções, ideias, hábitos e reações condicionadas. Isto vinha estreitar o relacionamento entre o professor e seus discípulos, criando entre eles os laços de mútua confiança.<sup>354</sup>

No Colégio Allan Kardec também não faltavam as lições de moral. Ensinava-se os valores para a vivência em sociedade, tais como o respeito ao outro, a valorização da vida, do trabalho, da família. Os valores morais eram ensinados no decorrer das aulas normais. Não havia um programa específico para o ensino moral. “Relatam discípulos de Eurípedes que

<sup>353</sup> GERMANO, Antenor. Manuscrito sobre Eurípedes Barsanulfo. 1918. In.: BIGHETO, Alessandro Cesar. Eurípedes Barsanulfo: **um educador de vanguarda na Primeira República**. Bragança Paulista-SP: Editora Comenius, 2007, p. 229.

<sup>354</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 116.

recebiam dele, com grande frequência, inesquecíveis lições de moral, na extensão das aulas de Botânica.”.<sup>355</sup> No relato de Antenor Germano, verifica-se o seguinte:

Entre alguns fatos vou citar quando os alunos bastantes recalcitrantes não faltavam, eu e o Nestor José Soca e outros sempre fugíamos das aulas para nos divertir, era para caçar passarinhos, procurávamos sempre lugares bem distantes e até mesmo nos esconder em chocas ou ramadas bem fechadas para que ninguém nos visse, e quando sem mais nem menos éramos surpreendidos por colegas ou mesmo por professores que a mandado de Eurípedes nos iam buscar para as aulas e nos conduziam de volta até o colégio. Mas ele não nos castigava, nos perguntava o motivo porque assim procedíamos e onde estávamos, e como não adiantava querer mentir ou dar qualquer desculpa o único recurso era falar a verdade. Para depois ouvir um conselho amigo e de moral que por mais recalcitrante que fosse o aluno, ia às lágrimas e logo pedia desculpas do fundo do coração, pois o nosso amor ao Barsanulfo era muito grande. Este conselho e estes pedidos eram mais duros do que as pancadarias usadas pelos outros professores.”.<sup>356</sup>

Os estudantes eram cobrados moralmente a se comportarem de forma devida e não raro iam “às lágrimas e logo pedia desculpas do fundo do coração”. A cobrança moral e incisiva levava o estudante à reflexão sobre os seus atos e até a modificar comportamentos. Este recurso era utilizado no âmbito pedagógico para a modificação de pensamentos e sentimentos. E o mais importante, as transformações ocorriam quando as pessoas envolvidas se dispunham à modificação. Não era uma imposição, era um movimento na direção do conhecimento, passando pela reflexão até chegar a alguma transformação. Este era o ponto forte da pedagogia aplicada no Colégio Allan Kardec e orientado por Barsanulfo.

Os professores eram capacitados durante o cotidiano vivenciado no colégio. E para alcançar resultados, cada pessoa era considerada em sua individualização. Era preciso levar em consideração as habilidades e capacidades de cada pessoa. O processo de ensino e aprendizagem se realizava do professor para o estudante, bem como do estudante para o professor. Era preciso demolir a barreira imaginária estabelecida sobre aquele que ensina e aquele que aprende. No Colégio Allan Kardec todos poderiam ensinar algo e todos poderiam aprender algo, bastava ter olhos para observar, analisar, refletir e compreender.

As artes também foram tomadas como instrumento nas práticas pedagógicas no Colégio Allan Kardec. Peças de teatro eram elaboradas e encenadas para as atividades de ensino e aprendizagem.

<sup>355</sup> NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo**: o homem e a missão. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987, p. 120.

<sup>356</sup> GERMANO, Antenor. Manuscrito sobre Eurípedes Barsanulfo. 1918. In.: BIGHETO, Alessandro Cesar. **Eurípedes Barsanulfo**: um educador de vanguarda na Primeira República. Bragança Paulista-SP: Editora Comenius, 2007, p. 214.

Após a morte de Barsanulfo, em 1918, o Colégio Allan Kardec não permaneceu com a mesma estrutura pedagógica. Carolina Maria de Jesus (1914 – 1917) estudou no colégio por volta do ano de 1923, única instituição regular de ensino que frequentou. Carolina Maria de Jesus nasceu e viveu durante a infância em Sacramento. Quando adulta, foi morar em São Paulo, era mulher, negra, miserável, mãe, solteira. Em São Paulo, trabalhou como catadora de reciclados, catando o que era jogado no lixo, e morou na favela do Canindé em meio a todas as dificuldades sociais. Passou fome, frio, medo, sofreu preconceitos, foi rejeitada e ignorada em diversos momentos da vida, mas nunca perdeu a dignidade e consciência do ser humano que era. Mulher forte, que usava os cadernos encontrados no lixo para escrever sua história, seu cotidiano, suas lutas, suas reflexões sociais e políticas. Em 1958 o repórter Audálio Dantas conheceu-a quando foi registrar uma matéria sobre a vida dos moradores na favela do Canindé, as margens do rio Tietê, na grande São Paulo.

Naquela ocasião começavam a falar do problema da favela em São Paulo, era uma coisa de 50 mil favelados na cidade, que começaram a aparecer nas margens do Rio Tietê, que era algo simbólico, estavam enterrados, sumidos na lama (...). No barraco dela, tinha uma pilha de cadernos, onde estavam registrados o dia-a-dia dela e parte da favela.<sup>357</sup>

A história de vida da Carolina Maria de Jesus impressionou. A mulher que apenas foi alfabetizada no Colégio Allan Kardec, escrevia com sabedoria e consciência. O conhecimento foi adquirido durante toda a vida e deve-se considerar a importância do colégio na formação inicial de Carolina, uma formação consistente e rápida.<sup>358</sup> Em seu livro *Diário de Bitita*, ela lembra o que viveu no colégio. Novamente é a fonte da memória que apresenta o Colégio Allan Kardec; a memória de Carolina Maria de Jesus.

A autora entregou o texto original à editora, que só publicou a obra pela primeira vez em 1982, na França.<sup>359</sup> No processo de tradução, o texto pode ter passado por transformações para adequá-lo ao estilo culto da língua, principalmente quanto à pontuação, que era uma das dificuldades de Carolina, o que não diminui a importância do texto e da autora, como escritora afro-brasileira. É uma obra póstuma. Carolina não teve a oportunidade de ver este livro à venda.

<sup>357</sup> Depoimento de Audálio Dantas. Disponível em : <<http://brasileiros.com.br/2014/03/os-cadernos-de-carolina/>> Acesso em: 17/07/2017 .

<sup>358</sup> BOM MEIHY; LEVINE. **Cinderela Negra**: a saga de Carolina Maria de Jesus. Sacramento-MG: Editora Bertolucci, 2015.

<sup>359</sup> JESUS, Carolina Maria de. **Journal de Bitita**. Tradução de Régine Valbert. A. M. Metailié, 1982.

No tempo em que Carolina estudou no Colégio Allan Kardec, Barsanulfo estava ausente, já havia morrido. O gestor escolar era Walthersides Willon, irmão de Barsanulfo, e as mudanças na instituição já estavam encaminhadas. Carolina lembra e escreve o seguinte:

Quando entramos na escola, fiquei com medo. Nas paredes uns quadros do esqueleto humano. O salão era amplo, e as classe eram nos cantos. O período matinal era destinado ao quarto ano. O professor era o senhor Homilton Wilson, irmão do fundador do Colégio Allan Kardec. Quem fundou o colégio foi o senhor Eurípedes Barsanulfo.<sup>360</sup>

Carolina lembra como era o colégio e que fora fundado por Barsanulfo (que foi/é considerado um cânone no espiritismo). O grande salão permanecia como espaço educativo. As classes eram organizadas no grande salão e várias crianças, de várias idades, recebiam as instruções de ensino.

Carolina lembra da sua professora, que se esforçava para ensiná-los a ler e a escrever. Os métodos da professora passavam pela ameaça, disputa e competição. Carolina escreve que a professora punha as crianças negras e brancas em disputa.

Minha professora dizia no fim da aula:  
 - Eu quero falar com os alunos pretos; é assunto muito importante.  
 Os brancos saíam, e nós ficávamos. Ela dizia:  
 - Estou notando que meus alunos brancos são mais estudiosos que meus alunos pretos. Os brancos não erram quando escrevem. Lavam as mãos quando vão pegar nos livros. Os desenhos então, que primor! Eles capricham, e ganham cem todos os dias. (...) Passados uns dias, ela pedia aos alunos brancos para ficarem na sala. Dizia-lhes que os alunos pretos eram os mais esforçados, os mais estudiosos, os mais capacitados nos deveres escolares.  
 - Eles vão passar de ano e vocês brancos vão repetir. Vai ficar ridículo para vocês, porque todos pensam que o branco é mais inteligente que o preto. Estou encantada com o progresso dos meus alunos pretos.  
 Os alunos brancos saíam da aula revoltados.  
 Cada um ia comentando:  
 - Imagina só, o negro querer ser melhor que eu. Maioral tem que ser eu, que sou branco. Estes negros vão me pagar!<sup>361</sup>

A professora aproveitava o preconceito existente na sociedade e estimulava a disputa entre os estudantes, obrigando-os ao estudo. Agindo assim, a professora também alimentava o preconceito, a discriminação, o desrespeito. Um método condenado por Barsanulfo, segundo os relatos de memória. O colégio permanecia eficiente na ação de ensinar, mas se distanciava do método pautado no afeto e na compreensão.

Quanto ao conteúdo ensinado, mantinham os componentes curriculares obrigatórios, das diversas áreas do conhecimento e o conteúdo religioso espírita. Sobre o conteúdo

<sup>360</sup> JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Sacramento: Editora Bertolucci, 2007, p. 149.

<sup>361</sup> JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Sacramento: Editora Bertolucci, 2007, p. 154 e 155.



ensinado, Carolina Maria de Jesus escreve: “História Sagrada, História Universal, A Bíblia, e os livros iam transferindo-se de um para outro.”.<sup>362</sup> No mais, o Colégio Allan Kardec, após a gestão escolar de Barsanulfo chegando até os dias presente, é questão para pesquisas posteriores.

---

<sup>362</sup> JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Sacramento: Editora Bertolucci, 2007, p. 156.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os memorialistas investigados neste estudo se lembraram de Barsanulfo e do Colégio Allan Kardec com eloquência, carinho, saudades e valorizaram todos os aspectos positivos e elogiosos. Diante disso, cabe perguntas importantes: não houve falhas cometidas? O Colégio Allan Kardec foi uma instituição de ensino sem nenhum problema?

Os documentos selecionados, criados e mantidos contribuíram para a representação e identidade do indivíduo perfeito e instituição de ensino de vanguarda. Para o grupo social religioso espírita esse movimento foi importante na manutenção da representação e imagem construída.

Inácio Ferreira, Corina Novelino e Jorge Rizzini foram os precursores da memória transformada em livro publicado a respeito de Barsanulfo e o Colégio Allan Kardec. Depois deles, outros memorialistas, jornalistas, pesquisadores e curiosos também se debruçaram sobre essa história, deixando as suas contribuições. Os novos guardiões da memória, reproduzem as primeiras lembranças que outrora foram organizadas nos livros e que continuam sendo publicados. Em atividades, palestras e reuniões espíritas estes livros são mencionados e divulgados.

Nas investigações, encontram-se críticas à Barsanulfo e ao Colégio Allan Kardec realizadas pelos opositores ao espiritismo, deixando evidente as disputas ideológicas e sociais. Investigar o indivíduo e o colégio historicamente e com amplidão foram objetivos deste estudo, que não considero como finalizado, posto que outras problemáticas podem ser desenvolvidas.

A memória permanece ativada e exercitada, alimentando o movimento espírita, que se articula na organização de antigos e novos centros espíritas espalhados em todo território brasileiro. Colégios e escolas espíritas também estão em funcionamento, motivados pelas propostas da pedagogia espírita.

## REFERÊNCIAS

### FONTES PESQUISADAS :

ABDALA, Dirceu. **O apóstolo de Sacramento**: Tombamento Religioso, Histórico, Cultural e Patrimonial de Eurípedes Barsanulfo. Goiatuba-GO: CEU, 2008.

CÂMARA MUNICIPAL DE SACRAMENTO. **Livro de ata dos vereadores da câmara municipal de Sacramento (1904 a 1908)**. Sacramento-MG.

DENIS, Léon. **Depois da Morte**. Rio de Janeiro: CELD, 2011.

FERREIRA, Inácio. **Subsídio para a história de Eurípedes Barsanulfo**. Uberaba-MG: [s.n.], 1962.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Tradução de Guillon Ribeiro. São Paulo: Liberdade, 2010.

KARDEC, Allan. **O que é o Espiritismo?** 56. ed. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, Allan. **Obras Póstumas**. Tradução de Salvador Gentile. Araras-SP: IDE, 2008.

MAIOR, Marcel Souto. **Kardec: a biografia**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

MESMER, Franz Anton. **Mémoire sur la découverte du magnétisme animal**. 1779.

MONTEIRO, Eduardo Carvalho. **Cem anos de evangelho com Eurípedes Barsanulfo**: 1904 – 2004. São Paulo: Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo, 2005.

MORATO, Agnelo. **De Sacramento a Palmelo**. São Bernardo do Campo: Correio Fraterno, 1989.

NOVELINO, Corina. **Eurípedes: o Homem e a Missão**. 8. ed. Araras-SP: IDE, 1987.

RIZZINI, Jorge. **Eurípedes Barsanulfo: o apóstolo da caridade**. São Bernardo do Campo: Correio Fraterno, 1979.

WANTUIL, Zeus; THIESEN, Francisco. **Allan Kardec: meticolosa pesquisa bibliográfica**. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1979.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Angélica A. S. **Uma fábrica de Loucos: psiquiatria X espiritismo no Brasil (1900 – 1950)**. 2007. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2007.

ANDRADE, Mariza Guerra de. **A educação exilada: Colégio do Caraça**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ANUNZIATA, Antonio Henrique Felice. **O patrimônio ferroviário e a cidade: a Companhia Mígiana de Estradas de Ferro e Campinas (1872 – 1971)**. 2013. 903f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2013.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BASTOS, Maria Helena Camara; FILHO, Luciano Mendes de Faria. (Org.). **A escola elementar no século XIX: O método monitorial/mútuo**. Passo Fundo: Ediupf, 1999.

BIGHETO, Alessandro César. **Eurípedes Barsanulfo, um educador espírita na Primeira República**. 2006. 198 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

BIGHETO, Alessandro Cesar. **Eurípedes Barsanulfo: um educador de vanguarda na Primeira República**. 2. ed. Bragança Paulista-SP: Editora Comenius, 2007.

BOM MEIHY; LEVINE. **Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus**. Sacramento-MG: Editora Bertolucci, 2015.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (Org.). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2004.

BRETTAS, Anderson. **Eurípedes Barsanulfo e o Collégio Allan Kardec: capítulos de História da Educação e a gênese do espiritismo nas terras do Paranaíba e Triângulo Mineiro (1907 – 1918)**. 2006. 244 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

CACETE, Núria Hanglei. Breve história do ensino superior brasileiro e da formação de professores para a escola secundária. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 4, p. 1061-1076, out./dez. 2014.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Unesp, 1999.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CATANI, Denice Barbara. A imprensa periódica educacional: as revistas de ensino e o estudo do campo educacional. **Educação e Filosofia**, 10 (20) p. 115 – 130, jul./dez. 1996.

CERCHI, Carlos Alberto. **Memória Fotográfica de Sacramento**: 1900 – 2000. Sacramento-MG: Art's Editoração, 2004.

CHAMON; FARIA FILHO; ROSA. (Org.). **Educação Elementar: Minas Gerais na primeira metade do século XIX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

COLOMBO, Dora Alice (Dora INCONTRI). **Pedagogia Espírita**: um projeto brasileiro e suas raízes histórico-filosóficas. 2001. 338 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo - Feusp, São Paulo, 2001, p. 211.

CUNHA, Luiz Antônio. **A Educação Brasileira na Primeira Onda Laica**: do Império à República. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2017.

DARNTON, Robert. **O lado oculto da Revolução**: Mesmer e o final do iluminismo na França. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

DEL PRIORE, Mary. (Org.). **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999.

DUPRONT, Alphonse. A religião: Antropologia religiosa. LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História**: novas abordagens. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

ELIADE, Mircea. **O mito do Eterno Retorno**: cosmo e história. São Paulo: Mercuryo, 1992.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de Faria Filho; VEIGA, Cynthia Greive. (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Dos pardieiros aos palácios**: forma e cultura escolar em Belo Horizonte (1906 – 1918). Uberlândia: EDUFU, 2014.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; CHAMON, Carla Simone; ROSA, Walquíria Miranda. (Org.). **Educação elementar**: Minas Gerais na primeira metade do século XIX. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

FERNANDES, Paulo César da Conceição. **As origens do Espiritismo no Brasil**: Razão, Cultura e Resistência no Início de uma Experiência (1850 – 1914). 2008. 139f. Dissertação (Mestrado). Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília/UnB, Brasília, 2008.

GATTI JÚNIOR, Décio. A pedagogia tecnicista no contexto brasileiro do golpe militar de 1964: o projeto educacional do Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (1961-1972). **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 9, n. 1 . jan./jun. 2010.

GATTI JÚNIOR, Décio. A pedagogia tecnicista no contexto brasileiro do golpe militar de 1964: o projeto educacional do Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (1961-1972). **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 9, n. 1 . jan./jun. 2010.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich, 1770-1831. **A Razão na história: uma introdução geral à filosofia da História**. 2.ed. São Paulo: Centauro, 2001.

HESS, David John. **Spirits and Scientists: Ideology, Spiritism and Brazilian Culture**. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 1991.

INÁCIO, Marcilaine Soares. **O processo de escolarização e o ensino de primeiras letras em Minas Gerais (1825 – 1852)**. 2003. 232 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

INCONTRI, Dora. **Pedagogia Espírita: um projeto brasileiro e suas raízes**. 3. ed. Bragança Paulista-SP: Editora Comenius, 2012.

INCONTRI, Dora. **Pestalozzi: educação e ética**. São Paulo: Scipione, 1997.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Sacramento: Editora Bertolucci, 2007.

LAPLANTINE, François; AUBRÉE, Marion. **La Table, le Livre et les Esprits**. Paris: Ed. Lattés, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1992.

LE MOS, Daniel Cavalcanti de Albuquerque. Os cinco olhos do diabo: os castigos corporais nas escolas do século XIX. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 627-646, maio/ago. 2012.

LOPES, Eliane Marta Teixeira (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURENÇO, Luís Augusto Bustamante. **A oeste das minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista – Triângulo Mineiro (1750 – 1861)**. Uberlândia: EDUFU, 2010.

LUZ, Estêvão de Melo Marcondes. **Um legislador nas Gerais: vida e obra do Cônego Hermógenes Casimiro de Araújo Brunswik (1783 – 1861)**. 2008. 165 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” UNESP, Franca, 2008.

MÍKOLA, Nádia. **Uma “medicina espiritual?”**. 2012. 199 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

NABUT, Jorge Alberto. (Org.). **Desemboque: documentário histórico e cultural**. Uberaba: Fundação Cultural de Uberaba e Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1986.

NETO, Wenceslau Gonçalves; CARVALHO, Carlos Henrique. (Org.). **Ação Municipal e Educação na Primeira República no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015.

NEVES, Fátima Maria. **O Método Lancasteriano e o Projeto de Formação disciplinar do povo (São Paulo, 1808-1889)**. 2003. 293 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”/UNESP, Assis, 2003.

NUNES, Beatriz Helena P. Costa. et al. **Em torno de Rivail: o mundo em que viveu Allan Kardec**. Bragança Paulista-SP: Lachâtre, 2004.

OLIVEIRA, Paulo Roberto de. **Para além do Rio Grande: os impactos da economia paulista sobre o Triângulo Mineiro**. História, v. 27, n.2, p. 203 – 222, 2008.

OLIVEIRA, Ricardo Monezi Julião de. **Efeitos da prática do Reiki sobre aspectos psicofisiológicos e de qualidade de vida de idosos com sintomas de estresse: estudo placebo e randomizado**. 2013. 165 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Paulo. Escola Paulista de Medicina. Programa de Pós-Graduação em Psicobiologia, São Paulo, 2013.

PIMENTEL, Marcelo Gulão. **O método de Allan Kardec para investigação dos fenômenos mediúnicos (1854 – 1869)**. 2014. 156 f. Dissertação (Mestrado em Espiritualidade e Saúde) – Programa de Pós-Graduação em Saúde, Núcleo de Pesquisa em Espiritualidade e Saúde, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

QUINN, Susan. **Marie Curie: uma vida**. Tradução de Sonia Coutinho. São Paulo: Scipione, 1997.

ROUSSEAU. Emílio ou Da Educação. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SANTANA, Alessandro Abdala. **Habitantes do sertão: homens livres e escravos no Julgado do Desemboque-MG (1783-1873)**. 2008. 73 f. Monografia (Graduação em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” UNESP, Franca, 2008.

SAVIANI, Dermeval. et al. **O legado educacional do século XIX**. 3. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2014.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2008.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de Memórias em Terras de História: Problemáticas Atuais. In.: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (Org.). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2004.

SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**. 30 (núm. esp.), 8-41, 2010.

VALDEMARIN, Vera Teresa. **Estudando as Lições de Coisas: análise dos fundamentos filosóficos do Método de Ensino Intuitivo**. Campinas-SP: Autores Associados, 2004.

## ANEXO

### **A – ACORDO E SÍNTESE DA POLÊMICA RELIGIOSA CATÓLICO-ESPÍRITA, HAVIDA EM SACRAMENTO, EM 28 DE OUTUBRO DE 1913, ENTRE PADRE FELICIANO IAGUE E EURÍPEDES BARSANULFO.**

ACORDO E SÍNTESE DA POLÊMICA RELIGIOSA CATÓLICO-ESPÍRITA, HAVIDA EM SACRAMENTO, EM 28 DE OUTUBRO DE 1913, ENTRE PADRE FELICIANO IAGUE E EURÍPEDES BARSANULFO.

#### Acordo

Aos vinte e oito do mês de outubro, do ano de Cristo de 1913, em casa do coronel presidente e agente executivo da Câmara Municipal de Sacramento, José Affonso de Almeida, presentes na sala de visitas, entre outros cavalheiros, cujas assinaturas se seguem abaixo, os senhores reverendo Feliciano Iague, missionário do Imaculado Coração de Maria, e Eurípedes Barsanulfo, no gozo do direito que lhes faculta a Constituição Federal, convencionaram-se:

O primeiro a provar:

- (a) O Espiritismo é o ateísmo
- (b) Os fatos preternaturais do Espiritismo não se podem explicar sem a intervenção diabólica.
- (c) O Espiritismo não é religião.
- (d) O Espiritismo não é ciência.

O segundo desses senhores provará o contrário.

Combinaram-se mais que falaria alternadamente meia hora cada um, por espaço de 2 horas.

A discussão começará às 7 horas.

Do que combinaram lavrou-se a presente ata, que vai assinada por ambos e por alguns membros da reunião.

Pe. Feliciano Iague C. M. I.

Eurípedes Barsanulfo

Padre Julião Nunes

José Affonso de Almeida

Origenes Tormin

Wattersides Willon



### Síntese

Em virtude do juízo contravertido, reinante no espírito público, relativamente à polêmica religiosa Católico-Espírita, havida entre mim e padre Feliciano, resolvi constituir juiz da mesma todo aquele que dela tiver ciência, e para tanto dou aqui o seu resumo, cuja publicidade peço a todos os jornais a que interessam tais assuntos.

### O ESPIRITISMO É O ATEÍSMO

Porque, disse padre Feliciano, negando um atributo Divino, está negado Deus. Cristo, Deus, no entender da Igreja, afirma a existência do inferno; enquanto o espiritismo a nega. Ora, Jesus não podia contradizer-se; se contradisse, deixou de ser Deus. Em outros termos: Deus declara existir o inferno; o Espiritismo o nega; logo, o Espiritismo acha Deus ignorante, porque ignora a inexistência do inferno; ou mentiroso, porque, em a sabendo, declara ser real a sua existência.

- Eurípedes responde:

O ateísmo nega Deus. O Espiritismo o afirma. Logo, o Espiritismo não é ateísmo. O Espiritismo não contradiz o Cristo, este afirma por palavras e fatos a pluralidade das existências, hoje verificada cientificamente pelas experiências de Estevão Marata, coronel De Rochas, príncipe Galitzin, etc.; e pela memória de outras vidas que tiveram, Lamartine, José Mery e outros muitos homens ilustres e sábios. Ora, a reencarnação, “o tornar a nascer”, exclue o inferno pagão, vulgarizado pela Igreja Católica e outras. Logo, o Cristo, ensinando o “nascer de novo” não afirmou, nem poderia tê-lo afirmado, o lugar para onde se entrando, de lá não mais se sai. Não podia ensinar ou afirmar o inferno, como o compreende a Igreja, porque mantido o critério da negação de um atributo divino, negado está Deus, a mansão de penas eternas é a mais formal negação da justiça, do amor, da sabedoria divinos; do que se conclue: existindo o inferno, não existe Deus: existindo Deus não existe o inferno.

### OS FENÔMENOS PRETERNATURAIS DO ESPIRITISMO SÃO DIABÓLICOS, DISSE PADRE FELICIANO

São diabólicos, disse ele, porque as almas não tendo sentidos, porque não têm corpo, não podem comunicar-se; os anjos não veem às sessões espíritas, porque não praticam atos ridículos, como os das danças das mesas, das quedas dos móveis, etc. Logo, não sendo as almas nem os anjos que lá se manifestam, é realmente o demônio ou Satanás.

Barsanulfo fala:

Fenômeno preternaturais ou milagres, como o entende a Igreja, ignora-os absolutamente o orador: porque sabe que todo fenômeno ocorrido no universo, se verifica em virtude das leis naturais, e que toda lei natural tem, entre outros caracteres, os de: 1-ser eterna, 2- universal: do que infere serem naturalíssimos os fenômenos espíritas, mesmo porque longe está o homem de conhecer todas as leis da natureza.

Diabólicas também não são as manifestações verificadas nos centros espíritas, como a toda a parte, por homens de provada honorabilidade e saber; Não o são: *primo*, porque sublata causa, tollitur effectus, suprimida a causa, cessa o efeito: o demônio ou Satanás, como entende a Igreja, não existe, afirmam-no a lógica, o bom senso, a razão, os atributos divinos e a lei do progresso, a que se subordinam seres e cousas – e jamais desmentida pela natureza; *secundo*, porque contra fatos não há argumentos: S. Agostinho fala em receber conselhos e avisos do Além, da parte de Santa Mônica; no monte Tabor, o Cristo põe-se com os seus discípulos em relação visível e audível com Elias e Moisés; os Evangelistas narram as aparições e a fala dos mortos aos de Jerusalém, logo após o terremoto que se seguiu á morte de Jesus; a aparição, no sepulcro do Cristo, de espíritos de mancegos à Magdalena e a outras; e para coroar tais fatos, ensinar e declarar que são mais do que possíveis as comunicações dos mortos com os vivos, Jesus, com a sua iniludível autoridade, se mostra aos discípulos, se lhes apresenta, depois de decorridos 3 dias de sua morte, e com eles, ensinando e doutrinando, permanece quarenta dias; para não se tornar prolixo, o orador lembra em definitiva, os ensinamentos da Igreja, dos quais o seu representante, de momento, se mostra esquecido, sobre as aparições de Lourdes; as de Margarida e outros espíritos a Joana d’Arc; dos santos e dos mortos a muitos, e o assinalamento da parte da Igreja de anjos da guarda propostos à guarda de cada fiel.

## O ESPIRITISMO NÃO É RELIGIÃO

Declara padre Feliciano que religião é o conhecimento das relações existentes entre o homem e a divindade, que toda religião tem dogmas, princípios e culto interno e externo e deveres para com Deus e o homem; o Espiritismo não os tem; logo não é religião.

Eurípedes disse ser o Espiritismo religião, filosofia, moral: define o dicionário Aulete: “Religião, s.f faculdade ou sentimento que nos leva a crer na existência de um ente supremo como causa, fim ou lei universal”. Ora, nenhuma religião proclama melhor do que o Espiritismo a existência de Deus, nem melhor lhe reconhece o infinito das perfeições, pois na revelação de seus princípios nada se encontra que negue os atributos divinos.

É moral e é religião: porquanto ensina a todos a solidariedade e justiça, o amor e o

progresso, quando, com Jesus, aconselha: “Não façais a outrem o que não quereis se vos faça”. “Amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a vós mesmo.”.

#### O ESPIRITISMO NÃO É CIÊNCIA.

Não é ciência, disse padre Feliciano, porque toda ciência tem princípios dos quais se podem tirar deduções lógicas e rigorosas; ora, o Espiritismo não os tem: logo não é ciência.

Eurípedes fala ser o Espiritismo ciência positiva: porque é a ciência do espírito, da natureza íntima do homem, dos seus destinos e fim. É positiva, porque tem sua origem nos fatos: o magnetismo, a hipnose, o sonambulismo, a radioatividade de todos os corpos e de todos os seres, o êxtase, as visões e aparições de fantasmas dos vivos e mortos, a telepatia e todos os múltiplos fenômenos psicológicos, observados por inúmeros sábios de todos os tempos e lugares.

Eis, em súmula, a essência do que ocorreu na polêmica religiosa havida entre mim e o padre Feliciano Iague, pregador de Campinas, e então em Sacramento.

Sacramento, 1 de 11/1913.

EURÍPEDES BARSANULFO